

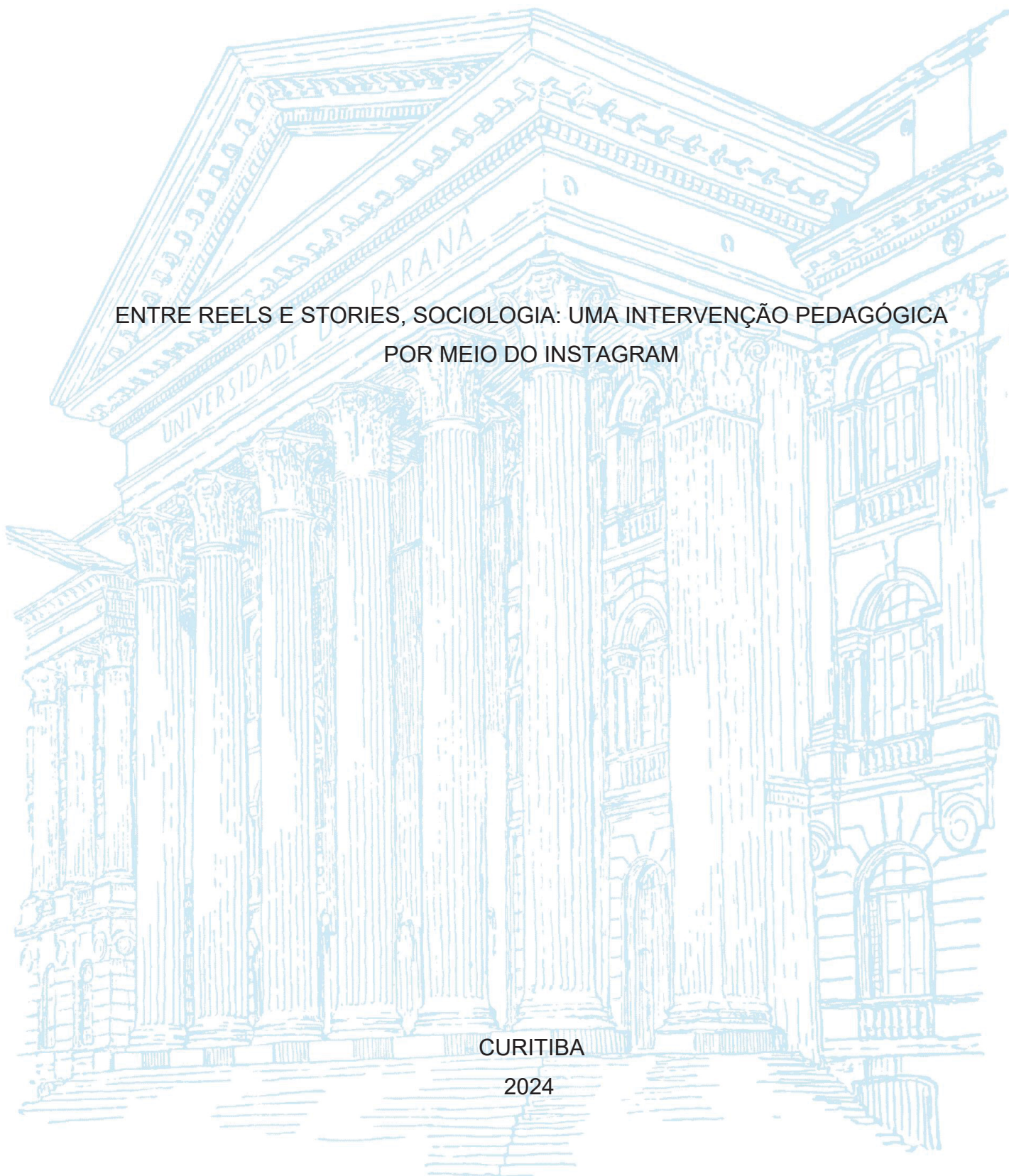
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ALINE DE AZEVEDO

ENTRE REELS E STORIES, SOCIOLOGIA: UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA
POR MEIO DO INSTAGRAM

CURITIBA

2024



ALINE DE AZEVEDO

ENTRE REELS E STORIES, SOCIOLOGIA: UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA
POR MEIO DO INSTAGRAM

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional, Setor de Ciências Humanas, da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Carbonieri Campoy

CURITIBA

2024

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Azevedo, Aline de

Entre reels e stories, sociologia : uma intervenção pedagógica
por meio do Instagram. / Aline de Azevedo. – Curitiba, 2024.

1 recurso on-line : PDF.

Mestrado (Dissertação) – Universidade Federal do Paraná,
Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em
Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Carbonieri Campoy

1. Ensino de sociologia. 2. Instagram. 3. Tecnologias digitais.
4. Redes sociais. I. Campoy, Leonardo Carbonieri. II. Universidade
Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Sociologia.
III. Título.

Bibliotecário: Dênis Junio de Almeida CRB-9/2092



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIOLOGIA EM REDE
NACIONAL - 25016016039P8

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **ALINE DE AZEVEDO** intitulada: **Entre Reels e stories, sociologia: uma intervenção pedagógica por meio do Instagram.**, sob orientação do Prof. Dr. LEONARDO CARBONIERI CAMPOY, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 19 de Setembro de 2024.

Assinatura Eletrônica

19/09/2024 22:49:23.0

LEONARDO CARBONIERI CAMPOY

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

19/09/2024 19:07:02.0

LARA ROBERTA RODRIGUES FACIOLI

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

20/09/2024 13:15:09.0

FERNANDA FEIJÓ

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS)

Rua General Carneiro, 460 - 9º andar - sala 908 - Curitiba - Paraná - Brasil

CEP 80060-150 - Tel: (41) 3360-5173 - E-mail: profsocio@ufpr.br

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 398885

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://siga.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp>
e insira o código 398885

Aos meus alunos e alunas.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho só foi possível graças à atenção, à dedicação, à paciência e ao grande incentivo que tive de meu orientador Prof. Dr Leonardo Cambonieri Campoy. Há anos admiro seu trabalho, sua didática, sua inteligência e agora posso admirar também sua capacidade de orientar da melhor maneira possível. Desde a graduação tem me inspirado na docência e foi uma grande surpresa reencontrá-lo no mestrado. Serei eternamente grata por ter acreditado no projeto, pelos ensinamentos, e por todo apoio nesse difícil processo de escrita. Meus mais sinceros agradecimentos.

Aos meus alunos e alunas que são a causa desse trabalho e com quem aprendi muito nesses últimos anos. Desde os alunos distantes, do ensino remoto, das mais variadas cidades, que apoiaram meu trabalho com carinho, até os alunos que foram os interlocutores da pesquisa, que colaboraram nas aulas e que me fizeram mais professora a cada dia. Sou grata por todo o retorno em sala de aula ou Instagram, mas também agradeço toda recomendação de músicas, filmes, séries e livros, que formaram grande parte do meu repertório cultural e agradeço por permitirem serem tocados pela sociologia através de mim.

Ao meu companheiro de vida, Gildo, que me apoiou incondicionalmente nesse processo. Não foi fácil escrever uma dissertação trabalhando 40 horas semanais em diferentes escolas, usando transporte coletivo, me deslocando de cidade para as aulas, cuidando e educando nossa filha de 7 anos, mas foi possível pelos esforços que ele se dispôs a fazer. Certamente sem ele teria sido mais difícil. E agradeço também à Heloísa, minha filha. Pela paciência e companhia.

Como não poderia deixar de ser, à minha mãe, Giane, que não pôde me presentear com capital intelectual e cultural, mas que batalhou a vida toda como empregada doméstica para me sustentar sozinha e ainda não poupou esforços para me apoiar nos estudos.

A existência do PROFSOCIO, que descobri no momento em que estava desiludida com a possibilidade de entrar para a pós-graduação, devido às demandas do trabalho de professora. O que seria um obstáculo em um programa de mestrado acadêmico, tornou-se um requisito no profissional. Aproveito para agradecer aos meus colegas de turma pelo compartilhamento das angústias e alegrias. Mas principalmente aos professores e professoras do programa, sempre muito

compreensivos com nossas condições e que ministraram aulas incríveis nas disciplinas. Prof.^a Dr^o Marisete Teresinha Hoffmann Horochovski, por confiar em meu projeto lá no início e que, junto ao professor Fagner, deram um ótimo pontapé inicial nos mestrados com a matéria de metodologia de ensino. Prof.^a Dr^a Simone Meucci, por nos inspirar a ser melhores professores de sociologia e nos surpreender com sua maneira de nos fazer enxergar as teorias sociológicas clássicas. Prof.^a Dr^a Valéria Floriano Machado, pela empatia, alegria e debates enriquecedores. Prof.^a Dr^a Fernanda Landolfi Maia, e Prof. Dr^o Luiz Belmiro Teixeira pelas boas aulas, assertividade e generosidade em cada apontamento. Não poderia deixar de mencionar a técnica assistente administrativa Luciane Fernandes por todo auxílio e receptividade.

À banca de qualificação, pela leitura cuidadosa e apontamentos pertinentes, e a banca final pela disponibilidade.

Muito obrigada.

“Educação não é sobre encher um balde, mas sobre acender um fogo”

Yeats

RESUMO

Esta pesquisa concentrou esforços na aplicação de uma intervenção pedagógica – em duas escolas públicas de São José dos Pinhais-PR – a partir do uso do Instagram nas aulas de sociologia. Atualmente, as vivências juvenis e escolares estão umbilicalmente vinculadas às redes sociais. Entretanto, o ensino escolar parece não considerar, ou até mesmo evitar, tal conexão. Por ter sido realizado por meio de tecnologias digitais, o ensino remoto emergencial evidenciou a centralidade das redes sociais nas vivências juvenis e escolares e, assim, representou uma interpelação aos professores no que diz respeito ao uso das redes para fins educacionais. Na encruzilhada entre a plataformização do ensino e a negação das novas tecnologias no campo educacional, essa pesquisa aponta para um caminho que se aproxima das vivências dos adolescentes, em uma proposta que inclui a criação de conteúdos sociológicos pelos estudantes no Instagram, promovendo uma interação mais dinâmica e reflexiva, contribuindo para o debate sobre a incorporação das tecnologias digitais no ensino.

Palavras-chave: ensino de sociologia; tecnologias digitais; Instagram.

ABSTRACT

This research focused efforts on applying a pedagogical intervention – in two public schools in São José dos Pinhais-PR – using Instagram in sociology classes. Currently, youth and school experiences are umbilically linked to social networks. However, school teaching seems not to consider or even avoid such a connection. Because it was carried out using digital technologies, emergency remote teaching highlighted the centrality of social networks in youth and school experiences and, thus, represented a challenge to teachers regarding the use of networks for educational purposes. At the crossroads between the platformization of teaching and the denial of new technologies in the educational field, this research points to a path that approaches the experiences of teenagers, in a proposal that includes the creation of sociological content by students on Instagram, promoting a more dynamic interaction and reflective, contributing to the debate on the incorporation of digital technologies in teaching.

Keywords: sociology teaching; digital technologies; Instagram.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: RELAÇÃO DE POSTS POR TURMA.....	45
---	----

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – SLIDES 1	37
FIGURA 2 - SLIDE 2.....	37
FIGURA 3 - SLIDES 3 E 4.....	37
FIGURA 4 - SLIDES 7 E 8.....	38
FIGURA 5 - SLIDES 9 E 10.....	38
FIGURA 6 - ALGUNS DOS SLIDES USADOS NA AULA	46
FIGURA 7 - POST 2ºD: SURGIMENTO DA SOCIOLOGIA	47
FIGURA 8 - SLIDES IMAGINAÇÃO SOCIOLÓGICA.....	48
FIGURA 9 - CALEIDOSCÓPIO	49
FIGURA 10 - CRUZADINHA	50
FIGURA 11 - POST IMAGINAÇÃO SOCIOLÓGICA	50
FIGURA 12 - VÍDEO NA ACADEMIA.....	51
FIGURA 13 - COMENTÁRIOS NO POST	52
FIGURA 14 - STORIES DA AULA.....	52
FIGURA 15 - STORIES DA AULA.....	53
FIGURA 16 - POST AUGUSTE COMTE.....	53
FIGURA 17 - KAHOOT DURKHEIM	54
FIGURA 18 - PARÓDIA DURKHEIM	54
FIGURA 19 – PARTE DO POST SOBRE DURKHEIM	55
FIGURAS 20 - POST LUTA DE CLASSES	56
FIGURAS 21 - POST CINEMARX.....	57
FIGURA 22 - REFERÊNCIA DE FILME	57
FIGURA 23 - ARTE EM FORMA DE PROTESTO	58
FIGURA 24 - PROTAGONISMO QUEER E NÃO-BRANCO.....	59
FIGURA 25 - FILME PRIDE	59
FIGURA 26 - CINEMA MUDO.....	60
FIGURA 27 - CINEMA POLÍTICO ITALIANO.....	60
FIGURA 28 - POST LUTA DE CLASSES 3ªA.....	61
FIGURA 29 - MEMES LUTA DE CLASSES	62
FIGURA 30 - CONTRADIÇÕES DO CAPITALISMO	63
FIGURAS 31 - POST DE GRUPO DO NOTURNO - MARX.....	64
FIGURA 32 - POST CAPITALISMO	64

FIGURA 33 - SLIDES MAX WEBER	65
FIGURA 34 - POST MAX WEBER	65
FIGURA 35 - POST WEBER.....	66
FIGURA 36- SLIDES ANTROPOLOGIA	67
FIGURA 37 - POST ANTROPOLOGIA	68
FIGURA 38 - POST ETNOCENTRISMO E RELATIVISMO	68
FIGURA 39 - SLIDES TRABALHO NAS DIFERENTES SOCIEDADES	69
FIGURA 40 - DADOS DESIGUALDADES.....	70
FIGURA 41 - VÍDEO DESIGUALDADE	71
FIGURA 42 - POST DESIGUALDADE	71
FIGURA 43 - KAHOOT TOYOTISMO	72
FIGURA 44 - POST FORDISMO E TOYOTISMO.....	73
FIGURA 45 - VÍDEO 2ºB.....	73
FIGURA 46 - POST DIREITOS TRABALHISTAS	74
FIGURA 47 - POST DEMOCRACIA.....	75
FIGURA 48 - POST CIDADANIA E DIREITOS	76
FIGURA 49 - POST MOVIMENTOS SOCIAIS	77
FIGURA 50 - CONTINUAÇÃO MOVIMENTOS SOCIAIS	78
FIGURA 51 - POST MOVIMENTO LGBT	79
FIGURA 52 - POST INDÚSTRIA CULTURAL 2ºB	81
FIGURA 53 - VÍDEO INDÚSTRIA CULTURAL	82
FIGURA 54 - QRCODE PARA O VÍDEO	82
FIGURA 55 - QRCODE VÍDEO 2.....	82
FIGURA 56 - VÍDEO 2 INDÚSTRIA CULTURAL.....	83
FIGURA 57 - INDÚSTRIA CULTURAL - TAYLOR SWIFT	84
FIGURA 58 - MÍDIA, INFORMAÇÃO E CULTURA	85
FIGURA 59 - SLIDES GÊNERO	86
FIGURA 60 - FANZINES "SER MULHER NO BRASIL"	87
FIGURA 61 - POST GÊNERO	87
FIGURA 62 - GÊNERO E SEXUALIDADE.....	88
FIGURA 63 - GÊNERO E AMBIENTE ESCOLAR	88
FIGURA 64 - GÊNERO	89
FIGURA 65 - POST QUESTÃO RACIAL	90
FIGURA 66 - QUESTÃO INDÍGENA.....	90

FIGURA 67 - STORIES: ARTE E MÚSICA	91
FIGURA 68 - STORIES MÚSICAS.....	92
FIGURA 69 - STORIES	92
FIGURA 70 - COMPARTILHAMENTOS	93
FIGURA 71 - MÚSICA MARVIN	93
FIGURA 72 - MÚSICA TITÃS.....	94
FIGURA 73 - NOTÍCIAS.....	94
FIGURA 74 - DISCRIMINAÇÃO RACIAL E NEM.....	95
FIGURA 75 - REVOGAÇÃO NO NEM/RECOMENDAÇÃO DE FILME	95
FIGURA 76 - PAULO FREIRE	96
FIGURA 77 - MEMES FILME BARBIE	96
FIGURA 78 - MEMES	97
FIGURA 79 - MEME MARX/RECOMENDAÇÃO DE FILME	97
FIGURA 80 - LUTA ANTIRRACISTA/MEME MARX	98
FIGURA 81 - CHICO MENDES/REGISTRO PASSEIO	98

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

ERE - Ensino Remoto Emergencial

LGBTQIA+ - Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersexuais e assexuais

RCO - Registro de Classe Online

SEED/PR - Secretaria de Estado da Educação e do Esporte

TIC's – Tecnologia da informação e comunicação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 EDUCAÇÃO E NOVAS TECNOLOGIAS: CAMINHOS POSSÍVEIS.....	26
2.1 EM QUE TIPO DE EDUCAÇÃO CABEM ESSAS REDES?	30
3 A INTERVENÇÃO: FAZENDO SOCIOLOGIA NO INSTAGRAM	35
3.1 COLÉGIO CHICO MENDES: NAS ENTRELINHAS DO CÍVICO MILITAR	39
3.2 OBSTÁCULOS PRESENCIAIS E VIRTUAIS DO ENSINO NOTURNO: COLÉGIO BARRO PRETO	42
3.3 PRIMEIROS TEMAS: O SURGIMENTO DA SOCIOLOGIA E DAS PÁGINAS ...	45
3.4 POLÍTICA E DESIGUALDADE: O SEGUNDO TRIMESTRE NO INSTAGRAM..	69
3.5 TRIMESTRE FINAL: CULTURA E DIVERSIDADE	79
3.5.1 Percorrendo os mesmos caminhos, criando sentido juntos: o relato dos alunos	99
4. DA LOUSA AO FEED: ANALISANDO A INTERVENÇÃO	103
REFERÊNCIAS.....	109

1 INTRODUÇÃO

Não fui uma adolescente das mais antenadas às redes sociais. Mesmo fazendo parte da geração Z, que cresceu com a chegada e ascensão das mídias digitais, fatores, como a condição econômica, fizeram-me chegar sempre atrasada nesses espaços. Quando criança, lembro-me de amigas que já utilizavam Orkut e MSN, as grandes redes sociais do momento. Eu, porém, não possuía computador – numa época em que os aparelhos móveis ainda não eram smartphones e as redes só podiam ser acessadas por computadores de mesa. Assim como muitos dos meus colegas professores, cresci numa condição de dificuldades materiais. Filha de mãe empregada doméstica e pai quase sempre desempregado, tive pouco acesso a muitos recursos, principalmente os tecnológicos. Aos 11 anos, ganhei um computador dos padrões da minha mãe, que haviam comprado para si um modelo mais moderno. Porém, nunca tive rede de internet em casa. Isso só foi acontecer aos 21 anos, já finalizando a graduação. Até lá, sobrevivi com a conectividade limitada de aparelhos celulares e os laboratórios da faculdade.

Aos 13 anos, uma amiga criou uma conta de Orkut para mim, para que eu não ficasse tão desatualizada. Já era o último ano em que se usava essa rede, nem mesmo cheguei a utilizar a plataforma. Pelo que me lembro, meu único contato foi colocando uma foto de perfil. Não consegui matar a curiosidade de conhecer e procurar comunidades para fazer parte. Na mesma época, chegava o Twitter ao Brasil. Influenciada pelos programas de TV que via na MTV e pelo anseio de seguir os artistas pop do momento, criei um perfil, usando o computador de uma amiga. Minha estadia nessa rede também foi curta, devo ter alimentado com postagens apenas três vezes, com a sorte de ter essa amiga com computador perto de casa. Usava como perfil uma foto da Selena Gomez, minha artista *teen* preferida. E até meu nome era um pseudônimo: Aline Marie Gomez. Acho que o que eu mais gostava nessas redes era não só a possibilidade de ser uma pessoa diferente da vida real, mas também de mostrar quais eram meus gostos e chamar atenção de quem gostasse das mesmas coisas.

Foi com o Facebook que isso se tornou mais possível em minhas vivências. Depois de um tempo em que todo mundo já estava usando e muita insistência dos amigos, criei minha conta nele. Era 2012 e eu usava o computador de uma tia. Me lembro da euforia de poder encontrar meus colegas nesse espaço, usar o bate-

papo, e escolher quais eram minhas preferências de livros e filmes. Durante aquele ano, dediquei algum esforço frequentando *lan houses* para continuar compondo meu perfil online, encontrando páginas que me representavam e que mostrariam minha identidade às outras pessoas. Isso sem mencionar é claro, as conversas no bate-papo. Inclusive, é nostálgico passear por conversas antigas e ver comentários como “tchau, estou saindo”, num tempo em que os aplicativos e notificações praticamente não nos permitem mais “sair” dessas redes. E por anos o Facebook foi a única rede social que usei.

Foi nele que comecei a pensar sobre política. Durante as eleições de 2014 vi memes e discussões sobre os partidos e candidatos que me fizeram questionar porque as pessoas apoiavam uma coisa ou outra. Explorava as páginas, pesquisava na internet e até cheguei a procurar alguns livros para entender melhor o que via ali. Discorrendo sobre isso, lembrei de um fato muito específico e relevante para esse relato: o Facebook serviu como ambiente em que meus colegas e eu mantivemos contato com um importante professor de violão que tivemos. Embora fosse professor de música, ele nos influenciou nos mais diversos tópicos, como política, filosofia e literatura. E foi no bate-papo do Facebook que eu consegui pedir referências e debater esses diversos assuntos com ele. Foi numa conversa dessas que descobri que Fernando Collor e FHC não eram a mesma pessoa. Em outras, recebi recomendações de livros, filmes e vídeos do Youtube que foram de extrema importância para minha formação intelectual –um tipo de formação que não teria com minha família ou amigos. As pessoas do meu núcleo familiar não possuíam ensino médio completo ou um repertório cultural e intelectual que fosse além da igreja pentecostal. Foi a socialização secundária e, sobretudo, as mídias que fizeram-me ampliar o repertório e até mesmo aproximar-me das ciências sociais.

Ainda em minha adolescência, outras redes tinham bastante popularidade entre os jovens, como o Tumblr, o Snapchat, e o Instagram, quando surgiram. Como essas redes tinham um foco maior em fotografias, que não era algo de que eu tinha muito apreço, não fiz uso. É também nesse período que o Youtube teve seu grande apogeu. Não posso dizer que fui a maior consumidora dessa mídia, pelas dificuldades de acesso já mencionadas, mas, sempre que tinha oportunidade acessava canais de música, educação e entretenimento no ambiente online. Revendo minha trajetória percebo que as mídias sociais estavam sempre tangenciando e participando da construção de minha identidade, na autodescoberta

dos interesses, paixões e valores. Ao menos, sempre estive procurando brechas para fazer parte desse mundo em que a maioria dos adolescentes e jovens já habitavam e ali poder socializar.

Durante aqueles anos, os celulares, tecnologias e redes sociais foram ganhando espaço e se tornando pauta de muita discussão sobre seus usos entre os adolescentes e, principalmente, dentro do espaço escolar (e como evitá-los). A relação da minha educação escolar com as novas tecnologias foi mínima. Durante os primeiros níveis de ensino, a escola dispunha de um laboratório de informática, que funcionava quase que como uma bonificação. Eram os momentos especiais em que podíamos usar os computadores, majoritariamente para jogar joguinhos ou desenhar no Microsoft Paint.

No contraturno escolar, estudei em uma instituição filantrópica de assistência social que me possibilitou frequentar laboratórios de computadores. Primeiramente, fiz uso da oferta de curso de informática oferecida, que frequentei durante anos e sempre gostei muito. O que ainda tem muito a ver com a condição de classe social. Não foi só com a informática, fiz bom uso de praticamente todos os cursos e projetos que essa instituição oferecia, como as aulas de violão que mencionei antes. Violão, violino, canto coral, teclado, dança, italiano, culinária, crochê, entre outros. Era o mundo dos sonhos para pré-adolescentes em vulnerabilidade social que não teriam acesso a essas ferramentas em nenhum outro lugar. Além das formações, havia também alguns espaços de lazer, dentre eles a chamada 'sala de internet'. Nela podíamos passar algum tempo livre, com algumas restrições, podendo navegar na web. Redes sociais não eram permitidas e o acesso ao Youtube derrubava a conexão dos outros dispositivos (velhos tempos). Ainda assim, eu passava bastante tempo naquele espaço realizando atividades escolares ou acessando blogs de entretenimento.

Assim como as escolas em que hoje leciono, estudei em escola pública na região periférica de São José dos Pinhais. Durante todo meu ensino médio, o único fragmento de novas tecnologias que apareceu em sala de aula foi o uso do laboratório de informática em uma aula de matemática com propósito de usar uma plataforma de geometria. Concluí o ensino médio em 2015 e, em menos de 10 anos, há uma distância abismal nesse sentido. Agora, existem inúmeras plataformas

(Inglês Paraná, Redação Paraná, Leia Paraná, Matific, Alura, Scratch, Edu Tech) e a exigência de que os professores as utilizem¹. Há laboratórios comuns, laboratórios móveis (tablets e notebooks) e redes de Wi-Fi disponíveis aos estudantes. O que não mudou de lá pra cá foi a proibição, em quase todas as escolas, do uso de celular em sala.

Tendo revisitado minha relação com as tecnologias durante todo meu percurso escolar, parto agora à minha graduação em Ciências Sociais. Chegando à universidade em 2016, encontro uma realidade muito diferente àquela do colégio. Com o auxílio do ProUni (Programa Universidade para Todos), me insiro em uma das universidades mais modernizadas do Paraná. Nela, desde a consulta à grade curricular e horários de aula até atividades avaliativas, tudo era realizado em plataformas digitais. Ali, aquelas aulinhas de informática me salvaram, pelo menos com as normas ABNT e o pacote Office, tendo em vista que a escola regular em si nunca me preparou para nada disso. No que tange às redes sociais, além do grupo de WhatsApp da turma, que costuma ser um alento aos perdidos com prazos, também participávamos e participamos até hoje de grupos no Facebook com a turma, veteranos e professores, nos quais se compartilha sobre eventos acadêmicos, vagas de emprego, e vários outros assuntos de suma importância à sobrevivência acadêmica. Além disso, gostava muito de encontrar meus próprios professores nesse espaço. Mas o que nos interessa aqui é o relato de uma atividade específica durante o percurso da graduação.

Na matéria de Práticas de Ensino, por volta do 6º período, o professor Leonardo, orientador dessa dissertação e grande inspirador de nossas propostas tecnológicas, propôs como atividade que nós preparássemos uma pequena aula em formato de vídeo para o YouTube. As discussões na disciplina giravam em torno do conflito entre mídias e ensino tradicional. O assunto foi até polêmico, em certa instância. Questões como a substituição do professor, a dispersão dos estudantes, entre outras, estavam em pauta. Embora eu esteja considerando que durante a adolescência não fui tão imersa nas redes quanto outros colegas, nunca tive uma

¹ Até o presente momento, essas plataformas não têm demonstrado melhorias na aprendizagem e são bastante criticadas por professores e alunos. Ver: SILVA, W.O. Entre currículos e plataformas educacionais: a precarização do trabalho dos professores de Sociologia no Paraná. 2024. 196 p. Dissertação de Mestrado em Sociologia (ProfSocio). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2024.

visão tão pessimista sobre os usos das mídias sociais, então não tive dificuldades em realizar a tarefa. Prontamente aderi à proposta com empolgação.

A atividade por mim apresentada começava como um vídeo musical, fazendo um pequeno cover de uma canção. Na sequência eu interrompo a música e digo “na verdade isso não é um vídeo musical, mas eu sabia que ninguém resistiria a um cover mal tocado no YouTube” (o que fazia sentido na época em que os covers de YouTube estavam em alta) e então apresento o assunto que seria uma sugestão para professores de sociologia que “estão cansados de perder seus alunos para as redes sociais”, seguido de brincadeirinhas como “pois é gente, quem um dia imaginou que os adolescentes iriam preferir compartilhar memes do que discutir solidariedade orgânica e mecânica, por exemplo”, e a sugestão principal do vídeo é o uso da fotoetnografia como atividade aos estudantes de ensino médio, sendo ela postada em redes sociais. A atividade poderia substituir uma etnografia clássica, para um formato mais próximo e adaptado à realidade dos estudantes. Demonstro então uma possibilidade como postagem no Facebook com o tema “As relações humanas e a influência da tecnologia”. Por fim, aponto autores que falam sobre fotoetnografia. Naquele momento, não fazia ideia do quanto levaria a sério a proposta mais tarde.

Meses depois, tive minhas primeiras experiências próximas à docência. Realizava uma oficina de música com adolescentes de um lar de acolhimento, como parte de minha pesquisa-ação para a monografia. E foi no contato com esses adolescentes que criei uma conta no Instagram. No decorrer do ano em que convivi com esse grupo, recorrentemente, as meninas insistiam para que eu usasse o Instagram, principalmente porque queriam que mantivéssemos contato fora dali. E, pela insistência das minhas primeiras alunas, adentrei ao mundo do Instagram.

No segundo semestre de 2019 consegui minhas primeiras turmas como professora de sociologia na rede pública. De todas elas, desde então, vários estudantes passaram a me adicionar no Facebook e seguir no Instagram, o que notoriamente nunca foi um problema para mim. Sempre levei numa boa essa interação. No ano seguinte, em 2020, nos deparamos com a fatídica pandemia de COVID-19 e com ela o distanciamento social e a instrução para as aulas remotas. Foi então que, ainda no meu início de carreira, enfrentei uma grande virada de chave na maneira de lecionar e lidar com os estudantes.

Nesse contexto, para dar continuidade às aulas, 78% dos países ao redor do mundo conduziram o ensino à distância por alguma modalidade, seja TV, plataformas online ou materiais de aprendizagem à distância (CEPAL; UNESCO, 2020). No Brasil, no dia 17 de março de 2020, atendendo às portarias nº 343 e nº 345 do Ministério da Educação (BRASIL, 2020b; 2020c) para barrar o contágio, as aulas presenciais foram suspensas e deram lugar ao Ensino Remoto Emergencial (ERE). Na rede pública do Estado do Paraná, as principais medidas adotadas para o ERE foram o uso da plataforma *Google Classroom*² e do YouTube, a recomendação para a disponibilização do material impresso (tendo em vista a desigualdade no acesso à internet), e o desenvolvimento do aplicativo Aula Paraná (GUIMARÃES, 2021).

Naquele momento, o aparelho celular ganhou protagonismo como meio mais acessível e com o qual os estudantes já tinham mais proximidade. Dentre as medidas pedagógicas e comunicativas adotadas com as escolas fechadas, a criação de grupos de WhatsApp e Facebook se fez presente em 90% das escolas públicas do país. E aproximadamente metade das escolas adotaram como ferramenta de ensino, no primeiro ano de pandemia, a plataforma do Google Sala de Aula (CEPAL; UNESCO, 2020). A maioria dos estudantes usavam o Google Classroom em seu formato de aplicativo para celulares. Isso tudo demonstra uma grande contradição em relação ao modo como as escolas sempre lidaram com o uso desses aparelhos, tendo em vista que antes da pandemia o uso era restringido ou até mesmo proibido e, com ela, passou a ser adotado fortemente.

Além dessas instruções, a Secretaria de Educação do Estado do Paraná rapidamente organizou gravações de videoaulas a serem transmitidas para todo o estado³. As aulas gravadas em estúdio foram o principal modo de ensino naquele

² O Google Classroom ou Google Sala de aula é um serviço gratuito, para professores e alunos.

³ a SEED/PR, na condição de mantenedora do sistema público de educação básica, optou por disponibilizar aulas remotas e criar um ambiente virtual de aprendizagem (AVA) para atender cerca de 1 milhão de estudantes da rede pública, distribuídos em 399 municípios, com ênfase nos alunos da educação básica (ensino fundamental II e ensino médio). Para tanto, de acordo com a APP-Sindicato (2020), o governo em caráter emergencial, sem licitação, investiu em torno de 22 milhões de reais na contratação de empresas privadas para implantar um projeto de ensino a 95 distância, com o pagamento de aproximadamente: 20,9 milhões de reais destinados às empresas de telefonia celular, contratadas para o uso de dados pelo aplicativo Aula Paraná; 900 mil reais para TV Record, emissora contratada para transmitir aulas através de canais abertos; e, por fim, 300 mil reais, para a IP-TV LTDA, para elaboração de uma “plataforma de streaming que dialogue com as operadoras de telefonia móvel” (APP- SINDICA|TO, 2020). As aulas remotas para os alunos das escolas públicas de educação básica, começaram a ser transmitidas no dia 6 de abril de 2020 em TV aberta, no

primeiro ano de ensino remoto, e continuam sendo utilizadas como ferramentas para outros docentes⁴. As transmissões ocorriam simultaneamente no YouTube, TV aberta e aplicativo - disponível para celulares Android e IOS, sem custo de dados móveis para os usuários. Assim que abriram inscrições para os professores atuarem nessas gravações, me candidatei para a vaga. Para o processo de seleção era necessário gravar um vídeo para o YouTube contando sobre nossa experiência na docência. Felizmente o que contava mais era a linguagem e desenvoltura frente às câmeras do que a experiência em si. Para realizar o vídeo, recorri ao mesmo formato que usei lá naquela atividade de graduação. Comecei com a musiquinha pra chamar atenção e depois me apresentei, deu tudo certo e fui selecionada.

No primeiro ano de gravação, tínhamos bastante autonomia em relação ao preparo das aulas. Os conteúdos seguiam o referencial curricular do estado e os slides e exercícios precisavam seguir um padrão. No caso da sociologia, pelo menos, podíamos livremente escolher nossas referências e modos de conduzir a aula, passando por uma revisão da técnica de disciplina do departamento curricular da SEED/PR. Já no ano seguinte, as aulas ficaram mais engessadas, a técnica enviava os materiais prontos, geralmente eram formas reduzidas dos slides preparados no ano anterior. Cabia a nós apenas autorizar o material.

A fim de dinamizar essas aulas exclusivamente expositivas, busquei aproximar minha linguagem à dos estudantes, em especial, usando a internet. Por exemplo, levando como referência memes e séries da atualidade. Mas o que mais ganhou a atenção dos adolescentes foram as paródias e músicas tocadas com ukulele e violão, com resumos ou exemplificações das temáticas. As musiquinhas que funcionaram na atividade da graduação e na seleção para o Aula Paraná tiveram êxito mais uma vez. Caberia aqui, é claro, um tópico gigante (uma dissertação toda, talvez) sobre arte e música, porque mesmo quando têm letras super conteudistas e tradicionais, as músicas agenciam outra forma de aprendizado, uma que anima e facilita a memorização. Mas manteremos nosso foco em outro

Youtube e no Aplicativo Aula Paraná (disponível para celulares Android e IOS sem custo de dados móveis para os usuários). Essa nova realidade foi implantada de forma rápida e improvisada. Em apenas duas semanas após o decreto de suspensão das aulas presenciais, alguns professores da rede pública estadual foram convidados a ministrar essas aulas remotas em um estúdio improvisado (sem recursos profissionais de edição de imagem), elaborar material didático e atividades para serem disponibilizadas a todos os estudantes da rede estadual por meio de ambiente virtual de aprendizagem (AVA). (Guimarães, p. 46-47, 2021)

⁴ Atualmente a secretaria disponibiliza esses vídeos no livro de registros de classe online para os professores.

lugar. Afora o aprendizado em termos de conteúdos e encaminhamentos didáticos, essas experiências intensificaram minha interação com estudantes por meio das redes sociais. Nelas, adolescentes de diferentes cidades, que acompanhavam minhas aulas virtuais, passaram a entrar em contato. Estabelecemos inúmeras relações e discussões entrelaçadas à sociologia. Mesmo sem divulgar meu *Instagram*, os discentes encontravam meu nome e semanalmente surgiam muitos seguidores que logo mandavam mensagem ou faziam posts sobre as aulas. Até mesmo algumas mães entraram em contato e, mais tarde, recebi alguns depoimentos de estudantes que foram cursar ciências sociais por influência inicial das aulas remotas.

E então, durante a realização de uma atividade para a disciplina de mestrado “TÓPICOS ESPECIAIS III - Aspectos sociais da pandemia e o ensino remoto”, revisei algumas conversas, depoimentos e registros de estudantes que assistiam às minhas aulas e pude me perguntar se o que despertava o interesse desses alunos, a ponto de entrarem em contato, sem haver avaliação como motivação, era a linguagem que eu utilizara, as exemplificações, ou outros motivos. Talvez sejam gerações tão acostumadas com a interação midiática que, para eles, faça mais sentido se relacionar por mídias do que presencialmente. De todo modo, esse impacto que as aulas parecem ter promovido, me leva a questionar a velha e desbotada tese de que os alunos não se interessam por aulas e conteúdos escolares. A questão é a forma de dar essas aulas, não seu conteúdo. Fato é que o uso do Instagram para aproximar os estudantes da professora de sociologia foi bastante recorrente.

Com o retorno das aulas presenciais, essa interação foi expandida aos meus alunos e alunas do ensino presencial, e impactos positivos foram surgindo, a cada dia, nessa forma diferenciada de relação professor-aluno e na mediação dos conhecimentos das ciências sociais. Quando os encontros no Google Meet e as atividades no Classroom se intensificaram, com o Aula Paraná ficando em segundo plano, propus atividades aos estudantes que fossem postadas em suas redes. O engajamento envolvido nas atividades e o alcance que tiveram para além dos estudantes da própria turma também me motivaram a continuar apostando em estratégias que abraçassem essas redes e mídias nas quais estudantes e sociedade, como um todo, estão envolvidos.

As experiências relatadas nesse texto, desde minhas vontades juvenis de socializar nas redes sociais até o momento em que vejo meus próprios alunos e alunas fazendo isso e usando esse meio para falar das aulas de sociologia, me fizeram trazer para debate o uso das mídias digitais na educação e nas vivências dos adolescentes, a ponto de trazer também para minha forma de lecionar.

Chegamos então a 2022, iniciando o mestrado profissional em sociologia em meio à implantação do Novo Ensino Médio, no auge das políticas educacionais neoliberais. Nas discussões durante as disciplinas, sempre entrávamos no embate: de um lado, as teorias educacionais que questionam o ensino tradicional, bancário, que não leva em consideração as vivências dos estudantes; de outro, as teorias sociológicas que questionam as novas diretrizes de educação que focam apenas nas metodologias e aprendizagens. Como proceder? Será que estamos ouvindo quem realmente importa nessa discussão, que são os estudantes? A quem nós estamos direcionando a atenção?

Questões como essas são as que me trazem aqui. O mestrado profissional em sociologia tem inquietado a mim e aos meus colegas porque, como sabemos, é impossível não ser afetada pelo seu objeto de estudo. É angustiante enfrentar, por exemplo, as críticas de Laval (2003), que há vinte anos observava o desmonte da educação na Europa e a incorporação escolar da ideologia neoliberal nas aulas de tarde e, à noite, chegar à escola em que trabalhamos e precisar responder às demandas dessa mesma ideologia que chega desastrosamente no Brasil. Cheguei no mestrado visando explorar as redes sociais como ferramenta de ensino para a sociologia e me deparei com muitos obstáculos e reflexões que irão nos acompanhar ao longo deste trabalho. Não sei se daqui para a frente iremos encontrar respostas, mas, com certeza, caminhos de interpelação para a prática docente.

Adotei, então, a perspectiva de que essas redes são um espaço comum e confortável para a maioria dos estudantes. Essas questões, atreladas ao fato de que as redes se apresentam também como um espaço em que os temas da sociedade estão sempre em discussão, me estimularam a utilizar e explorar as redes e mídias sociais como instrumento para o ensino e aprendizagem de sociologia.

Com base nas abordagens teóricas sobre redes e tecnologias nas vivências escolares das juventudes e sobre métodos de ensino, bem como na experiências mencionadas, tanto minhas quanto de meus alunos e alunas, proponho uma reflexão acerca das possibilidades de uso das redes sociais na aprendizagem de sociologia. Afinal, a pandemia forçou a aproximação entre educação e mídias sociais e, agora, o que fazer?

Ainda nessa introdução, gostaria de retornar à proposição inicial. Desde que ingressei na licenciatura, estive em contato com uma vasta literatura que contesta o ensino tradicional, como Rogers (1973), Novack (1999), Freire (2009) - é claro -, que enfatizam, há bastante tempo, a importância de superar a educação bancária, tradicional e focar a aprendizagem no aluno, motivando-o. Entretanto, na passagem da graduação para a pós-graduação, a literatura que evidencia que esse foco na aprendizagem tem servido de base para uma mercantilização da educação, passou a me chamar atenção, como em Laval (2004), Biesta (2012), entre outros. Nesse contexto, caminhar pelo viés da tecnologia e vivências dos estudantes me coloca num conflito enquanto pesquisadora e educadora: ao sugerir formas de aprendizado de sociologia mais próximas das experiências juvenis atuais, por meio das redes sociais, eu estaria motivando um aprendizado significativo e libertador ou, ao contrário, aprofundando a mercantilização neoliberal da educação?

Perante tal dilema, decido testar minha proposta pedagógica para saber como ela se sai, de forma intelectual e prática. O resultado é esta dissertação. A atividade foi pensada como uma maneira de resistência para a sociologia que perde espaço, ao mesmo tempo que valoriza a experiência midiática dos estudantes, respondendo ainda à demanda desse novo ensino médio e orientações da SEED/PR, e seus grandes focos nas tecnologias de comunicação e produção do aluno, ao mesmo tempo que abre um espaço para que os conceitos da sociologia sejam apresentados, convidando a juventude para construir novos saberes a partir deles.

2 EDUCAÇÃO E NOVAS TECNOLOGIAS: CAMINHOS POSSÍVEIS

Neste capítulo, dialogo com algumas noções de educação e tecnologia que sustentam nossa proposta de intervenção pedagógica. Exploro teorias educacionais que enfatizam a importância da comunicação e da colaboração nas redes digitais, além de refletir sobre a necessidade de repensar a educação em um contexto neoliberal. Busco defender uma educação que valorize a experiência dos estudantes e permita a construção de conhecimento sociológico de forma mais dinâmica e participativa. Ademais, apresento uma reflexão sobre o uso das tecnologias na educação, destacando a importância de explorar as potencialidades das redes sociais e outras ferramentas digitais para promover uma educação mais conectada com a realidade dos estudantes e mais alinhada às demandas da sociedade contemporânea.

De acordo com Bauman e Leoncini (2018), os jovens da atualidade são acusados de se manterem conectados o tempo todo e, com seus aparelhos celulares, estarem sempre carregando consigo a web, um não-lugar moderno e líquido por primazia. Assim, para os autores, os jovens contemporâneos são acusados de viver em uma espécie de limbo individualista, criando relações contínuas, mas efêmeras. Essa afirmação sintetiza uma percepção negativa muito comum sobre a juventude contemporânea, que basicamente sugere que, quanto mais conectada à internet, ela se desconectaria cada vez mais das relações sociais reais e significativas. Ou seja, como se os jovens atuais estivessem presos em um turbilhão de informações e estímulos digitais os quais, em vez de formá-los como adultos autônomos, funcionais e mentalmente saudáveis, fazem com que sejam emocional e socialmente imaturos, incapazes de se relacionar efetivamente e, pior ainda, propensos a serem vítimas e algozes de diferentes formas de violência.

Nos debates sobre a educação, essa perspectiva negativa tende a interpretar o celular como razão da desatenção e da superficialidade de concentração que supostamente se espalham como experiências determinantes do ensino escolar atual. E, aí, quase sempre, a decisão é pela proibição dos celulares

nas aulas, o que, além de ser incapaz de conter o uso pelos alunos, não promove qualquer reflexão propriamente educacional sobre esses aparelhos e a internet⁵.

Enquanto essa visão negativa cada vez mais organiza a maneira com que concebemos os usos que os jovens fazem das tecnologias digitais e da internet, eles estão lá, relacionando-se por meio das redes sociais e tomando o celular como uma extensão de seus corpos e mentes. Como docente próxima a essa realidade dos estudantes, prefiro tomar um caminho diferente dessa visão negativa sugerindo que nós, professores de sociologia na educação básica, ao invés de tentar afastar esses usos das nossas aulas, precisamos saber atrelá-los, fazendo com que sejamos mais próximos dos estudantes e suas vivências. Assim, para sustentar teoricamente essa proposta, reviso a seguir algumas reflexões importantes sobre tecnologias e educação.

Para Sibilia (2012), os telefones celulares e os computadores portáteis com acesso à internet, os feitiços tecnológicos, encaixam-se perfeitamente aos corpos e subjetividades de adolescentes e jovens contemporâneos. Já a escola constrói um abismo entre ela e esses adolescentes, tornando-se um espaço entediante. Em sua obra “Redes ou paredes - a escola em tempos de dispersão” a autora questiona justamente se a escola não teria se tornado obsoleta frente à atuação das tecnologias de comunicação na vida dos jovens. O que reforça a necessidade de estudar as formas de entrelaçar esses espaços para aproximar os conteúdos curriculares dos estudantes.

Trazer a tese de Sibilia para conversar com essa discussão implica concordar que tal escola obsoleta, baseada na disciplina e controle, concebida há mais de 150 anos, ainda está em vigor e já não serve mais nem mesmo como um projeto de sociedade. A autora, citando Deleuze, afirma que há mais de duas décadas tem ocorrido a “implantação gradativa de um regime de vida inovador, apoiado nas tecnologias eletrônicas e digitais” (2012: 45), este, regido pela interconexão em redes globais de comunicação. Entretanto, longe de visar alcançar as reformas pedagógicas que procuram desenvolver as competências exigidas na perspectiva neoliberal mercadológica (esse aspecto será retomado no próximo

⁵ Embora esta dissertação não aprofunde a questão da exclusão digital, é relevante destacar que a falta de acesso e habilidades no uso de tecnologias digitais impacta diretamente a equidade educacional, especialmente em contextos de ensino remoto, como observado durante a pandemia de Covid-19. Para mais detalhes, ver: “Disrupção da educação: um olhar sobre a exclusão digital de estudantes de baixa renda na pandemia”, disponível em: [Educação Pública](#).

tópico), procuro mobilizar esse debate a fim de encontrar um caminho que utilize os meios midiáticos para a democratização da sociologia através do trabalho colaborativo entre estudantes e seu cotidiano. E o cotidiano vivenciado por nossos alunos e alunas é esse com telas interconectadas e onipresentes. Todavia, para além desse espaço narcisista, as tecnologias também podem agenciar outras formas de comunicação. Cabe a nós, professores, balancear o uso dessas “telas” para transformá-las em meios de conhecimento.

Já é a realidade de muitas instituições a presença de tecnologias digitais no interior das escolas. Especificamente no Estado do Paraná, vimos a chegada de diversos equipamentos de informática e internet. No chão da escola, vivemos diariamente a contradição de um currículo que oferta a disciplina de ‘Mídias Sociais’, mas o sistema de internet bloqueia qualquer rede além das plataformas da própria secretaria de educação. Essas, inclusive, tornaram-se demandas exaustivas para disciplinas como português, matemática, pensamento computacional e outras, que acabam fazendo com que os equipamentos sejam insuficientes. Os recursos digitais que surgiram da urgência imposta pela pandemia adentraram e permaneceram na escola pública. De acordo com Silva (2023: 106), “estas plataformas e aplicativos passam a estar presentes em todo o cotidiano escolar, seja no trabalho dos professores, nos critérios avaliativos dos estudantes, no processo de aprendizagem ou na gestão escolar”. Uma consequência desse cenário tem sido a diminuição da autonomia do professor, reduzindo-nos a reprodutores de slides prontos e alimentadores de plataformas.

Frente a tais desafios, cabe a discussão sobre como utilizar a tecnologia na escola e quais contribuições ela pode oferecer ao avanço da educação, em especial, na disciplina de sociologia. Sendo assim, visualizo as redes sociais como uma alternativa, entre as vivências dos adolescentes com os recursos digitais e as demandas digitais em sala de aula. Harasim et al (2005: 19), apontam que “com o auxílio das redes, os educadores podem criar ambientes de aprendizagem eficazes, nos quais professores e alunos em localidades diferentes constroem juntos o entendimento e as competências relacionadas a um assunto particular”.

As redes sociais fazem parte do contexto dos adolescentes, o desafio é incorporar esses recursos, até então considerados apenas para entretenimento, como uma ferramenta importante no processo de ensino e aprendizagem.

Para Carrano (2017), “as redes sociais de internet, que galvanizam os interesses e as energias de sociabilidade dos jovens estudantes, são, ainda, um enigma a ser decifrado por instituições e educadores”. Nesse cenário, encontramos, ainda, um abismo entre as lentas e hierárquicas formas de aprendizagem na escola e os aspectos ágeis, dinâmicos e multidirecionais das redes sociais. Vejamos a seguir alguns dados sobre essa aproximação dos jovens com a internet aferindo a importância de se valorizar esse debate.

Vale lembrar os clássicos conceitos de Levy (1999) e Castells (2000) de que vivemos na sociedade da era da informação e da cibercultura. O uso das TIC's é produto dessa sociedade emergente, e cada vez estamos mais integrados nesses ambientes virtuais. Segundo dados das agências Hootsuite e WeAreSocial (2021), o Brasil é o 3º país que mais usa internet no mundo, com mais de 150 milhões de usuários de redes sociais e uma média de 3 horas e 42 minutos por dia de acesso a elas. As redes mais acessadas são YouTube, WhatsApp, Facebook e Instagram, respectivamente. O mesmo estudo revela que ao levar em consideração a faixa etária, o grupo entre 16 e 24 anos é o que mais utiliza redes sociais, idades que compõem boa parte do Ensino médio. Na faixa etária citada, no levantamento feito em 2021, houve um aumento de mais de 8% na média de horas de conexão em relação a dados de 2015.

Especificamente sobre o acesso dos adolescentes, de acordo com pesquisa do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (2020), o uso de internet por esse público é crescente no Brasil. Entre a população de 9 a 17 anos, 89% são usuárias de internet no país. Vale ressaltar que o principal dispositivo de acesso é o celular, utilizado por 23 milhões de crianças e adolescentes brasileiros, e é por meio dele que facilmente chegamos às redes sociais.

Ainda sobre a utilização que os adolescentes fazem das tecnologias, acrescento a perspectiva das autoras Facioli e Prado (2018), que questionam a postura determinista sobre os usos das mídias, que costumam considerar essa utilização como problemática. Para elas,

as relações em rede têm possibilitado a ampliação de situações de socialidade, de circulação de repertórios simbólicos, de busca por apoio emocional e de acesso a conteúdos que, possivelmente, incidem em modificações nos horizontes de aspiração dos jovens brasileiros (...). (FACIOLI; PRADO, 2018, p.163)

Além dessa visão, que corrobora com minhas próprias vivências da adolescência e com a proposta de intervenção, as autoras defendem ainda que a permanência dos jovens em rede tem menos a ver com um vício pela tecnologia e mais a ver com a vontade de estarem conectados mutuamente por meio desse processo de socialidade; ou seja, os adolescentes estão ali nesse meio para mediar suas relações com outros adolescentes, para construírem relações de afinidade.

Tendo examinado a questão das TIC's na escola e o acesso às mídias sociais pelos jovens, cabe agora aproximar a discussão do uso das redes na disciplina de sociologia. A busca por utilizar as redes sociais na construção de um conhecimento sociológico atualizado vai além da tentativa de alcançar uma diretriz curricular, mas se justifica pela necessidade de produzir um espaço mais dinâmico de troca e interação entre professor-aluno. Tal processo visa a ampliação da sala de aula tradicional, explorando as potencialidades pedagógicas de ambientes virtuais como o Instagram, o Facebook e o YouTube.

Souza (2018: 3) destaca que a experiência nesses ambientes se apresenta como “uma ferramenta útil para dinamizar o espaço educacional e trazer a escola tradicional para o mais próximo do universo de adolescentes, ao mesmo tempo em que atualiza os conteúdos, indo além do livro didático”. A estruturação dessas redes como instrumento possibilita atualizar os conteúdos pedagógicos por meio das postagens do professor e dos mecanismos de diálogos, construindo pontes afetivas no processo de ensino. Além disso, as redes se apresentam também como um espaço em que os estudantes podem produzir conhecimento sociológico, tornando-se protagonistas na aprendizagem.

Em síntese, a tecnologia é um campo extremamente disputado em todas as esferas da vida social e, na educação, não seria diferente. Nos encontramos numa conjuntura em que a maioria da população é usuária de internet, especialmente no contexto pós-isolamento social. A educação foi e é grandemente afetada por essas questões, e cabe a nós docentes buscarmos os caminhos, seja distanciando ou aproximando as novas tecnologias de nossas aulas.

2.1 EM QUE TIPO DE EDUCAÇÃO CABEM ESSAS REDES?

Além da abordagem da Sibilía (2012), é inevitável adentrar a pauta da educação como projeto da sociedade neoliberal. Durkheim já discutia que “em

qualquer época, existe um tipo regulador de educação” (2011: 48). Para ele, o tipo de educação é produto da vida comum e reflete suas necessidades. Ou seja, é na educação que encontramos os projetos de sociedade, é ela quem vai preparar os tipos de sujeitos que uma sociedade precisa. É o que argumentam também os teóricos na defesa de um ensino que deve “dotar seus alunos de competências de organização, de comunicação, de adaptabilidade, de trabalho em equipe e de resolução de problemas nos contextos de incertezas” (Laval, 2004: 17) para corresponder aos critérios do mercado.

Passamos por esse tópico justamente para esclarecer que nossa intenção não é responder essa demanda neoliberal, mas, antes, cuidar para não a reproduzir. O uso das metodologias ativas e da TIC’s estão sendo aclamadas nas orientações estaduais, elaboradas a partir da Base Nacional Comum Curricular (2018), e embora possa parecer uma alternativa em relação à educação bancária, a intencionalidade pode estar mais fortemente na formação de capital humano, com conhecimentos que sejam valorizados economicamente. De acordo com Laval⁶, o ideal de referência da escola neoliberal é o trabalhador flexível:

O empregador não esperaria mais do assalariado uma obediência passiva a prescrições precisamente definidas, gostaria que ele utilizasse as novas tecnologias, que ele compreendesse melhor o conjunto do sistema de produção ou de comercialização no qual se insere sua função, desejaria que ele pudesse fazer face à incerteza, que ele provasse ter liberdade, iniciativa e autonomia. (2004: 15)

Por isso a nova pedagogia vem dotando-se de ferramentas focadas na aprendizagem e no protagonismo do aluno. Biesta argumenta que se trata da “redefinição do ensino como facilitação da aprendizagem e da educação como o provimento de oportunidades de aprendizagem” (2013: 8). E aponta que esse foco não é de todo ruim, e concordo, pela possibilidade emancipatória que esse processo pode oferecer. Por outro lado, aprendizagem é um conceito individualista que se opõe ao conceito de educação, que implica sempre uma relação. Aqui, a preocupação do autor está nos propósitos da educação em um momento em que a

⁶ Uma perspectiva complementar para compreender as transformações impostas pelo neoliberalismo no âmbito educacional, é a apontada por Stephen J. Ball (2012). Ball explora como as políticas neoliberais transformam a educação em um campo regido por valores de mercado, promovendo privatizações, competição entre escolas e a gestão empresarial das instituições educacionais (BALL, 2012). Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/8863/5215>

mensuração tem sido valorizada na busca de uma educação eficaz, enquanto deveríamos prestar atenção no que constitui uma boa educação.

Além disso, Biesta (2013) afirma que o que está desaparecendo é o reconhecimento do debate sobre o que importa que os estudantes aprendam. Essa discussão é também feita por Young (2011) em sua análise do papel do currículo na sociedade do conhecimento. O educador salienta que

Como a maioria dos professores sabe bem, eles têm de levar em conta as experiências e o conhecimento anterior que os alunos levam para a escola e o que os motiva inicialmente. Isso faz parte dos recursos que os professores têm para mobilizar estudantes, e constitui a base para que os estudantes se tornem aprendizes ativos. Isso, porém, é bastante diferente de incluir essas experiências no currículo. (2011: 5)

A visão instrumentalista do currículo não leva em consideração o desenvolvimento intelectual dos estudantes. Esse é um processo baseado em conceitos, não em habilidades. “Os estudantes não vão à escola para aprender o que já sabem” (Young, 2011: 6). Queremos, então, proporcionar uma educação significativa aos nossos estudantes, mas, para não cair no raciocínio da educação mercadológica, precisamos também nos importar com os conceitos discutidos. Essa perspectiva é fundamental para nossa proposta de intervenção.

A fim de reforçar o abismo entre o que a escola oferece e o que demandam os adolescentes, trazemos à discussão bell hooks (2013) e sua obra “Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade”. A pensadora nos relata uma escola em que não há desejo em aprender, onde não há prazer, um lugar de tédio, não de entusiasmo. E aponta para a necessidade de se construir uma forma de aprendizagem que seja empolgante, que dentre as possibilidades, implique em considerar como significativas as próprias experiências dos estudantes, tal como defendia Paulo Freire (1987).

Talvez seja muita ambição apontar a proposta de uso das redes como parte da pedagogia transformadora abordada por bell hooks, mas, entendemos que a apresentação e construção do conhecimento sociológico feita com base no aparato tecnológico que cerca a vida dos adolescentes possa ter contribuído na criação de uma sala de aula democrática, onde todos tiveram a responsabilidade de contribuir, acarretando também num clima de abertura e rigor intelectual.

Falando em construção do conhecimento sociológico, trago para essa conversa ainda, o ensaio de Campoy (2021) “Ensinar Sociologia fazendo Sociologia: Memórias e notas de uma pessoa que aprende, ensina e ensina a ensinar Ciências

Sociais”. Nele, o professor faz uma crítica à “aula tabela”, aulas rigidamente tradicionais, que são úteis para o contexto escolar, mas não entregam nada para o aluno. E nos convida, então, a buscar alternativas que possam ser também interessantes às pessoas que ali se encontram provisoriamente como alunos e superem o formato escolar que apresenta o conhecimento como algo acabado.

Para ele, o que temos entregado, enquanto professores, são aulas entediantes e insignificantes, e exemplifica que o aluno “pode até ter entendido a lógica da teoria durkheimiana, mas dificilmente sabe o que significa, não se apropriou dos conceitos, não os transformou em estratégias próprias de interpretação do mundo” (2021: 8). Sendo assim, nos apresenta uma proposta de estabelecer uma comunicação com o aluno por meio da linguagem da vulnerabilidade, em que alunos e professores sabem e não sabem e, estando vulneráveis, os alunos acessam suas experiências e as articulam sociologicamente. Penso que, para atingir esses objetivos de ensinar sociologia fazendo sociologia, baseando-se mais na produção de perguntas do que na construção de respostas, pode se tornar possível renunciar às metodologias avaliativas arraigadas na educação, elaborando um novo modo de aprender e avaliar que utilize, por exemplo, as redes sociais.

E por fim, em meio às ponderações sobre educação, trago Ingold (2020) e sua defesa de uma educação como atenção e correspondência. O antropólogo nos convida a perceber que a educação se encontra na prática participativa e nas correspondências da vida social. Ainda na introdução de seu livro “Antropologia e/como educação” ele nos inspira e impacta com a seguinte passagem:

Educação (...) não é um “inculcar”, mas um “libertar”, que abre caminhos de crescimento intelectual e descoberta sem resultados predeterminados ou pontos finais fixos. Trata-se de dedicar atenção às coisas, em vez de adquirir conhecimento que nos absolve da necessidade de fazê-lo; é sobre exposição em vez de imunização. A tarefa do educador, então, não é explicar o conhecimento para o benefício daqueles que são, por padrão, supostamente ignorantes, mas prover inspiração, orientação e crítica na busca exemplar da verdade. (Ingold, 2020: 10)

É nessa perspectiva que pretendemos seguir. Interpretando o filósofo da educação Dewey (1916), Ingold aborda as noções de comunicação e comunidade na ideia de indivíduos com diferentes experiências de vida chegando a um acordo e, dessa forma, conduzindo suas vidas juntos. Para que esse compartilhar seja educativo “eu tenho que fazer um esforço imaginativo para lançar minha experiência de maneiras que ela possa se juntar à sua, para que possamos - em certo sentido –

percorrer os mesmos caminhos e, ao fazê-lo, criar sentido juntos” (Ingold, 2020: 19). É assim que podemos perceber a capacidade transformadora da educação. E, nesse ponto de vista tão inspirador, acrescento ainda que a tarefa da educação é conduzir a vida, é sobre conduzir os ‘novatos’ para o mundo.

Ainda sobre o ensino como transmissão de conhecimento e a nova aprendizagem, proponho que sigamos a seguinte direção:

Professor e aluno, então, longe de estarem frente a frente como respectivamente instruídos e ignorantes, seguem na mesma direção, como pessoas, cada uma com uma história particular para contar, atendendo e respondendo um ao outro ao longo de uma jornada que eles empreendem junto; mas em direção a que resultado, ninguém sabe. Em uma palavra, eles correspondem. (Ingold, 2020: 57)

Nessa direção, o professor deve saber sobre as experiências de seus alunos para poder compartilhar uma discussão do que pode ser feito (Dewey, 1964, apud Ingold, 2020). A possibilidade de aprender algo se dará na forma em que ele demonstra, por meio de exemplos, e mantém seus alunos no caminho certo (Idem). Essas respostas também são para a questão sobre como se relacionar com um sistema que se aprende por conta própria, se tratando de seres autopoieticos, capazes de aprender e se fazer autonomamente (Toren, 2020). Assim como para Ingold, Toren também reflete sobre o conhecimento como processo de abertura. É sobre exposição. Para finalizar, estudar significa se tornar parte do mundo dos estudantes, assim como eles se tornam parte do nós (Ingold, 2020).

3 A INTERVENÇÃO: FAZENDO SOCIOLOGIA NO INSTAGRAM

Apresentamos agora nossa proposta de ação. A reflexão que desenvolvemos sobre a sociologia na escola se dá a partir da utilização do Instagram como ferramenta para a aprendizagem e distribuição dos temas relacionados à sociologia. Os objetivos são investigar a potencialidade do uso das redes sociais enquanto ferramenta para o ensino da matéria e analisar o engajamento dos estudantes na busca e produção do conhecimento sociológico por meio dessa rede, buscando descobrir qual é a diferença de ensinar sociologia dessa maneira. A execução da pesquisa se deu ao longo do ano letivo de 2023, com seis turmas de 2º série do ensino médio de dois colégios estaduais na região metropolitana de Curitiba. Das seis, quatro turmas são do período matutino no Colégio Cívico-Militar Chico Mendes e as outras duas estão localizadas no Colégio Estadual Barro Preto, no período noturno. Ambos ficam na região periférica de São José dos Pinhais. Na sequência, discorro mais sobre as escolas.

O intuito da proposta foi possibilitar uma maneira mais atrativa e próxima às linguagens e experiências dos estudantes, expandindo as formas tradicionais de avaliação. A intervenção diz menos sobre ‘avaliar’ os alunos e mais sobre construir sua ideia de sociologia de outras maneiras e aprenderem também por outros caminhos. Entretanto, tratando-se de ensino regular e da forma pela qual os alunos estão adaptados ao sistema escolar, não há como deixar de lado a necessidade de construir um projeto que leve em consideração notas por desempenho. Por isso, 60% da nota dos trimestres foi composta pelo post do grupo de alunos e suas interações com a publicação dos colegas. Os outros 40% precisaram ser destinados às provas obrigatórias de acordo com a organização das escolas.

O formato proposto justifica-se também pela necessidade de adaptação metodológica e curricular em razão do Novo Ensino Médio⁷⁸, que impacta

⁷ O Novo Ensino Médio é uma política governamental educacional brasileira instituída pela lei federal 13.415 de 2017. As grandes alterações no sistema de ensino giram em torno do aumento de carga-horária, a oferta de dois ou mais itinerários formativos e, em teoria, a possibilidade de escolha pelo estudante de qual itinerário cursar. Além, é claro, de grandes mudanças em termos de currículo, trata-se de uma “política curricular marcada por ausência de participação e a produção de uma base curricular de matriz economicista, com indícios de um processo de intensificação e desqualificação da docência e a realização de um projeto formativo que induz à maior segmentação no sistema escolar brasileiro”. (Silva, et al. 2022, p. 399).

diretamente na quantidade e qualidade das aulas de sociologia. O conteúdo curricular, que era antes distribuído nos três anos da última etapa da educação básica, agora está reduzido a apenas um. Para elaboração do projeto, segui de maneira adaptada o referencial curricular proposto pelo departamento curricular da SEED-PR⁹ (SEED/PR., 2021). Separei em blocos temáticos da seguinte maneira:

Primeiro Trimestre:

1. Por que e quando surge a sociologia?
2. Imaginação sociológica;
3. O que essa teoria diz sobre a sociedade? (Auguste Comte);
4. O que essa teoria diz sobre a sociedade? (Émile Durkheim);
5. O que essa teoria diz sobre a sociedade? (Karl Marx – As contradições do capitalismo);
6. O que essa teoria diz sobre a sociedade? (Karl Marx - Luta de classes);
7. O que essa teoria diz sobre a sociedade? (Max Weber);
8. Antropologia: a ciência da cultura;
9. Etnocentrismo X Relativismo;

Segundo trimestre:

10. Diferentes formas de trabalho;
11. Desigualdade Social;
12. Modelos produtivos no capitalismo;
13. Direitos trabalhistas VS Desregulamentação do trabalho;

⁸ Outro aspecto importante a respeito do NEM é abordado no artigo: *"Financiamento do Novo Ensino Médio: o setor privado pega carona"*, em que as autoras analisam criticamente a influência do setor privado e de organismos internacionais na formulação e implementação do Novo Ensino Médio (NEM) no Brasil. O texto destaca a participação de fundações como o Instituto Unibanco e a Fundação Lemann, bem como o financiamento de instituições como o Banco Mundial e o BID, que atrelam os recursos a metas específicas. Ainda argumenta que essas dinâmicas reforçam a mercantilização da educação, priorizando objetivos econômicos e a lógica de mercado em detrimento de uma formação crítica e equitativa. Além disso, critica a imposição da reforma sem ampla consulta à comunidade escolar, resultando em resistência e debates sobre seus reais benefícios e impactos (DOMINICANO; ADRIÃO, 2022). Disponível em: https://www.coletiva.org/files/ugd/683a6e_69ac5b5962b441ae8725662ed3238a28.pdf

⁹Disponível em: https://professor.escoladigital.pr.gov.br/sites/professores/arquivos_restritos/files/documento/2022-02/ensino_medio_referencial_curricular_vol2_vf.PDF. Acesso em 29 julho de 2024.

- 14. Democracia e autoritarismo;
- 15. Cidadania e Direitos;
- 16. Movimentos Sociais;
- 17. Formas de Estado.

Terceiro trimestre:

- 18. Indústria Cultural;
- 19. Mídia, Informação e Cultura;
- 20. Gênero;
- 21. Gênero e Sexualidade;
- 22. Questão Racial;
- 23. Questão Indígena.

Apresentei os temas de cada trimestre em uma de nossas primeiras aulas e possibilitei a escolha dos grupos e temas. Expliquei o funcionamento a partir dos slides:

FIGURA 1 – SLIDES 1



FIGURA 2 - SLIDE 2

O QUE TÁ ACONTECENDO??

Povo, nossa forma de avaliação ao longo do trimestre será um tanto diferenciada. Ao invés de provas e trabalhos tradicionais, 60% da nota se dará na criação de uma página de instagram na qual, um grupo por semana, irá fazer um post sobre o conteúdo da aula. Segue o fio!

Fonte: A autora (2023)

FIGURA 3 - SLIDES 3 E 4

O QUE PRECISAMOS PARA INICIAR?

- ★ Nome criativo - sugestões/escolha;
- ★ Design - temos voluntários?
- ★ Escolha dos grupos e temas.

Entregar até a aula de sexta (17/02) uma folha - ou aqui no class- com os integrantes dos grupos (3 ou 4), escolha dos temas, sugestões de nomes e voluntário para o design. SE OS TEMAS ESGOTAREM, PODEM TER DOIS GRUPOS COM MESMO TEMA.

EXEMPLOS

- @funkeirosculpts;
- @vemfazerhistoria;
- @sociologiaillustrada



Fonte: A autora (2023)

FIGURA 4 - SLIDES 7 E 8

COMO FAZER?

- ★ UM GRUPO POR SEMANA DEVERÁ FAZER UM POST NA PÁGINA, COM O ASSUNTO ABORDADO NA AULA; INDIVIDUALMENTE, DEVEM INTERAGIR COM PELO MENOS OUTROS DOIS POSTS.
- ★ PODE SER REELS OU PUBLICAÇÃO + STORY;
- ★ FORMATO LIVRE: MEME, QUADRINHOS, POEMA, MÚSICA, IMAGEM E TEXTO, ETC. PORÉM DEVEM TER UMA EXPLICAÇÃO PEQUENA SOBRE O TEMA.

NOTAS

1º PARCIAL - Até 24/03		2º PARCIAL - Até 28/04	
2,0	Atividades	2,0	Semana de Provas
3,0	Post/Interação	3,0	Post/Interação
5,0 REC	A definir	5,0 REC	A definir

- INTERAÇÃO: Acrescentar um comentário sobre o conteúdo em 2 posts + compartilhar;
- Quem ficar com um dos 6 últimos temas, deve interagir sobre os 4 primeiros temas e vice e versa.

Fonte: A autora (2023)

FIGURA 5 - SLIDES 9 E 10

TEMAS

- 6- O que essa teoria diz sobre a sociedade (e atualmente?):
KARL MARX - O BRABO *luta de classes <publicação até 27/03>
- 7- O que essa teoria diz sobre a sociedade (e atualmente?):
MAX WEBER - O DIFERENTÃO <publicação até 06/04>
- 8- Antropologia: a ciência da cultura (A GOOD VIBES
DESCONTRUIDX) <publicação até 28/04>
- 9- ETNOCENTRISMO X RELATIVISMO: Somos babacas ou de boas com
as diferenças culturais? <publicação até 28/04>

TEMAS - As datas são com base nas segundas, se o dia de aula for
outro, considerar a outra data

- 1- POR QUE E QUANDO SURGE A SOCIOLOGIA? <publicação até 10/03>
- 2- Imaginação sociológica;<publicação até 10/03>
- 3- O que essa teoria diz sobre a sociedade (e atualmente?):
AUGUSTE COMTE - O PRIMEIRO ~E CONSERVADOR~ <publicação até 17/03>
- 4- O que essa teoria diz sobre a sociedade (e atualmente?):
ÉMILE DURKHEIM - O PAI <publicação até 24/03> FIM DA 1º PARCIAL
- 5- O que essa teoria diz sobre a sociedade (e atualmente?):
KARL MARX - O BRABO *CONTRADIÇÕES DO CAPITALISMO <publicação até 27/03>

Fonte: A autora (2023)

Cada turma elaborou sua própria página, decidiram os nomes e imagens para o perfil. E então, semanalmente:

- a) As turmas foram divididas em grupo, e um grupo por semana realizou a publicação no Instagram de sua turma, referente ao tema apresentado na aula anteriormente;
- b) Os grupos escolheram os temas e o formato da publicação foi livre;
- c) Além de uma abordagem mais genérica na aula, a respeito dos temas, disponibilizei outros materiais de pesquisa para os estudantes.

Esse último item é importante porque os alunos podiam expandir o conhecimento sobre o assunto, tanto os que pesquisavam para o post, quanto os que acompanhavam a página.

3.1 COLÉGIO CHICO MENDES: NAS ENTRELINHAS DO CÍVICO MILITAR

Começo descrevendo o colégio Chico Mendes, em que a intervenção teve maior intensidade, pela quantidade de turmas, aulas por turma e interação com os estudantes. Apesar de levar o nome de uma figura tão positivamente importante¹⁰, a escola possui uma das piores famas na cidade. Trata-se de uma escola de médio porte, com 19 turmas no período matutino, que, ao longo do ano passou por reforma do prédio (que implicou em um ambiente barulhento, falta de quadra esportiva e as salas de aula ainda eram de madeira, antigas e precárias)¹¹. Está localizada no bairro São Marcos, que fica a 13 km de distância do centro de São José dos Pinhais e é considerado altamente perigoso. A escola é sempre rejeitada pelos professores efetivos, tanto que seu quadro de professores é majoritariamente composto por professores temporários, como eu. A má fama do colégio se dá por várias notícias, principalmente relacionadas ao antigo diretor, como acusações de assédio de alunas, propaganda política bolsonarista nos anos anteriores e suas ações para barrar a ocupação dos estudantes em 2016. Além disso, a justificativa para tornar a

¹⁰ Chico Mendes foi um ambientalista, sindicalista, seringueiro e símbolo da luta pela preservação da Amazônia.

¹¹ Ainda sobre a estrutura física da escola, no período de realizações de provas do ENEM o colégio ganhou repercussão nas discussões em uma página no Instagram. Muitos adolescentes que não pertencem à escola postaram comentários sobre sua estrutura parecer um presídio, as inúmeras grades e formatos dos corredores foram destacados nas menções.

escola cívico-militar¹² era a presença de violência e uso de drogas na escola. Em 2022, a escola trocou 3 vezes de direção.

Quando cheguei na escola, conheci uma realidade totalmente diferente. O quadro de professores e funcionários foi totalmente renovado. A direção era nova e havia um grupo de professores jovens e engajados. E principalmente, os alunos eram muito cativantes. As turmas de 2º série foram das melhores que tive nos meus cinco anos de docência. Em todas elas, muitos alunos comunicativos, participativos, dedicados e gentis que se engajavam nas atividades propostas. Logo no início do ano, quando ainda não tinham contato com a sociologia, muitos desses adolescentes já demonstravam bastante proximidade com a filosofia, as ciências humanas e com questões sociais. Foi o ambiente propício para a intervenção.

Aqueles estudantes também eram marcados pela diversidade. Em todas as turmas, haviam pessoas LGBTQIA+, algumas que se identificavam como trans, cujos nomes sociais eram sempre pauta nas reuniões de professores. Alunos negros se reconheciam na negritude, discursavam sobre pertencimento e tinham proximidade com o hip-hop. Havia meninas que se declaravam feministas, gente pertencente a diferentes religiões, e muitos deles fazendo parte de religiões afro-brasileiras. Isso tudo contribuiu muito para nossas aulas e discussões.

É claro que não há como deixar de lado o aspecto “cívico-militar” da escola. A direção da escola é composta por professores indicados pela SEED (os diretores por eleição democrática estão cada vez mais extintos pelos programas da secretaria), e, antes de ocuparem esse posto, atuavam como criadores da plataforma Inglês Paraná, imposta às aulas dessa língua na rede pública. Nesse papel de diretores indicados, buscavam responder todas as demandas da secretaria de educação, diferentemente de outras escolas que conseguem ser mais subversivas e autônomas. Logo, havia uma cobrança grande a respeito do uso das

¹² Trata-se de um modelo de escola imposta pelo Governo Federal em 2019 e adotado com entusiasmo no Paraná. Modelo tal que possui características de controle do corpo e comportamento dos estudantes (Camilo, et al. 2023). As escolas cívico militares foram implantadas com a prerrogativa de que seriam democraticamente aceitas ou não, mas essas votações ocorreram durante a pandemia, quando poucas pessoas da comunidade poderiam comparecer até a escola para votar e as informações sobre como funcionaria nesse novo formato foram minimamente divulgadas. Além de que as escolas escolhidas para a mudança foram estrategicamente as que ficavam em bairros mais periféricos e a direção dessas escolas são feitas por indicação da secretaria de educação e não por eleição. Atualmente essas escolas estão envolvidas em muitos casos de censura aos professores, assédio por parte dos militares e controle sobre a identidade dos estudantes.

plataformas, além de exercerem imenso controle sobre o grêmio estudantil ou qualquer outra ação de iniciativa de estudantes.

Quanto aos militares presentes na escola, os casos mais recorrentes de conflito com estudantes estavam relacionados à maneira como os alunos se expressavam por meio de roupas, acessórios e cabelos. A obrigatoriedade do uso de uniforme e algumas proibições, como do uso de brinco e de cabelos compridos para meninos, cabelo solto para as meninas e piercing para ambos, são regras explícitas dos Colégios Cívico-Militares. Todos os dias, muitos adolescentes eram retirados de sala ou impedidos de entrar por não corresponderem a esses critérios. As meninas eram as mais afetadas. Embora sempre amarrassem o cabelo para entrar pelo portão e soltassem no minuto seguinte, muitas vezes os policiais faziam uma vistoria nas salas, chamando as meninas que estavam com o cabelo solto. Também era comum retirarem o uniforme, que usavam por cima de outras roupas, quando chegavam na sala. E assim foram incontáveis as vezes em que alunos e alunas perdiam parte das aulas em reuniões com militares e diretores para levarem puxões de orelha e relembrares as regras da escola, que em nada impactavam seus aprendizados.

Tendo caracterizado o colégio, partimos para o início do projeto. Desde a apresentação dele – que envolveu exemplos de conteúdos semelhantes no Instagram, exposição dos temas, entre outros – todas as turmas demonstraram entusiasmo na proposta, mencionaram ser algo ‘diferente’ e mais interessante do que provas, por exemplo. Durante as duas primeiras semanas, os perfis das turmas foram criados e chegamos às páginas: 2ºA- @chiquinho2a; 2ºB- @imaginacaosociologia2b; 2ºC- @socioexistindo e 2ºD- @apenassociologia.

Logo no início, fui contatada pela professora de arte da escola, solicitando uma parceria interdisciplinar nas páginas de algumas turmas. Nas disposições curriculares do Novo Ensino Médio no Paraná, a matéria do itinerário formativo de linguagens e ciências humanas relacionada à área de arte é denominada “Mídias Digitais e Processos Criativos”. A disciplina sugeria a criação de blogs e, quando a professora mencionou isso aos estudantes, eles propuseram fazer a integração entre as duas matérias, usando a mesma página no Instagram. Tal adaptação ocorreu em duas das minhas turmas, desconfigurando, de certa maneira, os perfis. Todavia, contribuindo para o engajamento e alcance das páginas, devido ao maior número de postagens.

Outra coisa legal é que a primeira atividade deles no perfil envolvia uma pequena biografia de cada aluno, então conhecíamos os responsáveis pelas páginas antes de iniciarem suas postagens sociológicas. Afora isso, só tiveram mais duas temáticas relacionadas a essa disciplina no perfil, uma de campanhas de conscientização e outra sobre redes sociais.

Com os primeiros grupos trabalhando, o que chamou minha atenção inicialmente foi a familiaridade que os alunos tinham em relação às ‘pequenas regras’ de publicações nessas mídias, como incluírem sempre uma imagem final com as indicações “curta, salve, comente e compartilhe”. Rapidamente, as turmas se adaptaram à proposta e as atividades foram fluindo.

Tive medo de que a falta de avaliações no formato de testes contendo todos os conteúdos estudados fizesse com que as turmas ficassem mais dispersas, direcionando pouca atenção às discussões. No entanto, as aulas renderam bastante durante o trimestre. Foi possível apresentar os conceitos sociológicos e discuti-los com os estudantes de forma muito produtiva e, com um número menor de atividades com rigor avaliativo em sala, sobrou tempo para os debates. Todos os grupos de todas as turmas elaboraram seus posts, sem dificuldades e alguns até com antecedência. Apesar da prevalência de postagens no formato de imagens e pequenos resumos explicativos, tivemos alguns outros formatos, como memes e vídeos. Dentre eles, um vídeo foi gravado de dentro de uma academia de musculação, enquanto a dupla malhava e discorria sobre imaginação sociológica.

Antes de nos debruçarmos sobre o desenrolar da proposta pedagógica, precisamos caracterizar o outro colégio.

3.2 OBSTÁCULOS PRESENCIAIS E VIRTUAIS DO ENSINO NOTURNO: COLÉGIO BARRO PRETO

Embora esteja a apenas 3km de distância, o colégio Barro Preto é intrinsicamente diferente do colégio Chico Mendes. Com apenas seis salas de aula, ele à risca o retrato de uma escola pequena. Apesar de não ficar em região rural, tem muitas características de uma escola de campo. Existia até uma brincadeira de que todo mundo era primo lá. O bairro em que fica, Barro Preto, também é pequeno, e sua composição é feita por poucas famílias e muitos sobrenomes em comum. Ao contrário do outro colégio, este possui um quadro de professores efetivos bem

fechado, a maioria moradora do bairro e que acompanhou os mesmos alunos na maior parte de sua trajetória escolar. De certa maneira, todos se sentem um pouco donos da escola e dão pouca abertura aos professores recém-chegados.

Quanto aos estudantes, eles também se diferenciam bastante das minhas outras turmas. Por ser uma escola muito pequena, o ensino médio é ofertado apenas no período noturno, então apresenta os desafios já conhecidos em relação ao ensino noturno, como a evasão, a diferença de idade entre os estudantes, a maior parte dos alunos inseridos no mercado de trabalho, entre outros¹³. Além disso, na vigência do Novo Ensino Médio, o período da noite conta com algumas aulas assíncronas, e a direção da escola determina quais são as disciplinas que serão afetadas por isso. Na escola em questão, a matéria de sociologia foi selecionada para se adequar a esse formato. Desse modo, tivemos apenas uma aula por semana em sala, sendo a outra assíncrona, o que significava apenas a necessidade de uma atividade semanal no ambiente virtual. Esse cenário dificultou bastante a convivência e a criação de vínculo com os adolescentes.

Nessa escola, trabalhei com duas turmas de 2º série: a de humanas e a de exatas. A turma de humanas era superlotada, com mais de 40 alunos em uma sala muito grande. Acho que a distância física que eu ficava deles representava também a distância afetiva que tivemos. Em geral, a turma era bastante agitada e desinteressada na matéria e na escola. Já a turma de exatas era pequena, em torno de 20 alunos, e a maioria deles era mais dedicada, porém, gostavam de reclamar das matérias de humanas. Consegui cativá-los, em parte. Ainda assim, a aula nessa turma era a última de sexta-feira à noite e, quando havia aula, não eram todos os alunos que estavam presentes. Muitas vezes, as aulas de sexta terminavam no intervalo, por falta de professores. Por esses e muitos outros fatores, o trabalho com esses estudantes foi dificultado.

Bem como a maioria dos debates acerca das diferenças entre o ensino noturno e diurno, nesse projeto também fomos impactados em decorrência das

¹³ Furlanetto (2023) discorre sobre as desigualdades encontradas no ensino noturno, como as múltiplas jornadas diárias dos estudantes trabalhadores, e o formato que tenta replicar o modo como o ensino/aprendizagem sucede no ensino médio matutino, sem levar em consideração as especificidades do ensino ministrado de noite. Ver
mais:
https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/747734/2/ENZO%20SOARES%20FURLANETTO_TCC%20%281%29%20-%20Fabio%20Lanza.pdf

condições do ensino médio no período da noite. Vale lembrar que, no presente momento em que escrevo, estamos no segundo ano da vigência do Novo Ensino Médio. É ainda o primeiro ano em que a sociologia adentra esse novo formato, tendo em vista que no ano anterior o NEM iniciou apenas na 1ª série do ensino médio e na organização curricular do Estado do Paraná a sociologia só está presente a partir da 2ª série.

Mesmo com a diminuição da carga horária para a disciplina, muitos de nós, docentes no Paraná, ficamos aliviados com a possibilidade de termos duas aulas semanais por turma, considerando que antes lidávamos com apenas uma aula em cada série. Entretanto, com o aumento da carga horária geral do NEM, os estudantes passaram a ter seis aulas por dia, o que é inviável no período noturno. Assim, os estudantes permaneceram com cinco aulas, mas com um aumento no número de disciplinas.

A ‘solução’ para isso tem resquícios do laboratório de ensino remoto que vivemos na pandemia. Sem diálogo com a comunidade escolar, foi definido que o ensino médio noturno se faria de maneira híbrida, em que algumas matérias utilizariam o Google Classroom para atividades assíncronas, a fim de cumprir a carga horária. Dentre essas matérias, a sociologia.

Temos agora em torno de 35 aulas ao longo do ano inteiro (coisa que um professor de matemática, por exemplo, tem em menos de um trimestre). Quando soube das aulas assíncronas e da necessidade do uso do Google Sala de Aula, vi uma oportunidade para o desenvolvimento da intervenção com o Instagram, já que, por obrigação, os estudantes deveriam cumprir atividades com o uso da tecnologia e remotamente. Além disso, o espaço do Classroom seria importante para a inserção dos materiais que seriam úteis para a criação dos posts.

Contudo, na prática, foi muito diferente. Em geral, os alunos não acessavam a plataforma, apenas dois de cada turma o faziam. Então eles acabaram não acompanhando o cronograma de postagens e não realizando a tarefa no prazo. Além disso, a atividade que no período diurno foi proveitosa justamente por nos dar tempo de aula, no turno da noite retirou esse tempo. Como há quase um revezamento de alunos que frequentam a escola nas sextas-feiras, levamos semanas para conseguir organizar os grupos e precisei expor muitas vezes a proposta. Até o fim do primeiro trimestre, muita gente ainda estava perdida sobre como e o que fazer.

Em geral, nesse contexto a proposta teve muito mais desafios do que possibilidades. Ainda assim, em comparação com as turmas da manhã, tivemos mais grupos que se arriscaram em criações mais trabalhosas, como vídeos e memes, que veremos na sequência.

3.3 PRIMEIROS TEMAS: O SURGIMENTO DA SOCIOLOGIA E DAS PÁGINAS

Para facilitar a visualização dos trabalhos realizados por cada turma, elaborei o seguinte quadro:

TABELA 1: RELAÇÃO DE POSTS POR TURMA

2ºA	2ºB	2ºC	2ºD	2ºA/B Noite
FIGURA 28	FIGURA 52	FIGURAS 20	FIGURA 7	FIGURA 11
FIGURA 29	FIGURA 53	FIGURAS 21	FIGURA 12	FIGURA 16
FIGURA 30	FIGURA 56	FIGURA 22	FIGURA 19	FIGURAS 31
FIGURA 37		FIGURA 22 FIGURA 23	FIGURA 34	FIGURA 33
FIGURA 57		FIGURA 24	FIGURA 35	FIGURA 45
		FIGURA 25	FIGURA 38	FIGURA 56
		FIGURA 26	FIGURA 41	
		FIGURA 27	FIGURA 42	
		FIGURA 44	FIGURA 49	
		FIGURA 46	FIGURA 51	
		FIGURA 47	FIGURA 58	
		FIGURA 48		
		FIGURA 61		
		FIGURA 62		
		FIGURA 63		
		FIGURA 66		

Fonte: A autora (2024)

Como de praxe na sociologia do ensino médio, iniciamos apresentando a área do conhecimento a partir do contexto histórico de seu surgimento: o intenso processo de mudanças na sociedade desencadeado pelas revoluções burguesas. Para as aulas em sala sobre o assunto utilizei alguns slides (FIGURA 6); mas, em geral, foi uma conversa sobre o que os estudantes lembravam do assunto, já trabalhado em outras matérias, buscando relacionar a necessidade de uma ciência social que estude as formas de produzir, viver, organizar e pensar a sociedade.

FIGURA 6 - ALGUNS DOS SLIDES USADOS NA AULA



Fonte: A autora (2024)

Além da discussão em sala, disponibilizei no ambiente virtual alguns materiais sobre o assunto, vídeos, videoaulas e textos, para os grupos que escolheram esse tema para postagem. Para ilustrar o trabalho dos estudantes nessa temática, selecionei o post realizado pela turma 2ºD, uma das turmas de exatas do colégio Chico Mendes (FIGURA 7).

FIGURA 7 - POST 2ºD: SURGIMENTO DA SOCIOLOGIA

VOCÊ SABE COMO SURTIU A SOCIOLOGIA?

1º VAMOS ENTENDER O QUE É A SOCIOLOGIA?

SOCIOLOGIA É UMA CIÊNCIA QUE ESTUDA O COMPORTAMENTO HUMANO EM RELAÇÃO AO ESPAÇO INSERIDO E AOS PROCESSOS QUE INTERLIGAM OS INDIVÍDUOS EM GRUPOS, INSTITUIÇÕES E ASSOCIAÇÕES. ESTUDANDO DIFERENTES FORMAS DE PRODUIR, VIVER, SE ORGANIZAR E PENSAR NA SOCIEDADE.

DEPOIS DE ENTENDER O CONCEITO DE SOCIOLOGIA VOCÊ ESTÁ PRONTO PRA PASSAR PARA O PRÓXIMO PASSO!!!

2º PASSO COMO À SOCIOLOGIA SURTIU?

AS CIÊNCIAS SOCIAIS SÃO FRUTOS DE TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS

REVOLUÇÃO

1ª REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

- inovou a tecnologia;
- mudou a forma de produção;
- trouxe a urbanização_exodo rural;
- proporcionou o acúmulo de capital por parte da burguesia;

>CAPITALISMO<

BURGUESIA ENTRA NA POLÍTICA E ELEVA AO FIM DO ABSOLUTISMO;

2ª REVOLUÇÃO FRANCESA

- tirou o Antigo Regime;
- trouxe a ideia de igualdade;

>Lema: LIBERDADE, IGUALDADE E FRATERNIDADE;<

A PARTIR DESSAS REVOLUÇÕES NASCEU A BURGUESIA - CLASSE DOS COMERCIANTES

FINALIZANDO COMO À SOCIOLOGIA SURTIU?

RESUMINDO, TODAS ESSAS REVOLUÇÕES TERIAM DEIXADO UM CENÁRIO CAÓTICO E INSTÁVEL, QUE NECESSITAVA DE CORREÇÃO PARA QUE HOUVESSE UMA RETOMADA DO CRESCIMENTO ECONÔMICO, SOCIAL, MORAL, CIENTÍFICO E POLÍTICO DO MUNDO. A PARTIR DAÍ FORMULOU-SE, ENTÃO, AS IDEIAS POSITIVISTAS, QUE FORAM O CENTRO DESSA PRIMEIRA PRODUÇÃO SOCIOLÓGICA.

O FILÓSOFO FRANCÊS AUGUSTE COMTE, É CONSIDERADO O PAI DA SOCIOLOGIA!!!

IMPORTANTE

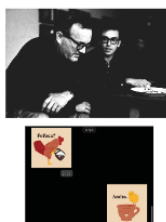
Fonte: Print da autora (2024)

O segundo tema trabalhado foi imaginação sociológica. Para esta aula, além dos slides realizamos algumas dinâmicas. No início da aula coloquei uma enquete no *Mentimeter*¹⁴ sobre a relação indivíduo-sociedade, em que os estudantes

¹⁴ Programa de apresentação virtual que gera resultados com as respostas dos participantes, como nuvens de palavras e gráficos. <https://www.mentimeter.com/app/dashboard>

deveriam votar se acreditam que a sociedade molda o indivíduo ou o contrário. A partir da projeção do gráfico com o resultado das respostas e das argumentação dos alunos, dialogamos sobre essas possibilidades e adentramos no assunto do ser humano como um ser social.

FIGURA 8 - SLIDES IMAGINAÇÃO SOCIOLÓGICA

O QUE VOU SAIR SABENDO DESSA AULA? - Compreender a relação entre o indivíduo e a sociedade; - Refletir sobre o conceito de Imaginação Sociológica de Charles Wright-Mills 	- O ser humano é um ser social. - Uma das principais questões para entender a sociedade é: como ocorre a relação entre o indivíduo (as pessoas) e a sociedade? - Nós construímos a sociedade? A sociedade nos constrói? Ou os dois? - Nós podemos modificar a sociedade na qual estamos? Ou é a sociedade - com suas leis e regras - que cria nosso comportamento, nossos gostos, nosso pensamento?
<u>Qual é a relação entre o indivíduo e a sociedade?</u> Esta pergunta inquieta os cientistas sociais ao longo dos séculos! Iremos refletir sobre esta questão que diz respeito à estrutura social como um todo e a nós mesmos!	IMAGINAÇÃO SOCIOLÓGICA ✓ Conceito desenvolvido pelo sociólogo norte-americano Charles <u>Wright-Mills</u> (1916-1962). ✓ Escreveu o livro "A Imaginação sociológica" em 1959. 

Fonte: A autora (2024)

Na segunda etapa, preparei uma dinâmica para o clássico exemplo do café de Anthony Giddens¹⁵. Além de levar uma xícara para ilustrar o exemplo, distribuí notas adesivas aos alunos que continham algum dos aspectos relacionados ao café (como sua importância simbólica, seu efeito estimulante, entre outros). Pedi que esses alunos lembrassem do que estava escrito no papel, porque, em certo momento da aula, iria pedir que falassem. Depois de explicar o conceito e chegar ao exemplo do café, fiz algumas perguntas genéricas sobre como gostavam de seu café, até chegarmos aos tópicos das diferentes análises que um sociólogo pode fazer a respeito do café. As turmas participaram ativamente, e então, seguimos para a última etapa.

¹⁵ GIDDENS, Anthony; SUTTON, Philip W. Sociologia. Penso Editora, 2023.

A analogia utilizada pelo sociólogo utiliza o simples ato de beber café como ponto de partida para uma ampla análise sobre o produto, como seu valor simbólico, estimulante e as relações econômicas e sociais implicadas em sua comercialização. O exemplo conecta-se com a ideia da imaginação sociológica que propõe que sejamos capazes de pensar nos distanciando das rotinas familiares de nossas vidas cotidianas para poder vê-las como se fosse algo novo.

Com objetivo de metaforicamente expressar a diversidade de interpretações acerca da realidade social, os estudantes produziram um caleidoscópio. Utilizando materiais como réguas e lantejoulas, os grupos seguiram as instruções dadas para montar o objeto e, no final, fizeram suas tentativas de interpretações. A ideia era que o exercício permitisse a compreensão do “olhar sociológico”.

FIGURA 9 - CALEIDOSCÓPIO



Fonte: A autora (2024)

Para receber o kit de montagem, os grupos deveriam resolver uma cruzadinha (FIGURA 10) de três palavras sobre os conceitos vistos na aula: Imaginação Sociológica, Desnaturalização e Estranhamento. A realização da atividade foi bem divertida e a maioria compreendeu a metáfora. Essa etapa da aula só foi possível nas turmas da manhã. Já nas turmas do período noturno, a aula ficou restrita às dinâmicas iniciais e slides.

FIGURA 10 - CRUZADINHA

O importante exercício da _____
_____ contribui com o despertar
dos estudantes para as questões sociológicas,
promovendo a _____ dos
fenômenos sociais por meio do
_____ de noções preconcebidas.



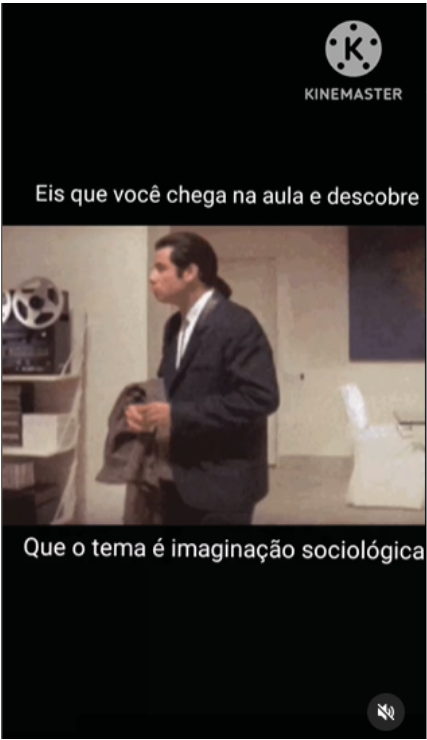
Charles Wright-Mills

U
D
D

Fonte: A autora (2024)

O primeiro post selecionado nesse tema vem justamente da turma de exatas do período noturno. O grupo optou por utilizar um meme, seguido da explicação do tema na legenda (FIGURA 11):

FIGURA 11 - POST IMAGINAÇÃO SOCIOLÓGICA



sociologia_2b_bp • Seguir
Áudio original

sociologia_2b_bp Com a imaginação sociológica podemos perceber como um ato especialmente particular, como o divórcio, interfere em toda a sociedade. O aumento de divórcios redefiniu a instituição social "família" tornando comum a composição familiar de "pais separados". A imaginação sociológica é um termo criado por Mills para designar aquilo que o pensador acredita ser a melhor maneira para se "fazer" Sociologia. A imaginação sociológica representa a conexão entre os fenômenos para além da experiência individual com as instituições com as quais as pessoas convivem.
Gabriel Félix
Wesley
Felipe
Lucas
Editado · 62 sem Ver tradução

kenaicvicentin Qual é o conceito da imaginação sociológica?
A imaginação sociológica diz respeito a percepção de modo

Curtido por alineeumesma e outras 21 pessoas
16 de março de 2023

Adicione um comentário... Publicar

Fonte: Print da autora (2024)

Vale a pena ressaltar outra postagem desse assunto, também feita por uma equipe do 2ºD, a primeira realizada no formato de vídeo (FIGURA 12). Nele, dois estudantes que são conhecidos por frequentarem academia de musculação, escolheram esse espaço para gravar, e enquanto treinavam, discorriam sobre imaginação sociológica. “A imaginação sociológica é sobre a gente parar pra pensar e pra ver nossos problemas de maneira diferente”, apontou o aluno, e enquanto revezavam no aparelho de musculação, citavam os exemplos do divórcio e o próprio fenômeno das academias, que embora pareça uma decisão pessoal, é uma questão pública, já que envolve muitas pessoas buscando um mesmo ideal. O vídeo teve um alcance um pouco maior do que as demais postagens das turmas. Muitos colegas o compartilhavam e comentavam.

FIGURA 12 - VÍDEO NA ACADEMIA



Fonte: Print da autora (2023)

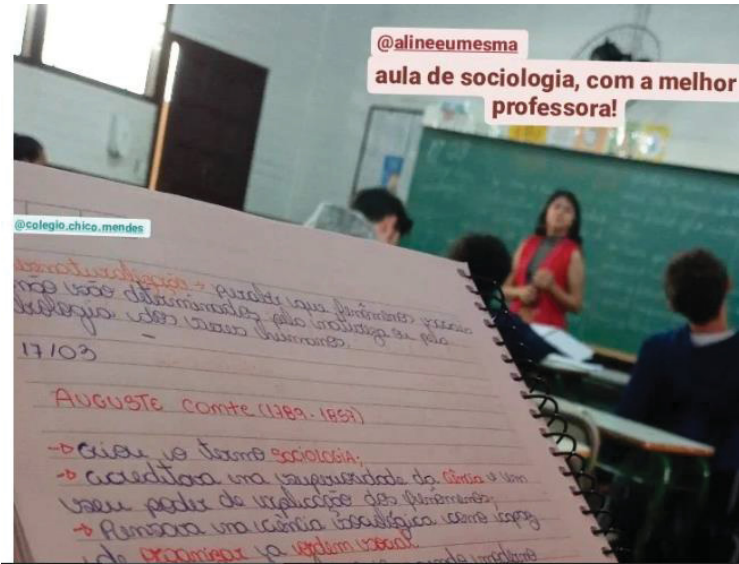
FIGURA 13 - COMENTÁRIOS NO POST



Fonte: Print da autora (2024)

Nas aulas seguintes, entramos nas teorias sociológicas. Iniciando com Auguste Comte. Para essa aula, utilizei a tradicional lousa, registrando um esquema com as principais ideias do autor e finalizei com a paródia sobre o tema, aquela apresentada no início do texto, composta para a aula à distância. A turma do 2ºD que começou como uma das mais ativas e empolgadas com a página, deixou alguns registros da aula nos stories (FIGURA 14 e FIGURA 15).

FIGURA 14 - STORIES DA AULA



Fonte: Print da autora (2024)

FIGURA 15 - STORIES DA AULA



Fonte: Print da autora (2024)

Mais uma vez escolho para os registros a atividade realizada pelo 2ºB da noite, uma das turmas mais dedicadas em relação ao Instagram. Eles sempre postavam com antecedência e faziam comentários elaborados sobre os assuntos. Dessa vez, falaram sobre Comte no formato de curiosidades sobre o autor.

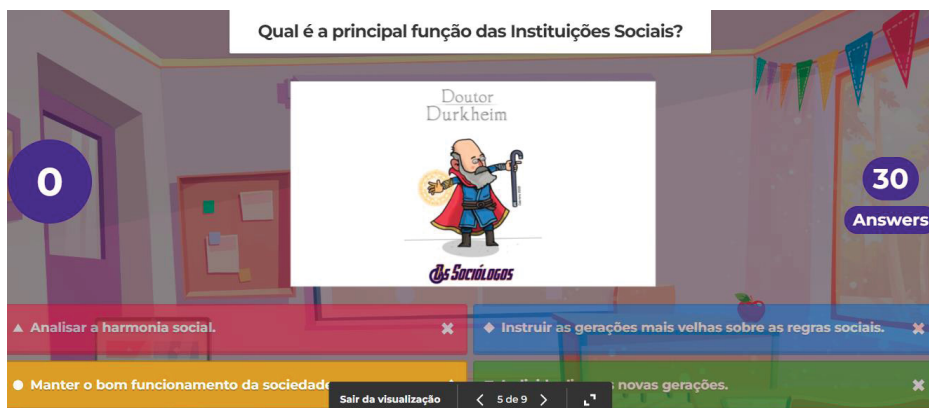
FIGURA 16 - POST AUGUSTE COMTE



Fonte: Print da autora (2023)

O próximo teórico trabalhado foi Durkheim. Também segui o modelo de esquema no quadro e paródia. Para finalizar, fizemos uma atividade no *Kahoot!*¹⁶.

FIGURA 17 - KAHOOT DURKHEIM



Fonte: Print da autora (2024)

FIGURA 18 - PARÓDIA DURKHEIM

F9 C Dm Am

Foi **Émile Durkheim** quem fez a sociologia se tornar uma ciência para a gente estudar na sociedade tudo o que importa

Pra analisar ela inteira precisa de um método bem definido pra olhar cada objeto e como coisa o tomar teremos então os **fatos sociais**

É do particular para o geral que deve acontecer, generalizações para o conceito se fundar. **Função**, **coesão**, **moral** e **anomia** são alguns dos conceitos de Émile Durkheim em sua sociologia

F9 C Dm Am

Paródia - Singular

Para o Durkheim, a sociedade toda tem que funcionar como um corpo humano em **harmonia** e caso isso venha não acontecer, vai chamar de **anomia**, quando no social falta regra e para resolver quem pode ajudar é a **moral** que faz o social assim se ordenar

Dm F9 C G

É tão particular o indivíduo como a gente vê, mas **coletiva é a sua consciência**. Tantas histórias esse sociólogo conta, é a sociologia de Émile Durkheim pra nossa vida

Fonte: Print da autora (2024)

Mais uma vez o 2ºD vai aparecer por aqui. Nessa ocasião, os alunos aproveitaram um assunto que estava em alta, a divulgação do filme “Barbie” (2023), para chamar atenção para seus posts.

¹⁶ Kahoot! é uma plataforma de aprendizado baseada em jogos, usada como tecnologia educacional em escolas e outras instituições de ensino. Seus jogos de aprendizado, “Kahoots”, são testes de múltipla escolha que permitem a geração de usuários e podem ser acessados por meio de um navegador da Web: <https://kahoot.com/>

FIGURA 19 – PARTE DO POST SOBRE DURKHEIM



Fonte: Print da autora (2024)

E chegamos a um dos temas que mais rendeu postagens: Karl Marx. Antes de chegar nelas, comento sobre a aula em sala. Para iniciar, realizei a dinâmica dos sapatinhos. Conhecida entre os professores de sociologia, resumidamente, a dinâmica consiste em fazer de conta que a sala de aula é uma fábrica de sapatos, enquanto a professora é a burguesa e os alunos são os trabalhadores. Os trabalhadores decidem seus salários e os valores dos sapatos. Depois, cortam o máximo de papéis possíveis, que representam os sapatos. No fim, com a venda dos sapatos, fazemos os cálculos e percebemos que a dona da fábrica recebe infinitamente mais do que os trabalhadores, que realmente produziram. A partir disso, relacionamos os resultados da experiência aos conceitos de luta de classes e mais-valia. E vamos aos posts.

Finalmente chegamos a um trabalho realizado por uma turma de humanas, o 2°C. Sempre brincamos entre os professores que é a turma de humanas mais de humanas possível. Boa parte dos alunos realmente gosta e se dedica às matérias de humanas. O grupo que escolheu esse tema já tinha alguma noção sobre Karl Marx, além de um dos integrantes se autodefinir como cinéfilo e o grupo todo ser bastante aplicado, fatores que se justificam na qualidade da entrega. Superando a orientação de fazer um único post sobre a temática, o grupo apresentou 20 postagens em

diferentes categorias, acionando diversas produções culturais e figuras históricas que se relacionam com o conceito. Utilizando designs criativos, iniciaram com uma sequência explicando o conceito (FIGURAS 20).

FIGURAS 20 - POST LUTA DE CLASSES



Fonte: Print da autora (2023)

A página foi nutrida diariamente por eles com diferentes séries de postagens. A primeira categoria apresentada pelo grupo foi denominada “CINEMARX: O que os camaradas veem (ou deveriam ver) hoje em dia?”. A publicação inicial ainda apresenta uma subcategoria: “Da origem do Cinema Novo” e na capa mostra Marx e Marighella num cinema, com óculos e filtro de ‘gatinho’ (FIGURAS 21). Na legenda, indicam que se trata de filmes que abordam a luta de classes, desde o Cinema Novo até a atualidade. Além disso, explicam quem foi Marighella.

FIGURAS 21 - POST CINEMARX



Fonte: Print da autora (2023)

Na sequência, encontramos uma discussão sobre o Cinema Novo e 7 referências de filmes, com enredos concebidos pelo grupo (FIGURA 22). Dentre eles “Deus e o Diabo na Terra do Sol” (1964), “Eles não usam Black-Tie” (1981) e “Que horas ela volta?” (2015). Na publicação do dia seguinte, encontramos trechos de dois dos filmes mencionados.

FIGURA 22 - REFERÊNCIA DE FILME



Fonte: Print da autora (2023)

Seguindo, encontramos a outra série idealizada pelos integrantes do grupo: “Coisas que Karl Marx aplaudiria: A arte em forma de protesto” (FIGURA 22). Nela, são contempladas imagens de arte de rua, como a frase “A sociedade se compõe de duas classes: uma que tem mais apetite que jantares e outra que tem mais jantares que apetite” – atribuída ao poeta Nicolas Chamfort – ‘pichada’ num muro. Essa série possui outras 5 partes.

FIGURA 23 - ARTE EM FORMA DE PROTESTO



Fonte: Print da autora (2023)

Retornando à categoria “CINEMARX: O que os camaradas veem (ou deveriam ver) hoje em dia?”, outra subcategoria apresentada foi “Protagonismo queer e não-branco” (FIGURA 24). As biografias acionadas nesse momento são Angela Davis e Frida Kahlo. Além das descrições sobre vida e luta dessas personalidades, nos defrontamos com 4 referências cinematográficas, que ainda tem por pano de fundo a interpretação dos estudantes a respeito da teoria de Marx, mas com protagonismo queer e não-branco. Por exemplo “Desculpe te incomodar” (2018); “Orgulho e esperança” (2014) e “Parasita” (2019).

FIGURA 24 - PROTAGONISMO QUEER E NÃO-BRANCO



socioexistindo Filmes que tratam sobre a luta de classe com protagonismo queer, negro e asiático.

Feat. Angela Davis e Frida Kahlo

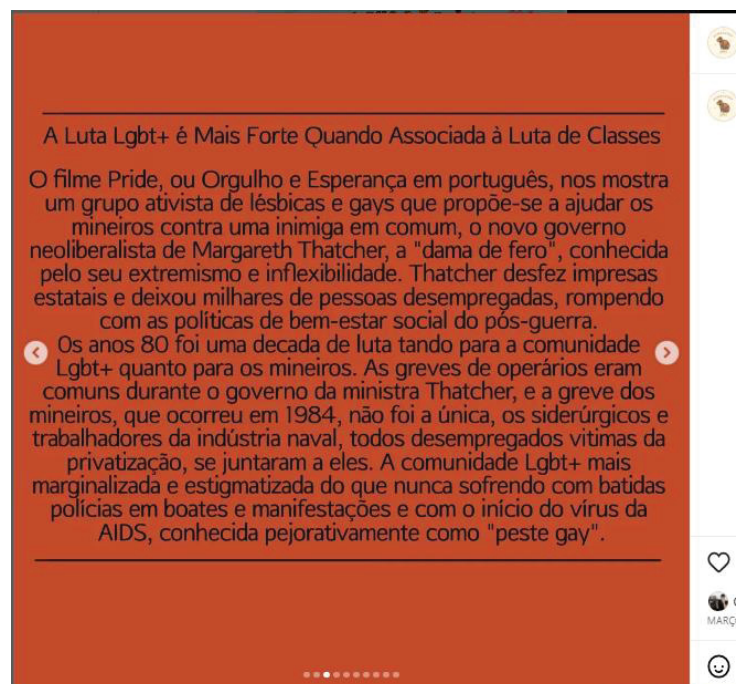
Angela Davis luta pelos direitos da população negra e das mulheres nos Estados Unidos. Intellectualmente, ela é influenciada pelo marxismo e pela Escola de Frankfurt. Nos movimentos sociais, defende a igualdade entre negros e brancos e a igualdade de gênero, além de teorizar acerca da importância do feminismo negro para reconhecer as dificuldades da mulher negra na sociedade, que, além de sofrer pela misoginia, sofre também pelo racismo.

A ativista milita pelo fim do cumprimento de penas em presídios, pois considera que os presídios dos Estados Unidos tornaram-se um imenso cárcere de pessoas negras e latinas, e lutava pela interseção entre classe, raça e gênero: estas três categorias, classe social, raça e gênero, estão entrelaçadas, não sendo possível separá-las, segundo Davis. Para a autora, muitos militantes da esquerda só vêm o fator da classe social, e muitas militantes feministas fecham os olhos para as questões raciais. É necessário enxergar que as três categorias estão juntas.

Leia mais em: <https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/angela-davis.htm>

Fonte: Print da autora (2023)

FIGURA 25 - FILME PRIDE



Fonte: Print da autora (2023)

Entre trechos de filmes citados, os estudantes apresentam mais duas subcategorias dessa série. A "Cinema mudo revolucionário" (FIGURA 26), que mostra os filmes e mobiliza as figuras de Che Guevara e Fidel Castro; e a "Cinema Político Italiano", este incorporando as figuras de Stalin e Lenin (FIGURA 27). Por fim, o grupo postou um poema criado por uma colega e uma sequência de publicações com base na obra "Seja marginal, seja herói" de Hélio Oiticica (1968).

FIGURA 26 - CINEMA MUDO



Fonte: Print da autora (2023)

FIGURA 27 - CINEMA POLÍTICO ITALIANO



Fonte: Print da autora (2023)

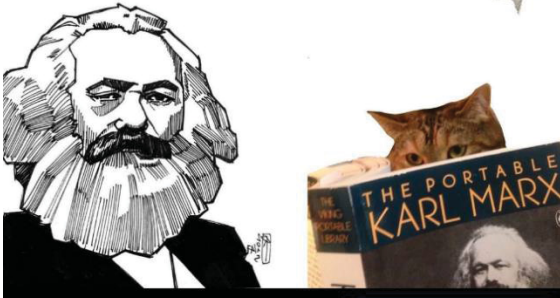
A quantidade de tópicos que o grupo mobilizou a partir do tema da aula excedeu a expectativa. O que nos leva a refletir que, se estivéssemos tratando do mesmo conceito de outras maneiras, como seminários ou debates, não teríamos tantos elementos das subjetividades desses adolescentes, nem a capacidade de pesquisa e criatividade que ofereceram.

A outra turma de humanas da escola também apresentou um excelente trabalho sobre o tema. Utilizando explicações didáticas e memes em designs chamativos, o grupo do 2ºA também tinha uma proximidade com a teoria e aproveitou para demonstrar isso em sua postagem (FIGURA 28FIGURA 29).

FIGURA 28 - POST LUTA DE CLASSES 3ª

LUTA DE CLASSES

QUE P#### É ESSA MARX??



CONSCIENCIA DE CLASSES!

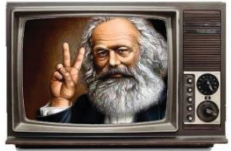
Consciência de classe, para Marx e Engels, é a percepção do próprio papel no sistema produtivo, seja como produtor de riqueza, seja como proprietário dos meios de gerar riqueza.

Essa percepção é construída ao longo do tempo por meio da:

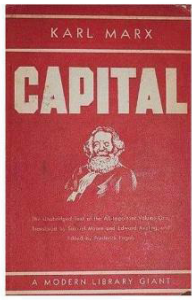
LUTA DE CLASSES

CLASSES

existem três grandes classes: proprietários fundiários, capitalistas e trabalhadores assalariados. Os dois primeiros pertencem ao grupo de proprietários, e o último, ao grupo de produtores de riqueza.



SEGUNDO A BIBLIA MARXISTA:



“Os proprietários de simples força de trabalho, os proprietários de capital e os proprietários de terras, cujas respectivas fontes de receitas são o salário, o lucro e a renda do solo, ou seja, os operários assalariados, os capitalistas e os latifundiários, formam as três grandes classes da sociedade moderna, baseada no regime capitalista de produção”.

LUTA DE CLASSES

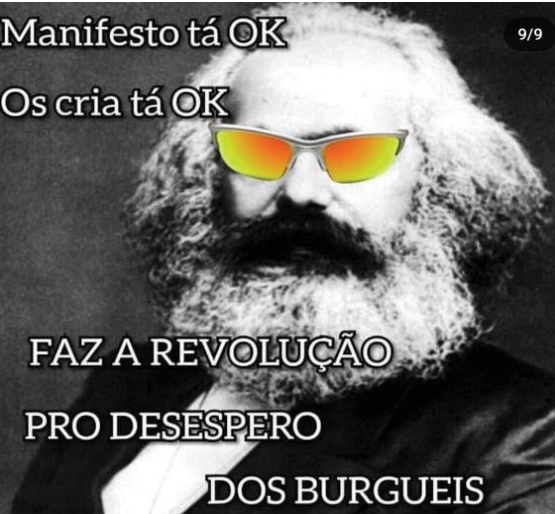
envolve reconhecer a própria condição econômica, identificar outros indivíduos na mesma situação, desenvolver uma gama de interesses em comum e organizar-se politicamente para viabilizar as demandas desse grupo.

A Partir dessa conclusão, Marx chegou na classe trabalhadora e disse:



Manifesto tá OK

Os cria tá OK



FAZ A REVOLUÇÃO PRO DESESPERO DOS BURGUEIS

Fonte: Print da autora (2023)

FIGURA 29 - MEMES LUTA DE CLASSES



Fonte: Print da autora (2023)

Outro grupo do 2ºA desenvolveu seu trabalho sobre o segundo tópico relacionado a Marx: as contradições do capitalismo. Não foi tão criativo quanto os já apresentados, mas ainda merece destaque pela ótima explicação que fizeram (FIGURA 30)

FIGURA 30 - CONTRADIÇÕES DO CAPITALISMO

CONTRADIÇÕES DO CAPITALISMO

1/6

O capitalismo é um sistema econômico que tem como objetivo principal a obtenção de lucro. As características centrais do capitalismo são a propriedade privada e a acumulação de capital.

2/6

Na sociedade regida pelo capital, a dinâmica expansionista e de acúmulo do capital exigiu uma forma concreta de Estado, que legitima o domínio econômico de uma classe sobre a outra, para possibilitar a exploração do homem pelo homem e manter essa desigualdade social.

Nesse processo, dá-se início a produção social da riqueza e sua apropriação privada. A partir daí, tem-se a desigualdade social – na qual se encontra a concentração da propriedade privada e da riqueza num pólo, e no outro pólo, o pauperismo e a exploração do trabalho assalariado.

3/6

A partir do momento em que esse sistema econômico deu início, e os bens coletivos passaram a ser privados e individual de quem o produziu, possibilitou uma forma disfarçada do antigo escravismo direto.

4/6

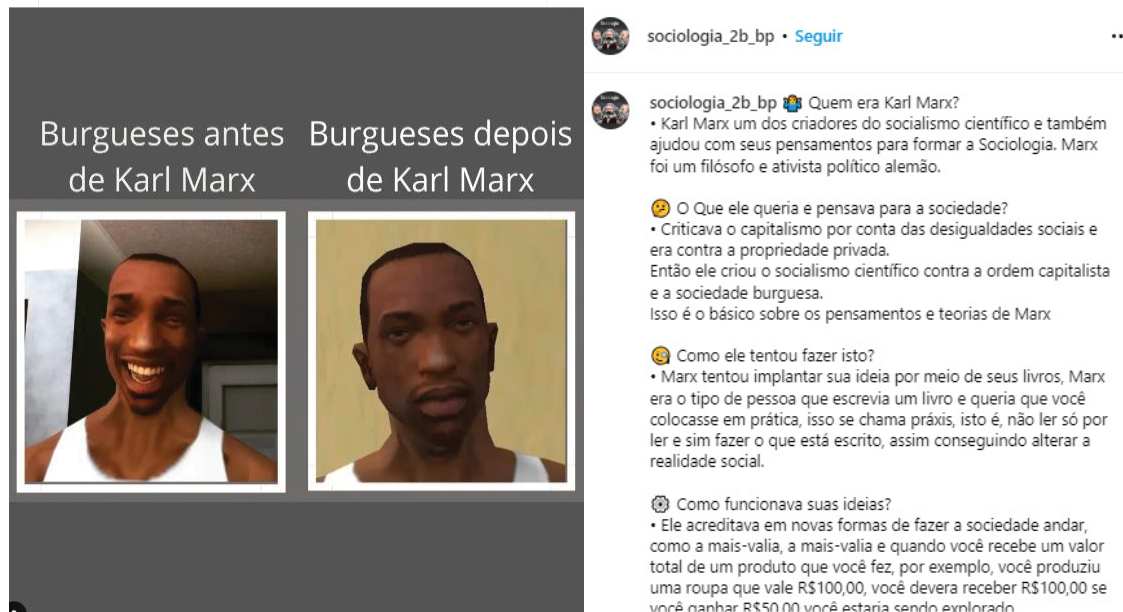
Vale mencionar que chegamos ao ponto em que o Estado transferiu a responsabilidade de oferecer qualidade de vida, por mérito individual. A saúde, transporte, educação, moradia, garantidos pela lei, só são de qualidade para aqueles que possuem por condição própria de seu trabalho e "mérito", e ainda existe quem admite isso como sendo certo. O motivo? o sistema capitalista! faz com que o Estado se abstenha de cumprir suas obrigações.

5/6

Fonte:Print da autora (2023)

O pessoal do noturno também optou por elaborar memes em suas abordagens sobre a teoria de Marx:

FIGURAS 31 - POST DE GRUPO DO NOTURNO - MARX



Fonte: Print da autora (2023)

FIGURA 32 - POST CAPITALISMO



Fonte: Print da autora (2023)

Vamos então para o último sociólogo dessa etapa: Max Weber. E para esse assunto, voltamos a utilizar slides (FIGURA 33).

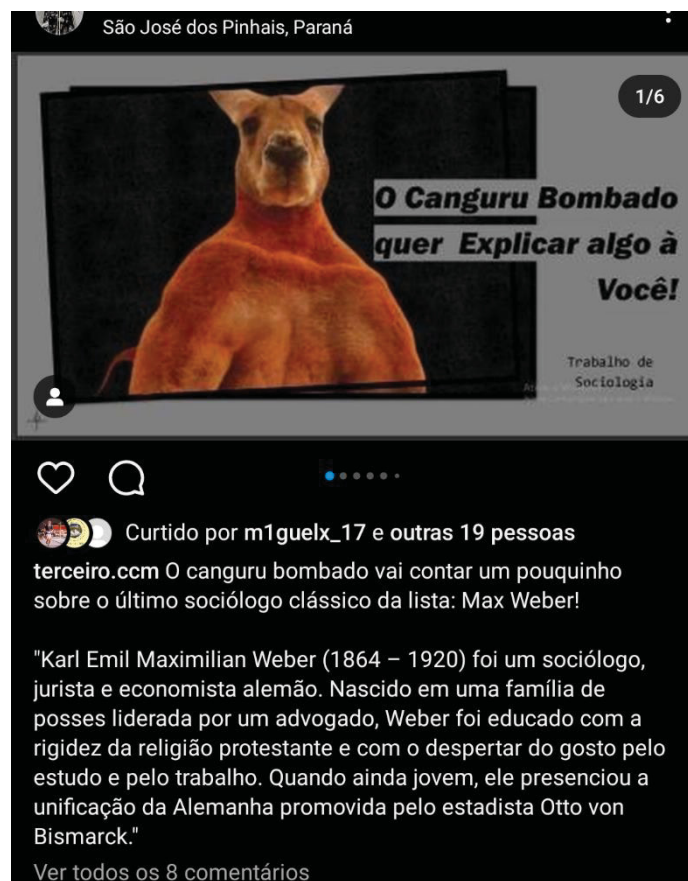
FIGURA 33 - SLIDES MAX WEBER



Fonte: A autora (2023)

Uma nova equipe do 2ºD destacou-se nesse assunto. Utilizando outra figura da internet, o “canguru bombado”, eles chamaram atenção para seus entendimentos da teoria de Weber.

FIGURA 34 - POST MAX WEBER



Fonte: Print da autora (2023)

FIGURA 35 - POST WEBER



Fonte: Print da autora (2023)

Para finalizar o trimestre, o último assunto estipulado pela grade da rede estadual era a apresentação da área da antropologia juntamente com os conceitos de Etnocentrismo, Relativismo e Alteridade. Além de uma abordagem extremamente reduzida, o conteúdo foi descolado de outros temas relacionados, que voltam a aparecer apenas no terceiro trimestre, como a questão indígena e racial. Com a

disposição dos conteúdos sendo disponibilizada apenas no início de cada trimestre, isso dificultou a possibilidade de reorganizá-los com autonomia, além da cobrança em relação a Prova Paraná¹⁷, prova de larga escala estadual realizada ao final de cada trimestre, que visa elaborar um diagnóstico do ensino no estado, que nos obriga a seguir à risca a ordem dos conteúdos.

Enfim, para abordar tais conceitos, já na correria do final do trimestre, mescliei o uso de slides e anotações na lousa (FIGURA 36). Resumidamente, tratamos do evolucionismo e relativismo cultural. Para exemplificar a ideia de etnocentrismo, além de abordar casos históricos, trabalhei com partes da animação “Frozen II” (2019), que mostra o rei do reino fictício de Arendelle, atacando um povo da floresta por desconfiar de seu uso da magia. A falta de conhecimento do povo ocidental tinha sobre o povo da floresta fazia-os adotar uma postura etnocêntrica em relação a eles.

FIGURA 36- SLIDES ANTROPOLOGIA

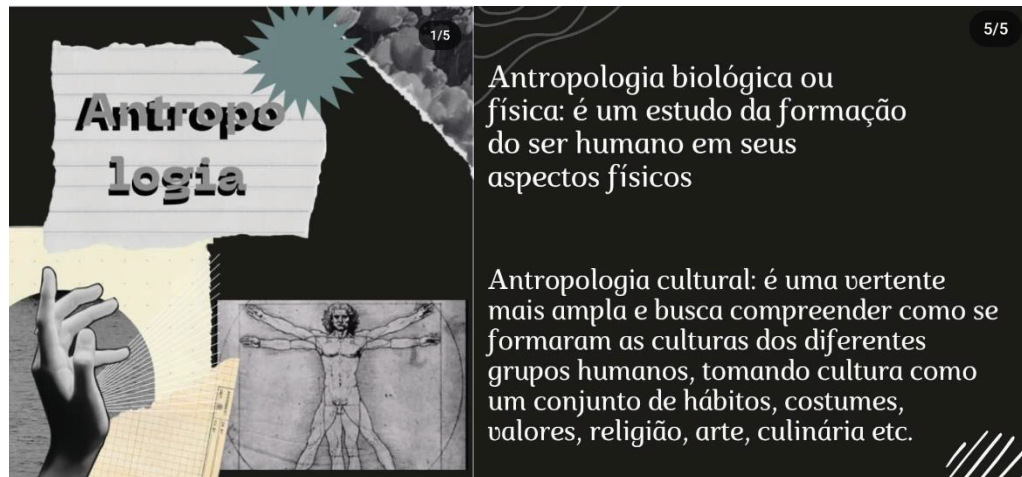
SOCIOLOGIA ALINE DE AZEVEDO 2ª SÉRIE CULTURA E ANTROPOLOGIA Os brasileiros precisam ser estudados pela NASA antropólogos: 	OBJETIVOS Aprender sobre os primórdios das reflexões culturais e como elas avançaram. falar que os portugueses “descobriram” o Brasil falar “Índio” falar “indígena” Saber usar conceitos de alteridade e etnocentrismo 
Segundo a perspectiva antropológica contemporânea, não é possível estabelecer um parâmetro que indique a superioridade entre diferentes culturas. 	A reflexão sobre cultura antes da Antropologia científica (ela se desenvolveu plenamente a partir do século XX) era perpassada pela compreensão do “outro” a partir dos próprios valores (europeus/ocidentais) de quem observava.

Fonte: a autora (2023)

Também por conta do fim do trimestre, os trabalhos foram um pouco mais simplórios nessa temática. Seguem alguns exemplos: o primeiro deles foi feito por um grupo do 2ºA, explicando sobre as áreas da antropologia, seguido por um grupo do 2ºD, que expôs sobre relativismo e etnocentrismo de forma bastante acessível.

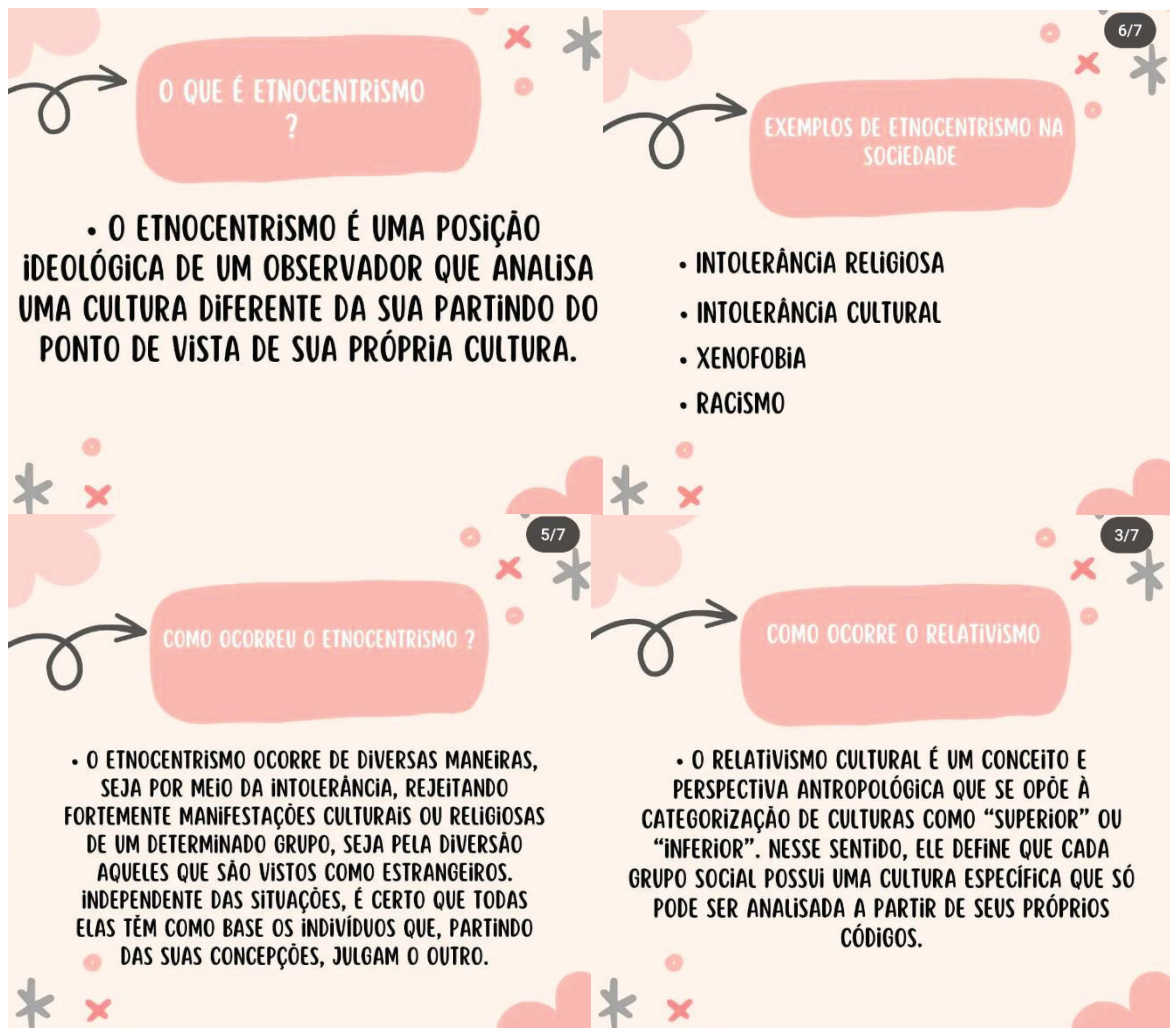
¹⁷ De acordo com a SEED, a Prova Paraná “é uma ferramenta avaliativa, elaborada pela Secretaria de Estado da Educação (Seed-PR), utilizada para instrumentalizar professor, equipe gestora das instituições de ensino, secretário municipal de educação e sua equipe elaboraram, a partir de evidências, ações de melhoria da aprendizagem.” e tem por objetivo “Identificar as dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos estudantes, bem como, as habilidades já apropriadas por eles durante o processo de ensino e aprendizagem.” (SEED/PR, 2024)

FIGURA 37 - POST ANTROPOLOGIA



Fonte: Print da autora (2023)

FIGURA 38 - POST ETNOCENTRISMO E RELATIVISMO

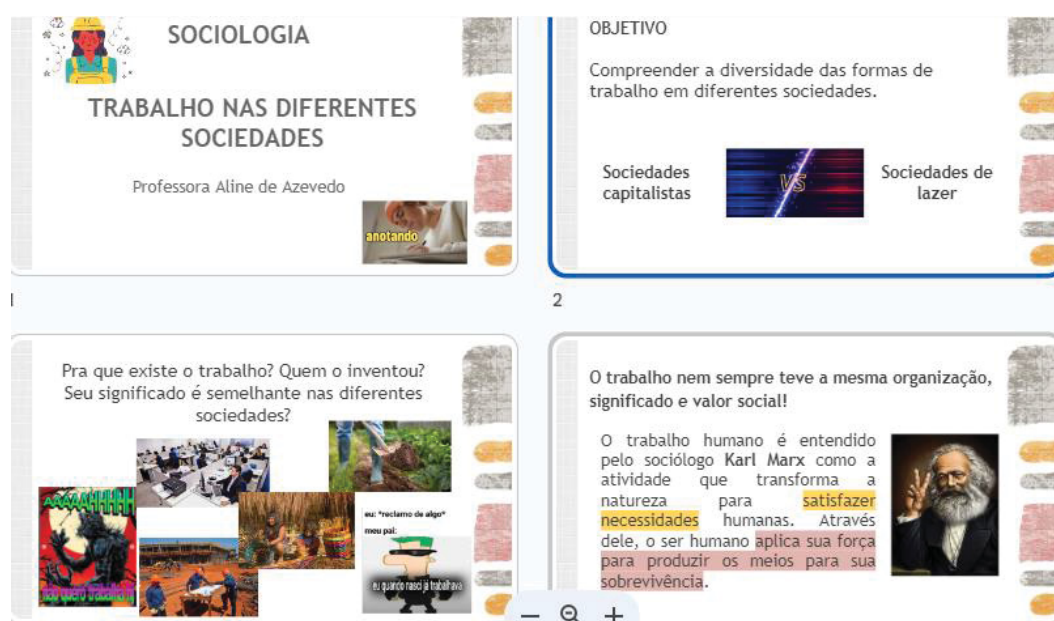


Fonte: Print da autora (2023)

3.4 POLÍTICA E DESIGUALDADE: O SEGUNDO TRIMESTRE NO INSTAGRAM

A primeira parte do segundo trimestre girava em torno do trabalho e das desigualdades sociais. Começamos com “Trabalho nas diferentes sociedades”, a partir de uma apresentação de slides comparando a produção nas sociedades feudais, capitalistas e nas sociedades tribais¹⁸ (FIGURA 39 - SLIDES TRABALHO NAS DIFERENTES SOCIEDADES).

FIGURA 39 - SLIDES TRABALHO NAS DIFERENTES SOCIEDADES



Fonte: a autora (2023)

Encaminhando para as aulas sobre desigualdades, trabalhamos com alguns dados estatísticos (FIGURA 40) e dois documentários: o clássico das aulas de ciências humanas “Ilha das Flores” (1989)¹⁹ e um mais contemporâneo “Vidas Entregues” (2019)²⁰. O primeiro, um curta-metragem, aborda algumas questões como consumismo, desigualdade social, fome, pobreza e lucro a partir da trajetória de um tomate, desde a colheita até o descarte, momento em que chega ao lixão da ilha. Já o segundo filme traz à tona o debate sobre a precarização das condições de

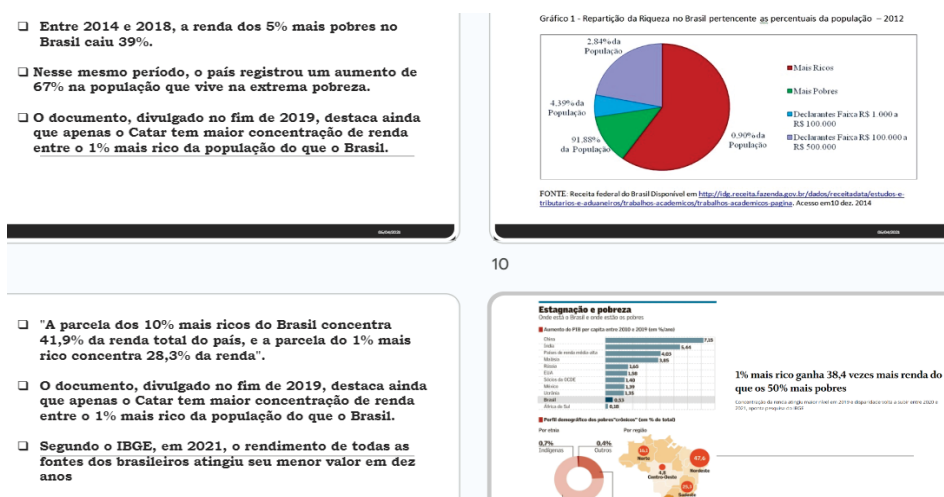
¹⁸ A partir do conceito de Marshall Sahlins, que classifica as sociedades tribais como “sociedades da abundância ou do lazer”, que embora sejam muito distintas entre si, o trabalho geralmente não tem a mesma concepção que vigora nas sociedades industrializadas. Nelas o trabalho está integrado a outras dimensões da sociabilidade. (SAHLINS, Marshall. Sociedades tribais. Rio de Janeiro: Zahar, 1974)

¹⁹ https://www.youtube.com/watch?v=h30BO_6kFNM

²⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=cT5iAJZ853c&t=1s>

trabalho, baixíssimos salários e a ausência de direitos trabalhistas e sociais dos entregadores de aplicativos de comida. Após a exposição, realizamos uma roda de conversa com os estudantes sobre suas percepções a respeito desses tópicos. As conversas foram bastante produtivas, e muitos dos alunos relacionaram os temas aos trabalhos de seus familiares e às suas vivências.

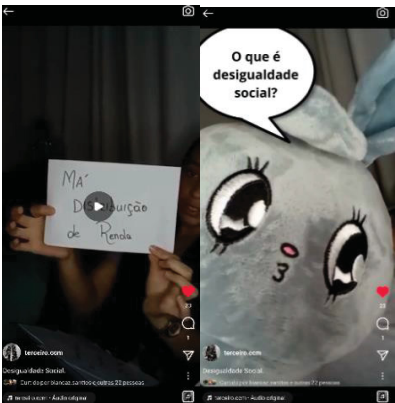
FIGURA 40 - DADOS DESIGUALDADES



Fonte: a autora (2023)

Chegando aos posts, dois grupos do 2ºD do Chico Mendes, mais uma vez, escolheram esse tema e elaboraram materiais que se destacaram por serem diferentes. Um dos grupos produziu um vídeo explorando o assunto (FIGURA 41). Uma estudante com seu bichinho de pelúcia, inicia o vídeo explicando que desigualdade social é um problema que ocorre quando algumas pessoas têm acesso a mais recursos do que outras. Em seguida, apresenta algumas causas, como a má distribuição de renda, a falta de oportunidade de trabalho, entre outras. Por fim, ela expõe algumas consequências da desigualdade social, como a marginalização de grupos sociais, aumento da criminalidade e a fome, por exemplo. O outro grupo resgatou a temática da academia, utilizando a figura de um influenciador sobre vida fitness, como maneira de chamar a atenção para seu post sobre desigualdade (FIGURA 42).

FIGURA 41 - VÍDEO DESIGUALDADE



Fonte: Print da autora (2023)

FIGURA 42 - POST DESIGUALDADE

1/7

Oxi o que o toguro ta fazendo alikkkkkkkkkkkk (até o final ce racha o bicokkk)

Então, é o seguinte, a desigualdade social é o tema do trabalho (kkkkkk na moral). Mas daí você se pergunta, o que o nosso querido (lindo também) toguro tem haver com ela??

Vou dar um exemplo, só deixa eu pensar em um, pera aí... Já sei já sei, se liga:

você que está vendo este post, muito provavelmente está vendo por uma máquina elétrica tecnológica (ou celular kkkkkkk), vendo por esse lado, tem pessoas que não tem condições de comprar um dispositivo telemóvel, sendo assim, você é a própria desigualdade em pessoa (brincadeira, fazendo o favor não me processe).

você neste exato momento depois de ler esse exemplo:

Bom, vamos explicar primeiro o que é essa tal desigualdade (parte chata do trabalho)

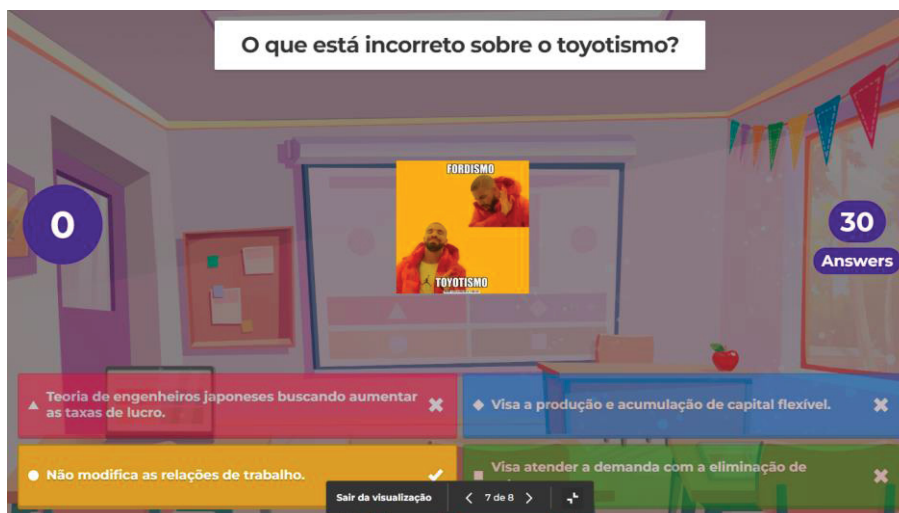
É quando um grupo de pessoinhas tem alguns privilégios á mais que outras pessoinhas, criando assim uma desigualdade (olha lá o nosso tema) na qualidade de vida e nas oportunidades de desenvolvimento.

Ela (a desigualdade social no caso seu burro, presta atenção) pode se manifestar de várias formas. Algumas delas são:

- financeira;
- escolar;
- profissional;
- gênero (fala mais militante kkkk);
- entre outras (se tiver mais comenta ae pa nois);

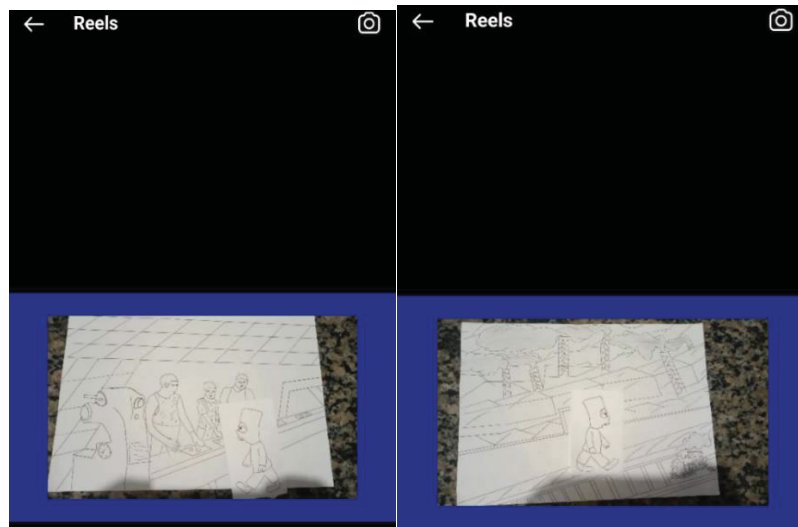
A seguir, o conteúdo trabalhado foi “Modelos produtivos no capitalismo”. Como essa temática, que aborda os modelos do fordismo, taylorismo e toyotismo e seus impactos sociais, econômicos e políticos, é também trabalhada pela geografia, para apresentá-la em aula iniciei com um *Kahoot* (FIGURA 43), a fim de partir do que os alunos já conheciam sobre o assunto. Com base nas respostas e no diálogo com os alunos, elaborei um quadro comparativo na lousa. Dentre os posts produzidos sobre o assunto, selecionei o vídeo feito por uma equipe do 2ºC, turma de humanas do Chico Mendes. Nele, os estudantes narram sobre esses modelos produtivos enquanto uma animação com desenhos feitos por um dos alunos é exibida (FIGURA 44). A turma de exatas, do turno da noite, também produziu um vídeo sobre o assunto. Dessa vez, um aluno discorreu sobre os modelos produtivos de seu próprio ambiente de trabalho (FIGURA 45).

FIGURA 43 - KAHOOT TOYOTISMO



Fonte: a autora (2023)

FIGURA 44 - POST FORDISMO E TOYOTISMO



Fonte: Print da autora (2023)

FIGURA 45 - VÍDEO 2ºB



Fonte: Print da autora (2023)

O último conteúdo dessa temática, que também encerrou a primeira metade do trimestre, foi sobre direitos trabalhistas. Para isso, registrei tópicos na lousa sobre regulamentação do trabalho e a onda de desregulamentação. Dentre as postagens feitas, destaco uma do 2ºC, realizada pelo mesmo grupo que fez a abordagem

cinematográfica antes. Agora, a equipe referenciou a série “Succession” (2018-2023) ao explicar sobre direitos trabalhistas.

FIGURA 46 - POST DIREITOS TRABALHISTAS



Fonte: Print da autora (2023)

Em seguida, entramos na parte de política e cidadania. O tópico de democracia e autoritarismo também é marcado por ser trabalhado em outras disciplinas. Assim, retomei o assunto a partir do vídeo “O que é democracia” (2021)²¹, do canal da Câmara dos Deputados. Após dialogar com os estudantes sobre o que a palavra “democracia” significava para eles, registrei na lousa algumas características de um regime democrático com base nos apontamentos de Robert Dahl²², bem como as características de um regime autoritário, a partir da teoria de Juan Linz²³. Para finalizar, conversamos sobre períodos autoritários nos governos brasileiros. Tal como o tema, os posts realizados pelos estudantes ficaram bem

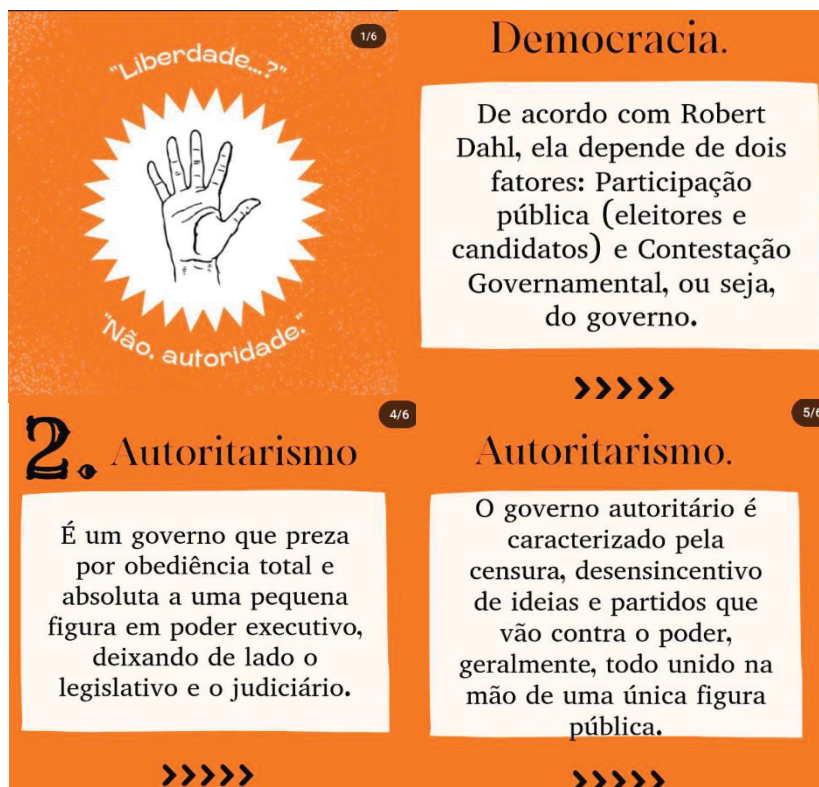
²¹ <https://www.youtube.com/watch?v=1sT7ZCkxolw&t=5s>

²² BARON, Jaime. Novas democracias: as visões de Robert A. Dahl, Guillermo O'Donnell e Adam Przeworski. 1999.

²³ LINZ, Juan. Estado Totalitário e Estado Autoritário. Revista de Ciência Política, nº 20, jan-mar. 1977

teóricos, apresentando apenas os conceitos. Escolhi para representar a postagem do 2°C, que sintetizou o tema da seguinte maneira (FIGURA 47):

FIGURA 47 - POST DEMOCRACIA



Fonte: Print da autora (2023)

Cidadania e direitos, o assunto seguinte, também foram abordados a partir da interdisciplinaridade. Utilizamos novamente o quadro para registrar alguns conceitos como a tipologia dos direitos²⁴ e a diferença entre cidadania formal e real²⁵. Trago, mais uma vez, partes da postagem de um grupo do 2°C para ilustrar o trabalho dos estudantes em relação ao tema.

²⁴Concepção dos direitos civis, políticos e sociais para T. H. Marshal: Marshall, Thomas H. (2002). Cidadania e classe social. Volume I. Brasília: Senado Federal, Centro de Estudos Estratégicos, Ministério da Ciência e Tecnologia.

²⁵ Conceitos de José Murilo de Carvalho, distanciando a cidadania que está nas leis e sua efetivação: CARVALHO, J. M. 2012. Cidadania no Brasil: o longo caminho. Rio de Janeiro.

FIGURA 48 - POST CIDADANIA E DIREITOS



Fonte: Print da autora (2023)

Já na reta final do trimestre, partimos para os movimentos sociais. De início, conceituei o que são movimentos sociais e mencionei sua importância na conquista histórica de direitos. Em seguida, os estudantes prepararam seminários em que cada equipe escolheu um movimento social para apresentar (movimento feminista, negro, LGBT, indígena, MST, entre outros). Para as equipes que escolheram o conteúdo de movimentos sociais para o Instagram, também deixei aberta a possibilidade de abordar qualquer movimento ou uma abordagem geral. Foi um

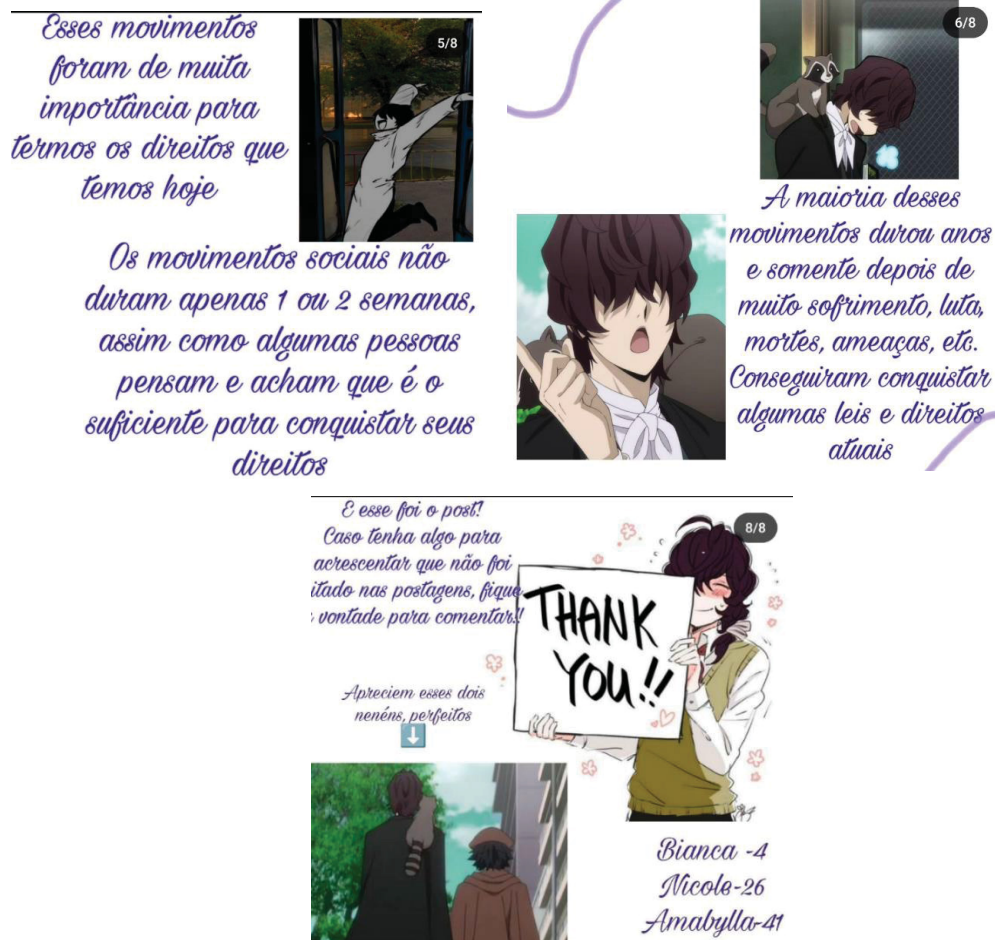
tema amplamente escolhido pelos grupos, e apresento a seguir dos resultados, dessa vez com a turma do 2ºD.

FIGURA 49 - POST MOVIMENTOS SOCIAIS



Fonte: Print da autora (2023)

FIGURA 50 - CONTINUAÇÃO MOVIMENTOS SOCIAIS



Fonte: Print da autora (2023)

As postagens sobre movimentos sociais geralmente ficaram focadas no movimento LGBT. Elas traziam referências a Revolta de Stonewall, ao dia do orgulho e a algumas séries com representatividade, como no exemplo a seguir (FIGURA 51).

FIGURA 51 - POST MOVIMENTO LGBT



Fonte: Print da autora (2023)

O conteúdo que encerrava o trimestre, “Formas de Estado” enfrentou desafios em função do cronograma do trimestre. Com os seminários e as demandas da escola, não houve tempo para uma aula sobre o assunto e nem para disponibilizar materiais antes de os grupos elaborarem seus posts. Por isso, nas pesquisas autônomas dos alunos, o que aparecia como “formas de Estado” era diferente do que costumamos trabalhar nas aulas de sociologia. Enquanto esperávamos que eles abordassem tipos de Estado como absolutista, neoliberal, entre outros, todos os trabalhos acabaram apresentando diferenças entre Estado Unitário e Federação. E o trimestre posterior prosseguiu apresentando esses obstáculos.

3.5 TRIMESTRE FINAL: CULTURA E DIVERSIDADE

No terceiro trimestre, foi recorrente o desencontro de tempo entre o cronograma de postagem e as aulas dadas. Mesmo sendo flexível quanto aos atrasos nas entregas, tínhamos as demandas da escola de fechar notas a tempo de organizar as recuperações e outras atividades similares. O último conteúdo planejado nem mesmo foi trabalhado. Como consequência, alguns dos posts foram produzidos através da pesquisa pura dos grupos, sem o norte das aulas. Ainda assim, o terceiro e último trimestre foi marcado por excelentes trabalhos realizados pelos alunos.

O conteúdo que inaugurou o trimestre foi Indústria Cultural. Como esse assunto geralmente levanta bastante interesse dos adolescentes, utilizei diferentes estratégias para sua abordagem. Para iniciar, resgatei o *Mentimeter*, utilizando-o em

uma enquete em que os alunos respondiam se conheciam alguns produtos altamente difundidos pela cultura popular, como o Filme Barbie (2023), os filmes da Marvel, a cantora Anitta, e assim por diante. A partir dos resultados, abri o diálogo para que os alunos levantassem hipóteses sobre porque tantas pessoas consumiam o mesmo tipo de entretenimento. Posteriormente, exibi o vídeo “Adorno e a indústria da cultura”²⁶ do canal Tempero Drag no YouTube, que responde a essa questão e muitas outras de maneira didática e atrativa. Em seguida, levei um texto impresso para uma leitura coletiva, esmiuçando os conceitos de Adorno e Horkheimer e Walter Benjamin. Também abordei a questão dos padrões de beleza e usei como exemplo músicas e propagandas.

Por fim, e em aulas seguintes, os estudantes realizaram um debate sobre a indústria cultural, discutindo se ela é alienante ou se tem potencial de democratizar a arte. O debate foi bastante caloroso em todas as turmas (com exceção das turmas do noturno, em que não tivemos tempo hábil para sua execução), os alunos apresentaram vários exemplos de suas referências culturais e defenderam com muitos argumentos seu ponto de vista. O empenho em relação ao conteúdo ficou evidente também nas postagens. Essa temática foi dividida em duas possibilidades: “Indústria Cultural” e “Mídia, Cultura e Informação”. Começo apresentando as produções de duas equipes do 2ºB da manhã, a turma de exatas que menos apareceu até então. Ambos os grupos elaboraram vídeos para discorrer sobre o assunto.

O primeiro grupo construiu duas publicações, uma delas explicando o conceito (FIGURA 52) e outra o exemplificando a partir de um assunto que estava em alta no Twitter naquele período²⁷. O aluno começa o vídeo (FIGURA 53) com a seguinte fala:

Mano, já faz algum tempo que o twitter oficial do McDonald's no Japão publicou essa imagem aí, onde dá pra ver claramente um casal se alimentando de McDonald's com sua filha e esse post gerou uma repercussão no twitter, já que ele exemplifica um claro problema da sociedade japonesa, a falta de famílias unidas, já que muitas pessoas acabam se isolando na internet, onde esse mesmo post foi publicado.

Na sequência, ele recorre ao conceito de Sociedade da Informação, de Manuel Castells, para interpretar o fenômeno e finaliza relacionando esse problema

²⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=F98LqQt0Rd8>

²⁷ O vídeo pode ser assistido na íntegra pelo link:

https://www.instagram.com/p/C0P90zPrUdV/?img_index=2

social ao nosso cotidiano. Além disso, o post conta com edição de imagens, memes e uma explicação na legenda. O vídeo pode ser assistido através do QR CODE (FIGURA 54).

FIGURA 52 - POST INDÚSTRIA CULTURAL 2ºB



CULTURAL
INDUSTRY

A INDÚSTRIA CULTURAL É UM CONCEITO SOCIOLÓGICO QUE POSSIBILITA ENTENDER OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO. BUSCA COMPREENDER A FORMA DE PRODUÇÃO DA CULTURA DE MASSA NAS SOCIEDADES CAPITALISTAS.

SEGUNDO ADORNO E HORKHEIMER, OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SÃO PROPRIEDADES DE EMPRESAS E TODA EMPRESA POSSUI UM DONO OU UM GRUPO ECONÔMICO QUE REPRESENTA UMA CLASSE SOCIAL E OS SEUS INTERESSES.



imaginacaosociologica2b • Seguir

imaginacaosociologica2b (1/2) Primeira parte do trabalho de Sociologia, trio: Fernanda Domingues, Erika Salles, Ryan Matheus

Nota: O trio é responsável pelo tema Mídia Informação e Cultura, mas fora pertinente explicar o conceito de Indústria cultural na primeira parte...

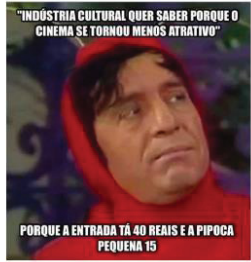
Editado • 25 sem Ver tradução



ADORNO E HORKHEIMER

ADORNO E HORKHEIMER ELABORARAM O CONCEITO DE INDÚSTRIA CULTURAL PARA EXPLICAR A FORMA COM QUE A ARTE É PRODUZIDA NO CAPITALISMO

OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA SÃO POR EXEMPLOS JORNAIS, REVISTAS, INTERNET, CINEMA, TELEVISÃO E RÁDIO.




VALEU PELA ATENÇÃO RAPAZIADA!

ERIKA SALES N°06
FERNANDA DOMINGUES N°09
RYAN MATHEUS N° 29

Fonte: Print da autora (2023)

FIGURA 53 - VÍDEO INDÚSTRIA CULTURAL



FIGURA 54 - QR CODE PARA O VÍDEO



A outra equipe seguiu pelo mesmo caminho. Um estudante faz a narrativa do vídeo²⁸ utilizando exemplos de desenhos animados que, no passado, foram construídos em cima de obras racistas (FIGURA 56). O vídeo também pode ser assistido através do QR CODE (FIGURA 55).

FIGURA 55 - QR CODE VÍDEO 2



²⁸ O vídeo pode ser assistido na íntegra a partir do link:
https://www.instagram.com/p/C0VGMzWL0Te/?img_index=1

FIGURA 56 - VÍDEO 2 INDÚSTRIA CULTURAL



Fonte: Print da autora (2023)

A turma do 2ºA de humanas também fez uma excelente contribuição nesse assunto. Em seu post, após explicarem o conceito, as alunas apresentam como exemplo Taylor Swift, a cantora pop que esteve em turnê no Brasil em 2023 e está sempre em alta nas notícias da indústria musical (FIGURA 57).

Já a turma do 2ºD escolheu outro caminho para sua abordagem na temática de “Mídia, informação e cultura”. O grupo utilizou uma tática das redes sociais para chamar atenção com uma manchete enganosa. Na primeira imagem apontam que irão contar uma fofoca sobre a professora. Na sequência, contam que quem clicou por causa disso foi vítima da manipulação das mídias e das *Fake News*. Então conceituam cada uma das ideias (FIGURA 58).

FIGURA 57 - INDÚSTRIA CULTURAL - TAYLOR SWIFT



Fonte: Print da autora (2023)

FIGURA 58 - MÍDIA, INFORMAÇÃO E CULTURA



Fonte: Print da autora (2023)

O segundo e já penúltimo assunto que conseguimos trabalhar em sala foi “Gênero e Sexualidade”. Como elemento inicial, exibi um curta-metragem da Disney chamado “The Little Prince(ss)” (2021). O Filme conta a história de um garoto de 7 anos que ama balé, bonecas e a cor rosa, e tem seus gostos validados por sua família, mas que são encarados com desconfiança pelo pai de seu amigo, que resolve intervir na amizade, ofendendo o menino e sua família. Com base nessa narrativa e nos comentários que os estudantes foram tecendo a respeito dela, caminhamos para o desenvolvimento da ideia de gênero como uma expectativa de comportamentos associada aos sexos. Na sequência, trabalhei de maneira mais conceitual com slides (FIGURA 59). Contando sempre com a participação ativa dos estudantes.

FIGURA 59 - SLIDES GÊNERO

1

SOCIOLOGIA

2ª SÉRIE - ENSINO MÉDIO

parte 1

ESTUDOS DE GÊNERO

2

Objetivo da aula

Entender as diferenças entre as noções de sexo biológico e de gênero e sua relação com a interseccionalidade.

☀️ Anotações valem nota de caderno na recuperação 😊

3

Você sabe como surgiram os Estudos de Gênero?

Até o início do século XX, não se diferenciava sexo e gênero. Acreditava-se que os aspectos biológicos determinariam os comportamentos humanos e sociais.

Na Antropologia, **Margaret Mead** foi a primeira mulher a realizar trabalho de campo e, em sua obra *Sexo e Temperamento* (1935), rompeu com o determinismo biológico sobre os comportamentos, hábitos, modos de agir, falar e sentir. O termo utilizado por ela foi “papéis sociais de sexo”

4

Contextualizando os Estudos de Gênero

Segundo Lucila Scavone (2008) as teorias sociais passaram a utilizar o conceito de gênero influenciadas pela 2ª onda do feminismo (1960 a 1980) e suas reivindicações por direitos.

Os estudos de gênero emergiram então, em um contexto histórico marcado por transformações culturais que trouxeram à tona diversas “vozes” silenciadas pelos discursos hegemônicos.

Houve uma desconstrução de um sujeito único e permitindo espaço para as chamadas sociais como as mulheres e os homossexuais.

Fonte: a autora (2023)

Além das postagens dos grupos responsáveis pelo assunto, a atividade em sala, que também serviu como aprofundamento do tema, foi a elaboração de uma fanzine²⁹ com o tema “Ser mulher no Brasil é...”. Baseada em uma matéria da Uol³⁰

²⁹ Inspirada no formato da revista de fãs, a fanzine em sala de aula consiste em uma espécie de mini livro elaborado com apenas uma folha de sulfite. Nela, os estudantes sintetizam suas ideias e confeccionam de acordo com sua criatividade.

³⁰ <https://www.uol.com.br/universa/especiais/ser-mulher-no-brasil-machuca/#ser-mulher-no-brasil-e-eter-jornada-maior-e-ganhar-menos>

intitulada “Ser mulher no Brasil machuca”, que trazia diferentes dados sobre desigualdade de gênero no Brasil, cada equipe de alunos escolheu um dos temas para produzir sua fanzine. Alguns exemplos de temas eram “Ser mulher no Brasil é perigoso”, que tratava de feminicídio, “Ser mulher no Brasil é ter pouca representatividade política”, “Ser mulher negra no Brasil é estar à margem da sociedade” e assim por diante. Desse material, realizamos um varal de exposição das atividades (FIGURA 60).

FIGURA 60 - FANZINES "SER MULHER NO BRASIL"



Fonte: a autora (2023)

Os trabalhos para o Instagram focaram mais no campo da identidade de gênero e orientação sexual, temas que também vimos em sala de aula, o que acabou complementando nosso leque de abordagens sobre o conteúdo, além de servir como um material informativo muito importante para a comunidade que acompanhava as páginas das turmas. A postagem a seguir é exemplo dessa perspectiva e foi elaborada pelo 2°C.

FIGURA 61 - POST GÊNERO



Fonte: a autora (2023)

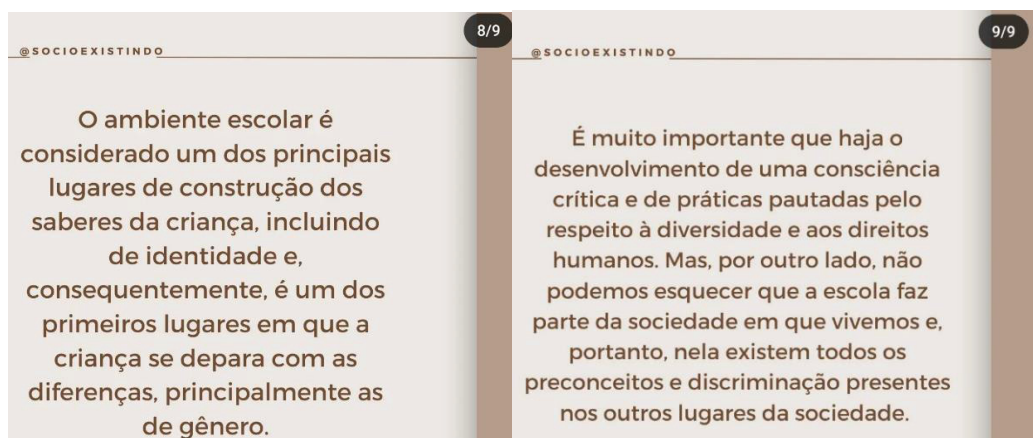
FIGURA 62 - GÊNERO E SEXUALIDADE



Fonte: print da autora (2023)

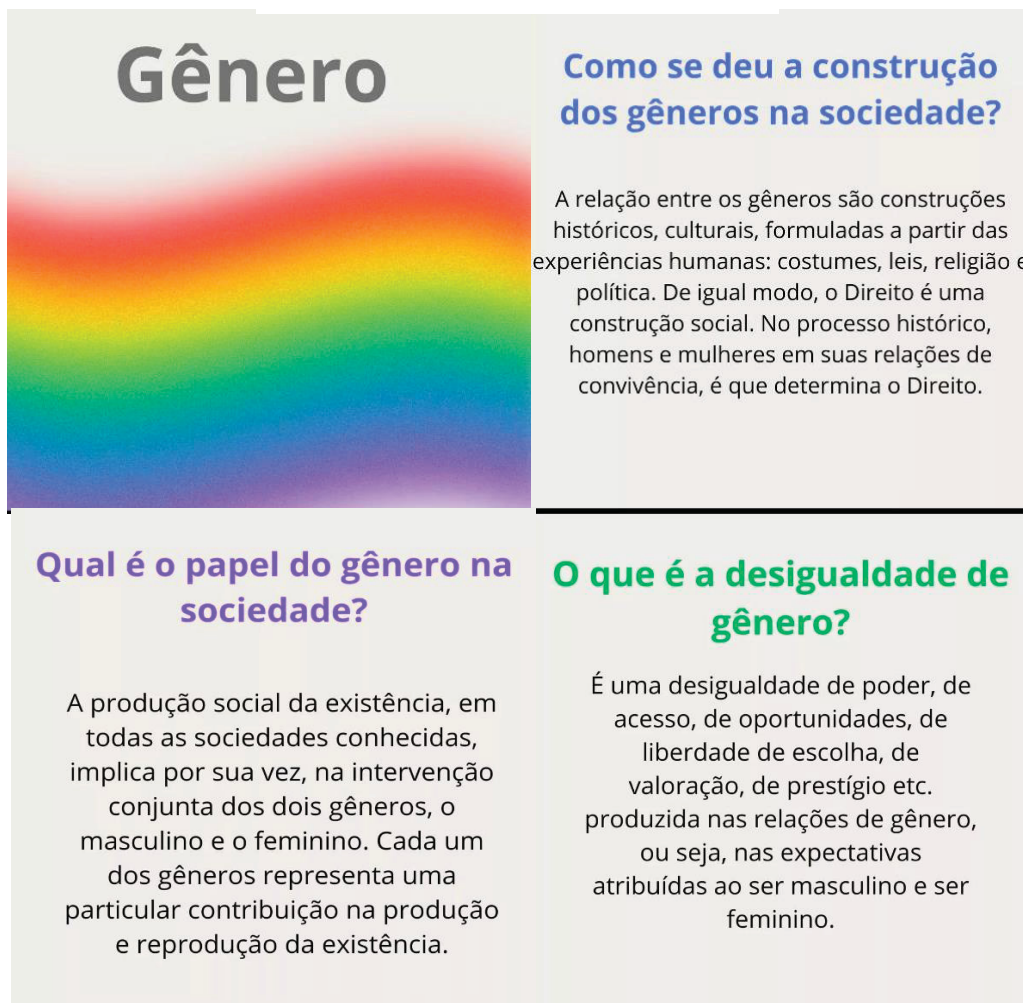
Dessa mesma turma, vale destacar posts com outros enfoques: um mais específico sobre como o espaço escolar impacta os adolescentes no que tange às suas identidades e sexualidades (FIGURA 63) e outro mais amplo a respeito do conceito de gênero (FIGURA 64).

FIGURA 63 - GÊNERO E AMBIENTE ESCOLAR



Fonte: print da autora (2023)

FIGURA 64 - GÊNERO



Fonte: print da autora (2023)

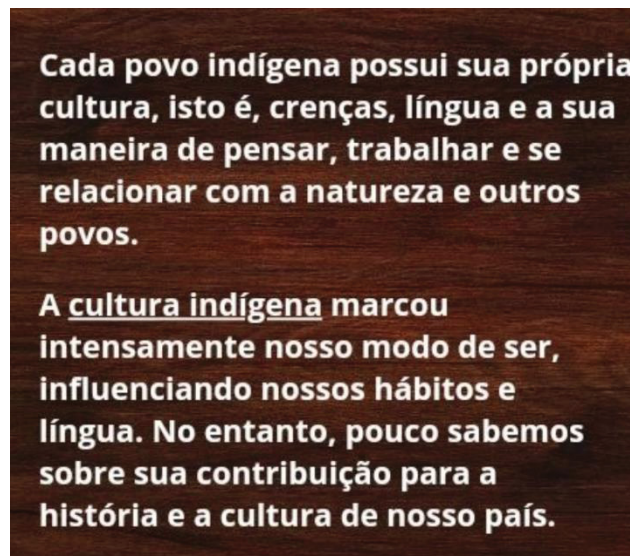
Para o último tema que conseguimos trabalhar em sala no ano, “Questão Racial”, usei uma abordagem conceitual no quadro, sobre racismo estrutural (FIGURA 65) e ideias de alguns autores, como Florestan Fernandes. Já a questão indígena, que estava programada para os estudos, não teve espaço. Logo, as postagens sobre ela ficaram mais genéricas. Ainda assim, puderam ser discutidas de alguma maneira a partir das postagens.

FIGURA 65 - POST QUESTÃO RACIAL



Fonte: print da autora (2023)

FIGURA 66 - QUESTÃO INDÍGENA



Fonte: print da autora (2023)

Para finalizar essa exposição da produção dos estudantes, vamos passear um pouco por outro uso que uma das turmas fez no Instagram: os *stories*. Para além da proposta das postagens no *feed*, o 2ºC aproveitou esse espaço durante boa parte do ano para compartilhar materiais relacionados à sociologia e questões sociais. Na sequência, vemos alguns desses registros.

FIGURA 67 - STORIES: ARTE E MÚSICA



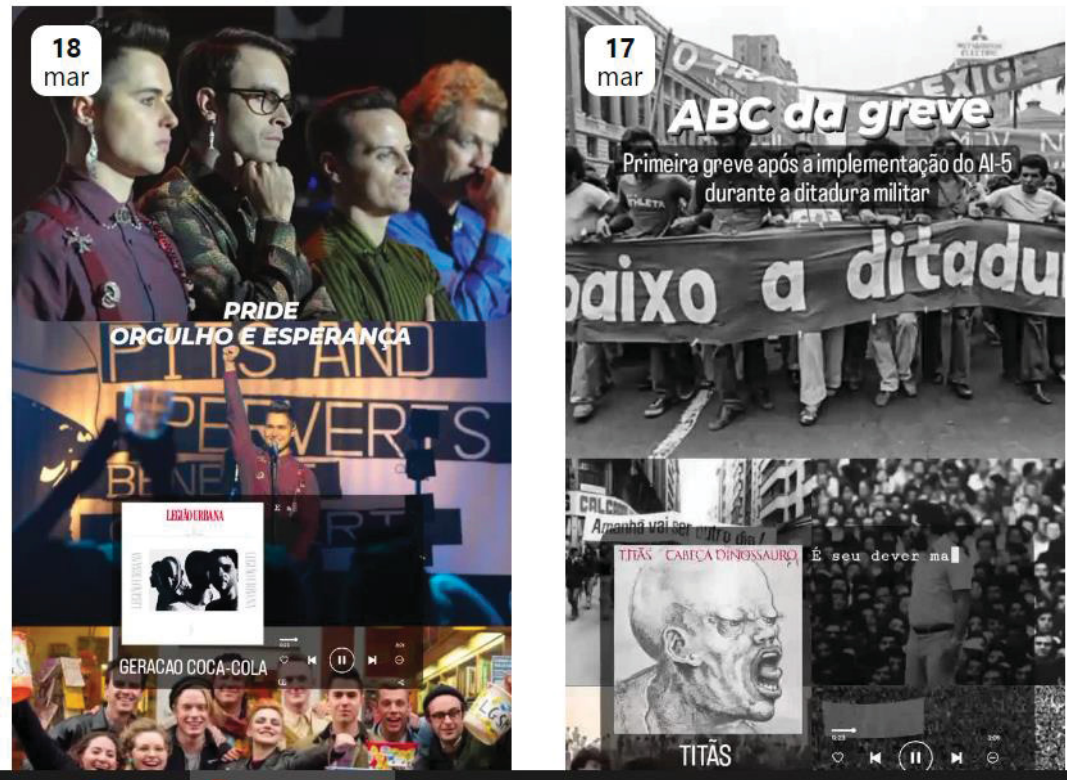
Fonte: print da autora (2023)

FIGURA 68 - STORIES MÚSICAS



Fonte: print a autora (2023)

FIGURA 69 - STORIES



Fonte: print da autora (2023)

FIGURA 70 - COMPARTILHAMENTOS



Fonte: print da autora (2023)

FIGURA 71 - MÚSICA MARVIN



Fonte: print da autora (2023)

FIGURA 72 - MÚSICA TITÃS



Fonte: print da autora (2023)

FIGURA 73 - NOTÍCIAS



Fonte: print da autora (2023)

FIGURA 74 - DISCRIMINAÇÃO RACIAL E NEM



Fonte: print da autora (2023)

FIGURA 75 - REVOGAÇÃO NO NEM/RECOMENDAÇÃO DE FILME



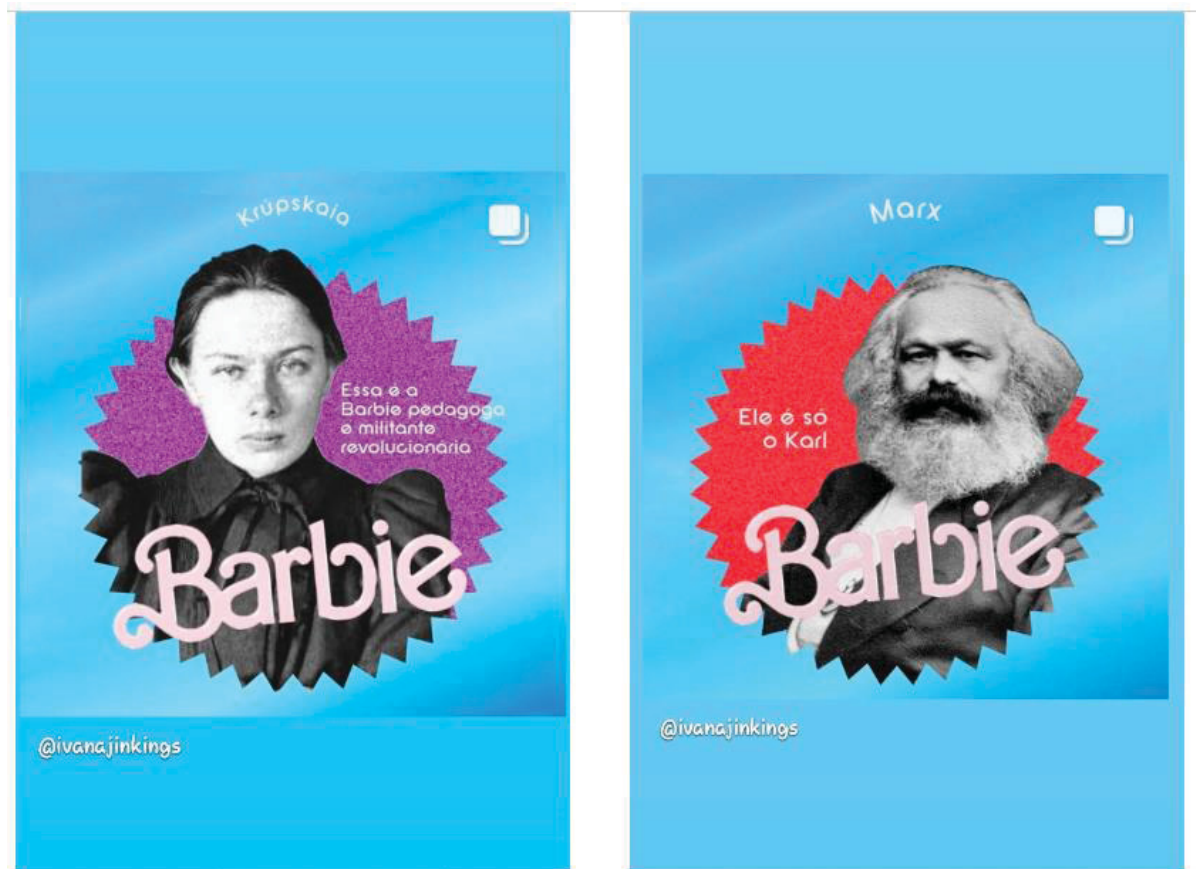
Fonte: print da autora (2023)

FIGURA 76 - PAULO FREIRE



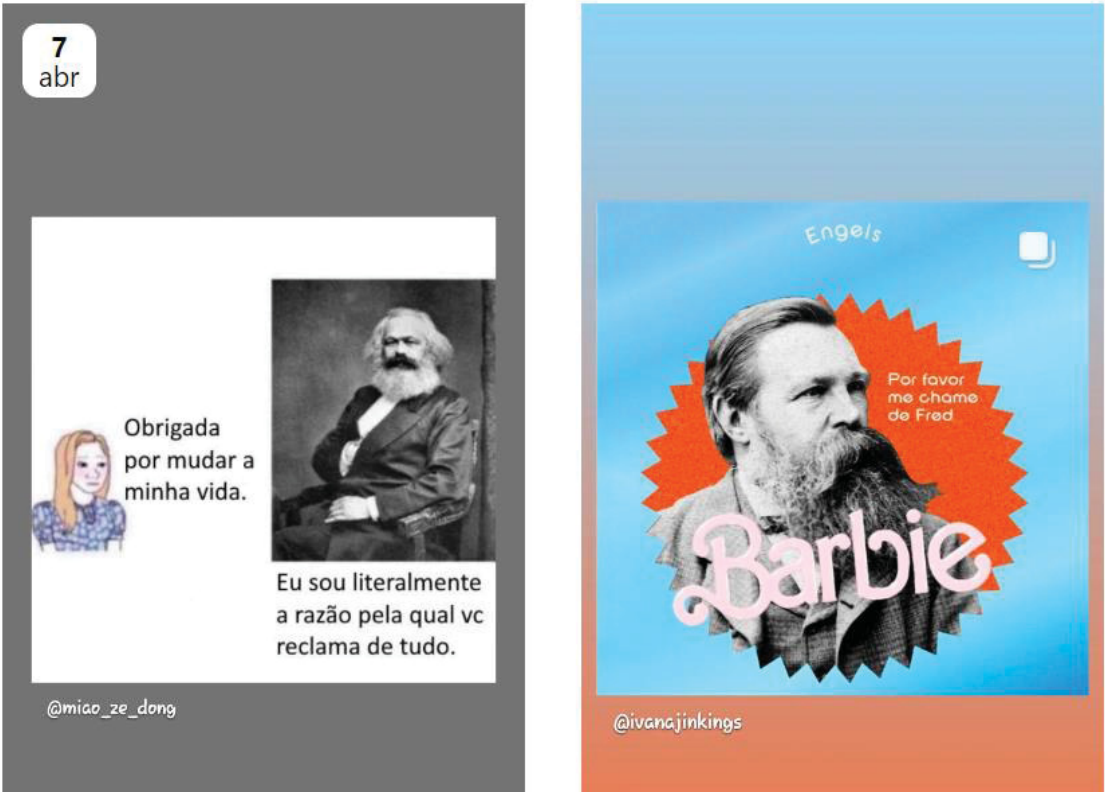
Fonte: print da autora (2023)

FIGURA 77 - MEMES FILME BARBIE



Fonte: print da autora (2023)

FIGURA 78 - MEMES



Fonte: print da autora (2023)

FIGURA 79 - MEME MARX/RECOMENDAÇÃO DE FILME



Fonte: print da autora (2023)

FIGURA 80 - LUTA ANTIRRACISTA/MEME MARX



Fonte: print da autora (2023)

FIGURA 81 - CHICO MENDES/REGISTRO PASSEIO



Fonte: print da autora (2023)

E assim encerramos a síntese do ano letivo, em um híbrido entre a sala de aula física e sua extensão nas redes sociais. Um pouco do olhar dos estudantes sobre a sociologia, suas criatividades e formas de lidar com o conhecimento obtido. A seguir, veremos a percepção dos estudantes quanto à proposta.

3.5.1 Percorrendo os mesmos caminhos, criando sentido juntos: o relato dos alunos

No fim do ano letivo, pedi para que os estudantes que tivessem interesse me relatassem sobre o que acharam da produção no Instagram. Coloquei algumas questões norteadoras, como a percepção dos familiares que acompanharam as páginas, o que acharam de acompanhar as criações dos colegas, pontos positivos e negativos que observaram e, principalmente, como se sentiram ao construir as publicações.

Um dos estudantes que se engajou bastante em sua página enviou seu relato em formato de áudio, que transcrevo aqui.

“Falando como foi fazer esses trabalhos no Instagram, eu acredito que de começo, assim, quando veio a ideia inicial, lá pelo começo do ano, você deve ter se perguntado assim, é, porque eu deveria fazer isso, porque a gente não faz um trabalho escrito que é muito mais tradicional e eu já tô acostumado? Ai, essa professora tá inventando moda, alguma coisa assim. É o que passa na cabeça da maioria. Mas aí, eu nunca fui de usar o Instagram, tanto que eu criei o Instagram por conta disso e agora não consigo parar de usar, então obrigado. Mas tipo, foi meu tapa na minha vida, tipo, por incrível que pareça, aprender a mexer com ferramentas, como edição de vídeo, e fazer isso pra algo como post no Instagram que todo mundo do colégio ia ver, não era só, tipo, você que ia ver, era tipo qualquer pessoa que quisesse ver, podia ver, tanto que eu fui ver o trabalho de outras pessoas, eu fiz isso comumente, porque eu sou curioso, mas tipo, é isso, assim, você se pergunta no começo do porquê fazer isso, mas depois você percebe que a capacidade de você atingir as pessoas com o que tu cria é gigante. Mesmo que o 2ºB não tenha a relevância que as outras turmas têm, eu acredito pelo menos, ou, comparado com as outras turmas, o 2ºB não teve tanta visibilidade assim no Instagram, só que tipo, mesmo assim, eu acredito que ter feito esse trabalho foi uma parte que eu desenvolvi muitas habilidades na minha vida. Eu aprendi a fazer trabalhos em grupos, aprendi a pesquisar melhor, principalmente falando do meu trabalho sobre indústria cultural, porque foi aquele trabalho assim que eu realmente fiz por mim, esse trabalho da indústria cultural foi um trabalho que eu fui atrás do que eu gostava, tipo, eu vi esse meme do Twitter lá do McDonald's do Japão, eu falei cara, eu tenho que fazer um trabalho sobre isso, porque é literalmente isso que é indústria cultural, eu preciso, porque é algo que tá no meu cotidiano, que eu vi, que eu dei risada desse meme e depois eu entendi o quão a gente podia se aprofundar nele, e tipo, foi umas das coisas mais legais que eu fiz ano passado, sem brincadeira. Eu falei de algo que eu acho legal, que eu tava inserido, que eu conhecia, algo que tem todos os meus interesses assim, nesse post, e tipo, eu que fiz, eu que editei, adoro aquele trabalho. Então, saber que eu fiz algo assim, mesmo

que poucas pessoas vejam, ter feito isso pra um trabalho de algo que eu gosto, que é literalmente a única coisa que me faz ter energia, como eu tô fazendo coisas pra alguém ou pra algo que eu gosto é uma experiência cativante, eu faria com certeza de novo. Acredito ser melhor que os trabalhos escritos, mas tratando-se especialmente de sociologia, assim, claro que dá pra você viabilizar pra qualquer matéria, dá pra fazer um trabalho de química no Instagram, só que eu acho que, o Instagram tá mais relacionado com a parte social, entende?” (RYAN, 2023)

Outra aluna, bastante ativa na proposta e das mais academicamente aplicadas, enviou seu relato por escrito no WhatsApp:

“O processo da utilização das redes sociais em meio escolar, dirigido pela professora Aline, trouxe a inovação que esperamos em nosso ambiente estudantil. Atualmente, é comum em nossas escolas a grande frequência em que utilizamos de aparelhos tecnológicos para fins de aprendizado, trabalhos, pesquisas e outros. Mas ainda assim, essa correlação entre os meios fornecidos pelo sistema e o que o aluno consome em seu dia a dia, era falha. Uma vez que pisamos o pé para fora a escola e nos desconectamos completamente de qualquer coisa relacionada a ela, mesmo utilizando durante o dia todo dos meios que está disponibilizado para estudo, podemos perceber o quanto é vago o espaço entre a tecnologia e o meio estudantil. O projeto da professora Aline em utilizar de uma rede social verdadeiramente habitada por seus estudantes, trouxe a conexão que tanto esperamos entre o estudo e o aluno. Nos dias atuais, é quase impossível personalizarmos o conteúdo que consumimos nas redes sociais, para que vejamos informações úteis e verdadeiras. A capacidade do ser humano de assimilar grande volume de dados e fatos, infelizmente ainda é falha, contudo, o que consumimos durante horas nas redes sociais, podendo ser apenas uma disseminação de fatos, afeta cada vez mais na forma em que pensamos e estruturamos os assuntos dentro e fora do meio estudantil. Eu como aluna, afirmo que a experiência de ter em minha rede social mais utilizada, conteúdos que vejo em sala de aula de forma divertida e eficiente, me trouxe aprendizados que memorizei, assim como memorizo os memes e conteúdo da internet. Criar posts verdadeiros, sem a disseminação das redes, ensinando a meus colegas e a qualquer pessoa que vê-lo no feed, guardando de forma eterna todo o nosso esforço, não foi somente divertido, mas sim inovador, memorável. Uma experiência de conexão com a escola que imaginei que não teria fora dela, ou quando deixá-la.” (MALU, 2023)

Os próximos relatos, um pouco mais curtos, também foram entregues por escrito. Alguns virtualmente e outros em papel. David, o aluno do noturno que mais se engajou na atividade, escreveu que “a oportunidade de expressar minha criatividade foi enriquecedora. A troca de ideias e o ambiente colaborativo durante a atividade contribuíram para uma experiência memorável.”

Já o estudante Colt, da turma de exatas do Chico Mendes apontou que “o trabalho de sociologia com posts no Instagram foi uma atividade dinâmica que nos permitiu pesquisas e descobertas mais avançadas, foi uma boa experiência”. Outra estudante dessa mesma turma afirmou que “as atividades nesse formato renderam

mais conhecimento e entendimento sobre a matéria”. Ainda dessa turma, Sara discorreu que “é uma maneira interativa de ser avaliado, que nos dá a possibilidade de memorizar a matéria com muito mais facilidade, e passar esse conhecimento para mais pessoas de forma divertida e com personalidade.”

Em uma das turmas de humanas, a aluna Vitória contou: “Uma forma melhor de visualização e contato com a turma, pois o Instagram é um meio muito usado por todos. A tecnologia hoje é para todos, além de divertido poupamos tempo nas aulas e deixamos registrado para o resto da vida”. Sua colega Larissa também deixou seu ponto de vista e mencionou sobre alguém de fora da escola que acompanha a página: “Eu gostei, trouxe uma ideia de aprender diferente. Minha cunhada viu a página e achou super dinâmica, bem explicada e moderna”. Os pontos mencionados por Luiz também ressaltam as pessoas de fora: “Leva conhecimento para algumas pessoas de fora do colégio. Eu acho legal pois tem coisas que eu não sabia e estou aprendendo com alguns posts”. A aluna Aline traz relatos com relação a seus familiares:

“Gosto de poder mostrar para nossos seguidores sobre nosso conhecimento e nossa criatividade, mostrando a eles o que aprendemos. Minha mãe e meu irmão mais velho viam a página comigo, ele até lembrou que estudou sobre Max Weber e sempre gostou de suas ideias.”

A estudante Gleici reforça alguns dos apontamentos anteriores e acrescenta um ponto negativo, relacionado aos colegas de turma que nem sempre se dedicaram às postagens: “Acho que pode ajudar pessoas de fora a entender melhor as coisas que envolvem sociologia. Um coisa ruim é que alguns alunos não se esforçam e colocam qualquer coisa e acaba prejudicando quem lê a plataforma”.

Já para Isabelli, da mesma turma, o próprio formato requer mais esforço dos estudantes: “É um bom incentivo para fazer uma pesquisa mais aprofundada sobre determinado assunto e colocar esforço na realização da atividade. A apresentação não tão formal misturada com sua natureza rápida de consumo não espanta a audiência de ler sobre o assunto sem medo.” O aluno Leandro reforça uma de nossas hipóteses: “Com os posts podemos conhecer a sociologia de várias formas, por exemplo: por memes.” Já a Gabriela focou no aspecto metodológico: “Pra mim é algo diferente, fora da rotina, outra metodologia de ensino, sem ser a tradicional de passar conteúdo, explicar e termos que copiar, etc. É menos cansativo e mais interessante”. E para Heliana:

“Ajudou a descobrir novas formas de enxergar a sociologia. Hoje os meios de comunicação são por aplicativos e celular com internet, e as pessoas gostam de navegar atingindo o público de estudantes. Mostrei a página para meu namorado e ele disse que é algo atual onde pode-se ver que os alunos se esforçam para aprender.”

Na outra turma de humanas, a aluna Stephany discorre: “A ideia de produzir conteúdo educativo pelo Instagram é consideravelmente inovadora, é uma experiência muito legal. E ainda acaba sendo melhor para aprender a matéria, já que para produzir o trabalho os alunos precisam se aprofundar no tema”. Sua colega Mariane acrescentou: “Foi muito bom porque facilitou nossas vidas, muito mais prático”. O aluno Gabriel retomou o compartilhamento com pessoas de fora:

“É mais prático e mais pessoas podem ver nosso trabalho. Além das pesquisas feitas para o trabalho, nós temos que organizar cada etapa do tema, assim tendo que se aprofundar na sociologia. Mostrei a página para minha irmã e ela achou muito interessante e gostou do trabalho de direitos humanos. Disse que direitos humanos são importantes na sociedade de hoje.”

Por fim, o aluno Alex, um dos responsáveis pelos posts de filmes, relatou: “Basicamente eu misturei algo que eu gostava com as atividades da escola o que facilitava muito fazer. Como eu procrastino muito, com as atividades de sociologia eu sempre fazia antes em vez de deixar para a última hora. Deixou de ser algo chato, uma tarefinha de casa. E ter a liberdade de fazer do jeito que você quer é muito melhor”.

Os relatos desses estudantes, sem a obrigação acadêmica realizá-los, trazem a sincera percepção que tiveram em suas experiências com a atividade. Mais do que observar o que produziram, saber o que eles pensaram sobre suas práticas e as dos colegas nos permitiu ter acesso à voz desses meninos e meninas. Tais comentários corroboram a tese de que o uso de uma plataforma familiar e amplamente utilizada pelos alunos permitiu uma personalização do aprendizado e possibilitou a disseminação do conhecimento para além dos muros da escola, atingindo também familiares e outros observadores externos.

4. DA LOUSA AO FEED: ANALISANDO A INTERVENÇÃO

No mês de dezembro, já no final do ano letivo, começaram a surgir alguns burburinhos na escola do noturno sobre uma ouvidoria³¹ feita no núcleo de educação, direcionada ao meu projeto com os estudantes. Quando fui chamada na pedagogia para esclarecer, tratava-se de uma denúncia feita por outra professora da escola, que argumentava que eu estava abrindo mão dos conteúdos do RCO+ Aulas³² e obrigando os estudantes a postarem atividades no Instagram. Embora pareça uma questão pessoal que a professora tivesse comigo, na verdade, era parte de uma estratégia dela de denúncias frequentes sobre a escola com o intuito de afastar o diretor atual. Ainda assim, é de grande relevância que nossa proposta metodológica tenha sido colocada em pauta dessa forma.

A direção e a equipe pedagógica tinham conhecimento das páginas, é claro. Ainda no início do ano, apresentei todo o planejamento ao pedagogo, que aprovou a ideia, principalmente levando em consideração as aulas assíncronas. Então, em resposta à denúncia, a equipe escolar esteve ao meu lado na defesa do projeto. Precisei fazer a justificativa, e a fiz baseada nas orientações metodológicas da própria secretaria de educação, com suas metodologias ativas e incentivo ao uso das novas tecnologias digitais. Além disso, todos os conteúdos abordados seguiram estrategicamente o planejamento do RCO. A equipe também corroborou comigo porque tinha conhecimento não só das páginas e trabalhos dos estudantes, como também conhecia a percepção dos estudantes sobre elas. Chegaram a mencionar a qualidade dos trabalhos e os comentários que os alunos faziam sobre as aulas e seu empenho na criação dos posts. A vice-diretora, inclusive, encaminhou prints das páginas ao núcleo de educação, em defesa de meu trabalho.

Chamo a atenção para o caso justamente por ele tocar na dicotomia entre tradição e inovação. Por mais que a professora tivesse seus motivos para tal

³¹ O sistema de ouvidoria funciona através do site: www.educacao.pr.gov.br. Segundo ele, “O Agente de Ouvidoria da Seed é o servidor encarregado da recepção, resposta e encaminhamento das solicitações, críticas, sugestões, reclamações, denúncias e elogios”. As denúncias podem ser feitas de forma nominal ou anônima. Nesse caso, e na maioria deles, infelizmente, a denúncia foi feita de forma anônima, e passando-se por pais de alunos. Apenas sabemos se tratar de uma professora, porque ela compartilhou com colegas que nos contaram. Essas denúncias estão sendo feitas de forma muito recorrente nos últimos quatro anos, e, a maioria delas é feita por professores e funcionários que faziam parte da antiga equipe gestora da escola e discordam das gestões atuais.

³² Trata-se do sistema de registro de classe online, onde constam os slides prontos de aula e que são fortemente recomendados pela SEED.

implicância, ela aproveitou de sua inconformidade com as atividades que ousaram transgredir a lógica do quadro, giz e caderno. O mais interessante é que, analisando os resultados de nosso projeto, percebemos que, na verdade, ao mesmo tempo em que é muito inovador, é também bastante tradicional. Os alunos e alunas não deixaram de aprender sociologia básica com essa forma avaliativa. Eles aprenderam bem, ou até melhor do que aprenderiam com metodologias exclusivamente tradicionais e expositivas, porque puderam relacionar o conteúdo com seus gostos pessoais e o fizeram à sua maneira, conforme o modo como gostariam de fazer e como podiam fazer. Nós usamos a linguagem das redes sociais para ensinar a mesma sociologia que buscamos ensinar desde que a matéria entrou para o currículo do ensino médio, e buscamos desde sempre fazer com que os estudantes pensem sociologicamente sobre aspectos pertinentes do mundo em que vivemos.

Ressaltamos aqui que, como abordado no capítulo teórico com base nas ideias de Young e Biesta, não deixamos o conteúdo nem o conhecimento historicamente herdado de lado. Não trabalhamos uma proposta metodológica por si só, que coloca o aluno em atividade, mas não se importa com o que ele aprende. Apesar de não revisar os conteúdos produzidos pelos alunos antes de postarem, a fim de corrigir possíveis erros conceituais ou mesmo gramaticais, por optar em deixar prevalecer seus olhares, sempre tive uma preocupação em não deixar que o conteúdo chegasse reduzido demais até eles. Inclusive, relendo os relatos dos estudantes, percebo que, através das páginas, eles acabaram tendo muito mais contato com os conteúdos de sociologia em seu dia a dia, do que teriam com as aulas e atividades apenas na classe. Seja preparando suas postagens durante a semana, seja zapeando o feed da rede e deparando-se com as postagens de outros grupos ou outras turmas. Apesar do alcance das páginas não ter sido imenso, cada uma delas teve em média 100 seguidores (o que já é três vezes mais do que o número de estudantes em sala); esses estudantes puderam ver além da abordagem dos sociólogos ou da professora sobre as temáticas, observando como seus pares se relacionavam com as questões sociológicas. No retorno que os discentes deram, enfatizaram muito essa possibilidade de poder compartilhar o que produziam com outras pessoas – dentro ou fora do colégio –, e é por meio desses hipertextos que o social pôde ser ensinado e aprendido.

Menciono também um caso ocorrido no final do último trimestre, quando a pedagoga do ensino fundamental me contatou para comentar sobre os posts de

questão racial. Ela, uma mulher negra que, à luz das atividades sobre o Dia da Consciência Negra nas paredes da escola, queria elogiar os trabalhos que viu nas páginas dos estudantes. Segundo ela, as atividades em cartazes, ao invés de conscientizar, reforçavam algumas posturas racistas, pois tratavam de desenhos estereotipados de mulheres negras. Em contrapartida, os posts que ela viu traziam informações importantes sobre racismo, reconhecimento e identificação. Ela ficou emocionada ao citar os posts, parabenizou o trabalho dos estudantes e incentivou a proposta das páginas. Esse relato demonstra, além da qualidade dos trabalhos dos alunos, os pequenos impactos inesperados. Fico imaginando quantas outras pessoas – que não soubemos do retorno – também foram alcançadas por alguma postagem.

Retomando agora outro aspecto levantado no início do texto, sobre a batida – porém importantíssima – abordagem de educação que considera as experiências e realidades dos estudantes, podemos afirmar que essa intervenção consegue aproximar-se da realidade dos alunos e que essa realidade é, sobretudo, linguística. Temos como interlocutores as primeiras gerações a ter essas vivências com as mídias digitais –em especial, relacionadas à educação –, e aí está a importância de estudar e experimentar práticas relacionadas à educação e novas tecnologias, mas principalmente olhar para os usos que os adolescentes fazem delas de maneira contextual. Se antes a maneira como as pessoas aprendiam a estudar era exclusivamente por texto em papel, essa geração tem outros meios de produzir e comunicar o conhecimento. E além de considerar as experiências já vividas pelos estudantes, a intervenção também os convida a fazer coisas novas, a criarem e a inventarem. Abrimos ali um campo para a liberdade, para a autonomia. Autonomia essa que possibilitou alguns trabalhos excepcionais e originais, como os que interpretam filmes e séries a partir dos temas destinados a eles, ou os que falam da aula na academia de ginástica. Isso possibilitou também algumas atividades mais básicas, que só organizaram o conhecimento. E aí entramos em outro ponto dessa metodologia.

Nem sempre a originalidade e criatividade sobressaíram-se nas entregas dos estudantes. Nem todos os grupos optaram por relacionar os temas com coisas incríveis extraescolares. Muitos fizeram postagens que se assemelham com atividades comuns que poderiam ter sido aplicadas em cartazes dentro de sala, apenas expandindo o ambiente. E muito disso se dá pela sobrecarga de tarefas que

o novo ensino médio e a plataformização no Paraná impõem sobre eles. Se nosso trabalho inovou utilizando as redes sociais como brecha pelo caminho de existência e escolha dos alunos, ele também fortaleceu a sobrecarga de atividades solicitadas em plataformas. Semanalmente essas turmas de 2º série precisavam dar conta de redações na plataforma da “Redação Paraná”, leituras no “Leia Paraná”, cálculos no “Matemática Paraná”, traduções no “Inglês Paraná”, e atividades de todas as disciplinas no “Desafio Paraná”. Além da “Prova Paraná” trimestral com conteúdos de todas as matérias e as provas e tarefas fora desses ambientes. É possível imaginar que não tivessem tanto fôlego para destinar unicamente às postagens de sociologia. Nem sempre sobrou tempo para a criatividade. Então, argumento que o Instagram foi um espaço para quem gosta e consegue criar, mas não deixou de ser também um espaço prático para contemplar aqueles que faziam trabalhos mais simples.

Finalizo apontando para a dimensão de contingência em nossa metodologia. O contexto em que ela se dá é no pós-pandemia, em meio à redução de carga horária para a disciplina e com metade das aulas do noturno sendo de forma assíncrona. Como dar uma boa aula de sociologia em condições tão precárias e desafiadoras? E assim experimentamos essa metodologia, que permitiu estender a aula para outra dimensão, e assim render mais, criar mais e criar melhores condições de aprendizado.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com Ingold, lá no início, pensamos sobre educação como pessoas conduzindo suas vidas juntas. Acima de tudo, essa intervenção me impacta como docente e afeta minha relação com os estudantes. Se em minha adolescência as redes contribuíram para minha educação informal, depois elas alcançaram a interação entre meus alunos e eu, justamente no momento de distanciamento social, agora elas integraram minhas aulas. Nessa busca de um caminho entre as reflexões sociológicas, as vivências dos estudantes e as metodologias de ensino, encontrei uma brecha na proposta pedagógica descrita. Estar aberta à linguagem das redes me aproximou muitas vezes de meus alunos e permitiu que estivessem vulneráveis, aprendendo juntos.

Buscando uma forma de aprofundar a sociologia, perante a redução de aulas causada pelo Novo Ensino médio, a intervenção pedagógica permitiu que eu buscasse as melhores formas de dar aulas e abriu espaço para que os estudantes pudessem encontrar diferentes sentidos nas aulas de sociologia. No primeiro contato que tiveram com a sociologia, encontraram liberdade, troca e inúmeras possibilidades. Nesses trabalhos, encontramos uma centralidade de memes nos formatos, tal qual o retrato do brasileiro na internet e os temas com maior ênfase, estavam relacionados à Marx, que por relevância ou polêmica, costuma sempre chamar a atenção das turmas.

As páginas inspiraram outros docentes nos arredores. O professor de geografia da escola, inspirado por minhas turmas, iniciou um projeto em outra rede social com suas turmas. A professora de sociologia da cidade vizinha também viu e propôs atividades no Instagram. Obtive contato até de uma professora no município de Toledo, que passou a utilizar essa ferramenta com seus estudantes a partir do que viu nas produções de meus alunos. A intervenção não termina nela mesma, mas se estende a outros professores, outras turmas e, espero, que possa também influenciar outras pesquisas sobre ensino e novas tecnologias.

Com esse formato de atividades, foi possível mobilizar muitos elementos das subjetividades desses adolescentes, como a capacidade de pesquisa e criatividade. Além disso, os estudantes construíram uma visão da sociologia como uma área do conhecimento que pode ser aplicada e mobilizada de diferentes maneiras. Nesse

espaço em que os adolescentes já expressavam suas identidades e interesses, agora puderam entrelaçá-los às questões sociais.

Há pontos de atenção a se mencionar quando apontamos o uso dos recursos digitais em campo educacional. Enquanto afirmo que a escola se distancia das vivências dos adolescentes nas redes sociais, por outro lado, ela tenta se aproximar cada vez mais da tecnologia, mas de uma maneira totalmente arbitrária e descolada da realidade. Como no exemplo das plataformas, em que as escolas fornecem e obrigam o uso de internet e informática, desde que restritos às plataformas desenvolvidas pela secretaria. Devido à alta demanda de tarefas e tantas cobranças sobre os alunos para acessar tais plataformas em diferentes matérias escolares, no decorrer do projeto muitas das postagens acabaram ficando menos ousadas. Sendo assim, ainda cabe a nós, docentes e pesquisadores da escola, a continuar buscando o equilíbrio nas formas de ensino com uso de tecnologia, levando em consideração o que querem nossos estudantes.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt; LEONCINI, Thomas. **Nascidos em tempos líquidos**. Zahar, 2018. p. 96.

bell, hooks. (2013). In: **Ensinando a transgredir**: educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes.

BIESTA, Gert. Boa educação na era da mensuração. **Cadernos de pesquisa**, v. 42, n. 147, p. 808-825, 2012. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/cp/v42n147/v42n147a09.pdf>. Acesso em 01 mar. 2023.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação. 2018. (Introdução e Estrutura da BNCC, p. 5-34; A área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 561-579). Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>> Acesso em 08 jul. 2022.

BRASIL. **Portaria n. 343, de 17 de março de 2020**. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. Brasília: Casa Civil, 2020b. Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>. Acesso em: 3 jan. 2023.

BRASIL. **Portaria n. 345, de 19 de março de 2020**. Altera a Portaria MEC nº 343, de 17 de março de 2020c. Brasília: Casa Civil, 2020c. Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>. Acesso em: 3 jan. 2023.

CAMPOY, Leonardo Carbonieri. (2021). Ensinar Sociologia fazendo sociologia: memórias e notas de uma pessoa que aprende, ensina e ensina a ensinar Ciências Sociais. **Ensino de Sociologia em Debate**, 11(1): 1. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/lenpes-pibid/pages/arquivos/11%20Edicao%20Dossie%20Educacao%20Juventudes%20e%20Desigualdades/03CAMPOY%20Leonardo%20Carbonieri.%20Ensinar%20Sociologia%20Fazendo%20Sociologia%20Memorias%20E%20Notas%20De%20Uma%20Pessoa%20Que%20Aprende%20Ensina%20E%20Ensina%20A%20Ensinar%20Ciencias%20Sociais.pdf>. Acesso em 02 jul. 2022.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. Redes sociais de internet numa escola de ensino médio: entre aprendizagens mútuas e conhecimentos escolares. **Perspectiva**, v. 35, n. 2, p. 395-421, 2017. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2017v35n2p395/pdf_1 Acesso em 02 nov. 2022.

Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL). (n.d.). Observatório COVID-19 na América Latina e Caribe - Impacto econômico e social. Nova York, NY: CEPAL – Nações Unidas. 2020
Disponível em: <https://www.cepal.org/es/topics/covid-19> Acesso em 07 jul. 2022

DE SOUZA, Guilherme Nogueira. **O uso de redes sociais virtuais como ferramenta pedagógica**: uma experiência no ensino de sociologia. CEDUCE. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/ceduce/2018/TRABALHO_EV111_M D1_SA6_ID149_04052018233853.pdf Acesso em: 14 nov. 2022.

DOMINICANO, Cassia; ADRIÃO, Theresa. Financiamento do Novo Ensino Médio: o setor privado pega carona. Coletiva, Recife, n. 31 Coletiva. set.out.nov.dez. 2022. Disponível em: https://www.coletiva.org/files/ugd/683a6e_69ac5b5962b441ae8725662ed3238a28.pdf Acesso em 13 ago. 2024.

DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2012.

Educação e tecnologias digitais [livro eletrônico]: **desafios e estratégias para a continuidade da aprendizagem em tempos de COVID-19** / [editor] Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. — 1. ed. — São Paulo, SP: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2021. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/7/20211208105553/estudos_setoriais-educacao-e-tecnologias-digitais.pdf Acesso em 07 jul. 2022.

FACIOLI, Lara Rodrigues; DO PRADO, Juliana. Usando bem, que problema tem? Pânicos morais, mídias digitais e juventude no Brasil. **Interfaces da educação**, v. 9, n. 25, p. 158-183, 2018. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/2240> Acesso em 09 nov. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GRIMM, Viviane; SOSSAI, Fernando Cesar; SEGABINAZZI, Marília. BALL, **Stephen J. Educação Global SA: novas redes de políticas e o imaginário neoliberal**. Tradução de Janete Bridon. Ponta Grossa: UEPG, 2014. 270 p. **Práxis Educativa**, v. 11, n. 3, p. 850-854, 2016. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/8863/5215> Acesso em 15 ago. 2024.

GUIMARÃES, L. M. S. **O ensino remoto emergencial e o mal-estar docente**: uma análise dos seus impactos sobre as condições de trabalho dos professores de sociologia no Estado do Paraná diante da pandemia de covid-19. 72 f. Dissertação (Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO) - Setor de Ciências Humanas, da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021.

HARASIM, Linda et al. **Rede de aprendizagem**. Um guia para o ensino e aprendizagem online. São Paulo: Senac, 2005.

INGOLD, Tim. **Antropologia e/ou educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

Instituto de Estatística da UNESCO (UIS) e Relatório de Monitoramento da Educação Global (Relatório GEM). **Cumprindo os compromissos: os países estão no caminho certo para alcançar o ODS 4?** Paris, FR: UNESCO, Relatório GEM. 2020. Disponível em: <https://en.unesco.org/gemreport/node/3094> Acesso em: 12 jul. 2022.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público**. Londrina: Ed. Planta, 2004.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: 34, 1999.

Nações Unidas (ONU). **Resumo da política: Educação durante o COVID-19 e além**. Nova York, NY: ONU. 2020. Disponível em: <https://unsdg.un.org/resources/policy-brief-educationduring-covid-19-and-beyond>. Acesso em 12 jan. 2022.

NOVAK, J. D.; GOWIN, D. B. **Aprender a aprender**. 2. ed. Lisboa: Plátano Edições Técnicas. 1999.

ROGERS, C. **Liberdade para Aprender**. Belo Horizonte: Ed. Interlivros, 1973.

SANTOS, MP dos; ROSA, E. P. Disrupção da educação: Um olhar sobre a exclusão digital de estudantes de baixa renda na pandemia. **Revista Educação Pública**, v. 23, n. 5, 2023. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/23/5/disrupcao-da-educacao-um-olhar-sobre-a-exclusao-digital-de-estudantes-de-baixa-renda-na-pandemia>. Acesso em 01 mar. 2024.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012. 222 p.

SILVA, W.O. **Entre currículos e plataformas educacionais: a precarização do trabalho dos professores de Sociologia no Paraná**. 2024. 196 p. Dissertação de Mestrado em Sociologia (ProfSocio). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2024.

TOREN, Christina. "Mente, materialidade e história". In: BANNELL, R., MIZRAHI, M. e FERREIRA, G. **Deseducando a educação: mente, materialidade, metáfora**. Rio de Janeiro: Editora PUC, 2020. Disponível em: [http://www.editora.puc-rio.br/media/Deseducando_a_educacao_ebook%20\(1\).pdf](http://www.editora.puc-rio.br/media/Deseducando_a_educacao_ebook%20(1).pdf). Acesso em 10 mar. 2023.

YOUNG, Michael FD. O futuro da educação em uma sociedade do conhecimento: o argumento radical em defesa de um currículo centrado em disciplinas. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, n. 48, p. 609-623, 2011. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/v16n48/v16n48a05.pdf> . Acesso em 01 mar. 2023.